

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP**

Bárbara Conceição de Oliveira Barbosa

**CIBERCULTURA, COMUNICAÇÃO-DISPOSITIVO
E DEPENDÊNCIA**

*Oikonomia em tempo real e disponibilidade do humano
na era da mobilidade glocalizada*

DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

São Paulo
2013

BÁRBARA CONCEIÇÃO DE OLIVEIRA BARBOSA

**CIBERCULTURA, COMUNICAÇÃO-DISPOSITIVO
E DEPENDÊNCIA**

***Oikonomia em tempo real e disponibilidade do humano
na era da mobilidade glocalizada***

Tese de Doutorado apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em Comunicação e Semiótica pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PEPGCOS/PUC-SP).

Orientador: Prof. Dr. Eugênio Rondini Trivinho.

Área de Concentração: Signo e significação nas mídias

Linha de Pesquisa: Cultura e Ambientes Midiáticos

São Paulo
2013

BANCA EXAMINADORA

À Trindade, em sua providência.
Aos meus familiares, pela presença em todas as horas
e por partilharem comigo os *habitus* do cotidiano não glocal.
Ao Pe. Fabrizio, pela confiança e incentivo.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por sua *oikonomia* trinitária, e a todos os que se *dispõem* a manifestar sua ação providencial no mundo.

Agradeço, de coração, aos meus queridos familiares pelo amor, carinho, amizade, orações e apoio incondicional de sempre: à minha mãe, Nazaré (*in memoriam*) e a meu pai, Jaime, às minhas irmãs Augusta, Fátima, Maria do Carmo, Rita e aos meus irmãos Afonso e Jaime, às minhas tias Jandira e Jacira, aos meus sobrinhos, primos e cunhadas.

Ao CNPq e à CAPES, pelo apoio imprescindível ao desenvolvimento desta Pesquisa. À Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pela disponibilidade da estrutura necessária à consecução do curso de Doutorado e pela atuação da Pastoral Universitária.

A Eugênio Trivinho, pela amizade, atenção, paciência, dedicação e incentivo com que desenvolveu o processo de orientação ao longo de todo meu percurso acadêmico. Aos professores do PEPGCOS-PUC/SP, que contribuíram sobremaneira para as reflexões que deram ensejo a esta Tese. À Cida (do PEPGCOS/PUC-SP), pelo apoio necessário em nosso caminho acadêmico junto ao COS. Aos colegas pesquisadores do CENCIB, pela interlocução sempre profícua acerca das questões que perpassam a civilização tecnológica atual. A todos os colegas do COS, pela acolhida amiga e pelo intercâmbio de conhecimentos.

Ao Tribunal Regional do Trabalho da 8ª Região, na pessoa da atual Presidente Odete de Almeida Alves, pela concessão das licenças necessárias para a realização do curso de pós-graduação. Aos colegas de trabalho, sem cujo apoio e compreensão não teria sido possível o desenvolvimento de mais esta etapa acadêmica, da Secretaria de Gestão de Pessoas, de forma especial aos colegas do Setor de Pagamento de Pessoal, nas pessoas de João Jorge Lima e Teresa Campos, e da Secretaria de Gestão Estratégica, na pessoa de Thiago Reis e Rodopiano Neto.

Agradeço, de modo particular, ao Fr. Eldi Silva, pela amizade e escuta atenta e humilde, e ao Pe. Fabrizio Meroni, pela amizade, confiança e, sobretudo, pelas orações e ensinamentos sobre a vida na Trindade. Aos amigos Lygia Souza e Márcio Monteiro, pelo companheirismo e incentivo em todo o percurso acadêmico. Aos freis Agostinianos Recoletos e às Irmãs de Santa Marcelina de São Paulo/SP, pela amizade e auxílio constantes. A todos os amigos com quem convivi em Belém e em São Paulo ao longo desse período.

Obrigada a todos!

Estariamos todos nessa espécie de “inércia frenética”,
agitação múltipla que nos dá a ilusão de atividade,
de vida, de vivência real.
Marcondes Filho (2005, p. 67)

RESUMO

A presente Tese tem como objeto a análise da vinculação do humano em relação aos meios comunicacionais interativos móveis, no contexto social-histórico da cibercultura, entendida como configuração material, simbólica e imaginária de época, proveniente das transformações tecnológicas ocorridas a partir da segunda metade do século XX. O principal objetivo da reflexão é apreender a lógica da mobilidade dotada de suporte infotecnológico na imbricação com o fenômeno da dependência estrutural obliterada. Busca-se mapear e explicitar as causas e implicações do contexto de acoplamento dos indivíduos, bem como questionar a condição em que eles se encontram nesse processo civilizatório. A problemática aí implicada refere-se à condição de autonomia dos sujeitos em processos de vinculação cada vez mais intensa em relação à máquina, que permanecem no plano pré-simbólico, não se colocando socialmente como dependência estrutural. Como hipótese principal de trabalho, vislumbra-se que a premência de viver em mobilidade amplamente perpassada por conexão em tempo real se deve ao gerenciamento e controle de necessidades imbuídas de urgência, a serem diuturnamente alimentadas e executadas em contextos interativos móveis, sem que isso configure conscientemente obediência a regras do regime cibercultural. A pesquisa se fundamenta nas reflexões de Bauman, Harvey, Jameson, Lyotard (pós-modernidade); Breton (utopia da comunicação); Baudrillard e Sfez (no que se refere à autorreferencialidade da comunicação); Virilio (sociodromologia); Trivinho (cibercultura, dromocracia cibercultural e fenômeno glocal); Bourdieu (conceito de *habitus*); Baudrillard, Bauman e Lipovetsky (em questões relacionadas à sociedade de consumo); Lafontaine, Le Breton, Rüdiger, Sfez e Sibilia (imaginário tecnológico e condição do humano na civilização atual); Breton e Flusser (artifício e comunicação), Heidegger e Rüdiger (no tocante à questão da técnica), entre outros autores relevantes. Tais conceitos e tendências são articulados mediante reflexão crítica fincada na apreensão fenomênica de processos socioculturais e históricos relacionados ao modo de ser da civilização mediática atual, sempre na direção do questionamento sobre a condição do sujeito nessa mesma civilização. O desenvolvimento desta reflexão viabilizou a análise e o esclarecimento de fatores que estão na base da vivência sociotecnológica cotidiana, inerentes sobretudo às mudanças engendradas pelo investimento social na mobilidade interativa, contribuindo-se, igualmente, para o desenvolvimento da epistemologia crítica na área de Comunicação, no campo de estudos sobre *media* e redes informáticas em sua configuração atual.

Palavras-chave: cibercultura; dependência estrutural obliterada; comunicação-dispositivo; *oikonomia* glocal; mobilidade glocalizada; disponibilidade glocal cibercultural.

ABSTRACT

This thesis analyzes humans' connection with interactive mobile communication media in the social-historical context of cyberculture, understood as the material, symbolic and imaginary configuration of a time resulting from the technological transformations that took place in the second half of the 20th century. The main objective of the reflection is to understand the logic of mobility endowed with info-technological support in its close interconnection with the phenomenon of obliterated structural dependence. We seek to chart and explain the causes and implications of the context of individuals' coupling, and also to question their condition within this civilizing process. The problem implied is that of the independence of subjects undergoing processes of increasingly intense connection with machines; these processes remain in the pre-symbolic plane, not presenting themselves socially as structural dependence. As the main hypothesis of this work, we consider that the urgent need to live in a condition of mobility widely infused with real-time connection is due to the management and control of urgent needs that are fed and executed on a long-lasting basis within mobile interactive contexts, although this does not consciously constitute obedience to the rules of the cybercultural regime. The research is based on the ideas of Bauman, Harvey, Jameson, Lyotard (post-modernity); Breton (communication utopia); Baudrillard and Sfez (regarding the self-referential aspect of communication); Virilio (sociodromology); Trivinho (cyberculture, cybercultural dromocracy and global phenomena); Bourdieu (the concept of *habitus*); Baudrillard, Bauman and Lipovetsky (on questions related to the consumer society); Lafontaine, Le Breton, Rüdiger, Sfez and Sibilia (technological imaginary and the human condition in present civilization); Breton and Flusser (artifice and communication), Heidegger and Rüdiger (regarding the issue of technique), among other relevant authors. These concepts and tendencies are articulated by means of a critical reflection based on the phenomenic understanding of the sociocultural and historical processes related to the manner of being of the present mediatic civilization, questioning the condition of the subject within this same civilization. This reflection has enabled the analysis and clarification of factors underlying daily socio-technological experience, inherent especially to the changes brought about by social investment in interactive mobility, contributing also to the development of critical epistemology in the area of Communication, in the field of studies of the media and computer networks in their present configuration.

Key words: cyberculture; obliterated structural dependence; communication-device; glocal *oikonomia*; glocalized mobility; glocal cybercultural availability.

SUMÁRIO

NOTA INTRODUTÓRIA.....	11
PARTE I – CIBERCULTURA, <i>HABITUS</i> E DISPOSITIVO GLOCAL	
CAPÍTULO I - O CONTEXTO CIBERCULTURAL E O FENÔMENO GLOCAL	16
1. A cibercultura	17
1.1. Comunicação como utopia e a cibernética.....	19
1.2. Regime da velocidade, pós-moderno e revolução informática	21
2. O fenômeno glocal.....	25
2.1. Nova categoria epistemológica	25
a) Glocal e sua gênese.....	26
b) Glocal como categoria teórica crítica	27
2.2. O processo de glocalização	28
a) Glocal <i>stricto sensu</i>	29
b) Glocal <i>lato sensu</i>	30
CAPÍTULO II - <i>HABITUS</i> E DISPOSITIVO GLOCAL	32
1. O <i>habitus</i> na vida cotidiana glocalizada	33
1.1. Práticas sociais cotidianas e o <i>habitus</i> em Bourdieu	34
1.2. <i>Habitus</i> glocal: considerações sobre o <i>habitus</i> mediático no cotidiano cibercultural	37
2. O glocal como dispositivo	43
2.1. Contribuições do significado de <i>oikonomia</i>	44
2.2. <i>Oikonomia</i> e glocal	47
2.3. Comunicação-dispositivo.....	52

PARTE II – COMUNICAÇÃO-DISPOSITIVO, DEPENDÊNCIA ESTRUTURAL OBLITERADA E ESTADO CONECTIVO CIBERCULTURAL

CAPÍTULO I - ARTIFÍCIO, TEMPO REAL E COMUNICAÇÃO-DISPOSITIVO55

1. A comunicação e o artifício55
2. *Oikonomia* em tempo real.....59

CAPÍTULO II - DEPENDÊNCIA ESTRUTURAL OBLITERADA..... 65

1. Elementos favorecedores da dependência estrutural66
2. Características gerais da dependência estrutural68
3. Dependência, *habitus* e glocal como dispositivo.....70

CAPÍTULO III - O ESTADO CONECTIVO COMO SENTIDO DA EXISTÊNCIA CIBERCULTURAL.....72

1. O glocal como suporte às *necessidades urgentes ciber culturais*.....73
2. Exposição em tempo real.....78

PARTE III – MOBILIDADE E DISPONIBILIDADE GLOCAIS

CAPÍTULO I - MOBILIDADE GLOCALIZADA E DEPENDÊNCIA EM RELAÇÃO AO GLOCAL MÓVEL.....84

1. Dromocracia e *oikonomia* glocal85
2. *Princípio da mobilidade glocal*87
3. O corpo na *mobilidade glocalizada*91

CAPÍTULO II - DISPONIBILIDADE HUMANA AO GLOCAL E “LIBERDADE” GLOCALIZADA95

1. Comunicação-dispositivo, obliteração da dependência estrutural e disponibilidade do humano ao glocal96
2. “Liberdade” glocalizada e ausência do glocal 102

CONCLUSÃO 109

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 113

NOTA INTRODUTÓRIA

A presente reflexão é um desdobramento da pesquisa desenvolvida no Mestrado, então dedicada à análise do fenômeno da dependência estrutural obliterada do humano em relação aos meios interativos, buscando apreender suas especificidades e os elementos que favorecem tal contexto. Alguns dos conceitos que serviram de base para essa pesquisa permaneceram como pilares de grande relevância para a consecução da presente articulação teórica.

O termo *dependência*, nesta reflexão, possui raiz no verbo *pender* (do latim *pendere*), que pode significar “estar suspenso” (no caso de coisas) ou “estar inclinado a” (no caso de pessoas). O verbo *dependere*, dele derivado, por sua vez, possui o sentido de “sujeição ou subordinação a algo” ou “estar sob o arbítrio de algo”. Tomando-se o conceito em sua etimologia, pode-se aplicá-lo ao contexto sociocultural, no âmbito geral, e mais especificamente na esfera comunicacional, sem que isso implique em análise de questões patológicas. Por outro lado, a tentativa de “despatologização” (se assim se poder chamar) do conceito de dependência, com o fim de auxiliar nas explanações das implicações da relação humano-máquina na cibercultura, já foi objeto de reflexão (BARBOSA, 2008), bastando lembrar que o conceito de dependência possui um amplo leque de aplicações em outras áreas do conhecimento. Dentre as mais conhecidas estão a economia, que utiliza o conceito em relação a países dependentes economicamente de outros, e a psicologia, que trata das formas patológicas de dependência. Como o objetivo da presente análise não é abordar o termo dependência sob esses prismas, mas de relacioná-lo e expandi-lo ao âmbito sociocultural, torna-se possível sua abrangência a todas as áreas de atuação humana, inclusive aos âmbitos de vivência em tempo real, como ocorre na civilização atual.

Embora as discussões e proposições sobre a temática, vez por outra, possam envolver todos os tipos de meios comunicacionais capazes de tempo real, a intenção teórica é dar enfoque aos meios comunicativos interativos em seus suportes tecnológicos móveis. Buscou-se fazer esse recorte visando à análise da configuração mais atualizada em matéria de *media*, na sua confluência com o fenômeno da dependência estrutural. Além disso, tal configuração – isto é, interativa e móvel – é a que tende a perdurar no processo civilizatório em curso, pela portabilidade e mobilidade de que está imbuída. E ainda que os meios de massa, bem como os

meios interativos em sua modalidade fixa, permaneçam abundantemente presentes no cenário tecnológico e comunicacional atual, individual ou institucionalmente, o modelo de equipamento, os modos de acesso e as características estético-funcionais estão fundamentalmente orientados a seguir a tendência dos *media* interativos móveis.

No âmbito desta reflexão, a dependência estrutural obliterada é, então, o fenômeno por excelência, a partir do qual se desencadeiam as reflexões em torno de todas as demais categorias especificadas e analisadas. Entretanto, para se atingir a análise das novas categorias aqui apreendidas, foi necessário recorrer, como já dito, a definições sem as quais não se perfaz totalmente o panorama de abordagem desta temática. Entre essas conceituações está a de cibercultura, oriunda da epistemologia crítica de Eugênio Trivinho (2001, 2007), que faz referência à organização societária de época, denominada pelo autor de civilização mediática avançada, e que remete à lógica da velocidade como sistema vigente na articulação da civilização hodierna, perpassada dos meios interativos e redes informáticas. Em conjunção a esse cenário, serão apresentados temas relacionados à origem da teoria cibernética e da expansão que granjeou a comunicação como valor utópico a partir da difusão dos princípios ideológicos ciberneticistas, conforme reporta Breton (1992, 1995).

Também foi necessária a remissão ao conceito de dromologia, de Paul Virilio (1996b), que se funda na velocidade como vetor do desenvolvimento das sociedades em cada época histórica. Nessa perspectiva, Trivinho (2007) cunhou a definição de dromocracia cibercultural, que abrange a significação do regime sociodromocrático fundamentado na velocidade e na atualização ininterrupta de bens e serviços infotecnológicos. A lógica da aceleração inerente a ambos os enfoques alicerça o princípio de mobilidade favorecido pelas infotecnologias móveis e se torna de extrema importância para o desenvolvimento da presente análise.

Outra relevante chave teórica para perfazer a compreensão da época cibercultural é a categoria do glocal, conforme refletida criticamente por Trivinho para explicitar o surgimento dos meios comunicacionais capazes de tempo real, desde o telégrafo sem fio, e que se deixou entrever mais evidentemente com o processo de expansão das infotecnologias no cotidiano. Na análise de como o fenômeno glocal está implicado na relação humano-máquina, consequentemente, buscou-se referenciar o conceito de *habitus* de Bourdieu (1983, 2001), o que engendrou a categoria dos *habitus* glociais em referência às disposições incorporadas nos contextos glociais, pela internalização dos hábitos que se desenvolvem na experiência em tempo real.

Para expandir ainda mais o alcance dos conceitos anteriormente citados na explicitação do fenômeno da dependência estrutural obliterada às infotecnologias móveis, uniu-se a eles a definição de dispositivo em Agamben (2009, 2011), pela proveitosa carga conceitual crítica de que este se reveste. Ainda que o autor o tenha laborado no âmbito de reflexões políticas, o questionamento que o conceito traz em seu bojo, em relação à captura dos indivíduos em diversos processos de subjetivação, concede novos ares à reflexão crítica sobre a vinculação do humano aos dispositivos interativos. Tornou-se possível, então, a aproximação da categoria do glocal à conceituação de dispositivo, viabilizando a apreensão da natureza propriamente dispositiva do glocal. A partir dessa conjunção, vislumbrou-se, mais especialmente, as características de gerenciamento e controle e, ainda, o caráter de urgência de que estão imbuídas as ações dadas em tempo real.

A apreensão das contribuições que essas características dispositivas do glocal poderiam trazer para a compreensão do processo de intensificação da dependência estrutural, sobretudo com o desenvolvimento dos glocals móveis, permitiu aprofundar reflexões acerca do *status* de “soberania” concedido à comunicação, em virtude de sua caracterização como relacionalidade *ad infinitum*. Logo, nessa condição, ela demonstra seu aspecto de captura dos indivíduos e instituições, isto é, revela seu caráter dispositivo. Tal perspectiva do fluxo comunicacional, que perpassa os dispositivos em tempo real, vem ao encontro da análise dos fatores que subjazem ao fenômeno de dependência obliterada do humano em relação aos meios comunicacionais interativos móveis e suas implicações no plano individual e social. Percebeu-se que a vinculação ao glocal e a ação dispositiva do fluxo comunicacional, ao mesmo tempo, pressupõem e engendram soluções para necessidades construídas no ambiente social-histórico, que envolvem o humano em todas as suas dimensões: material, simbólica e imaginária. Em vista disso, cria-se a necessidade de um “estar conectado”, cujas condições são possíveis pelos serviços de transmissão glocal, disponíveis 24 horas ao dia, para suprir o desejo de exposição em tempo real.

Para auxiliar na articulação das questões concernentes ao imaginário tecnológico em torno da comunicação, foram também imprescindíveis as contribuições teóricas de autores como Lucien Sfez, Céline Lafontaine, Francisco Rüdiger, Paula Sibilia e David Le Breton, cujas reflexões, que perpassam os planos social-histórico, cultural, político e antropológico, abrangem aspectos relacionados intrinsecamente à condição do corpo e da subjetividade humana na época atual.

Ao adentrar na especificidade do glocal interativo móvel, descortinou-se a possibilidade de relacionar o aspecto dispositivo do glocal à “premente” necessidade de

glocalização da mobilidade humana, por meio dos recursos e dispositivos informáticos sem fio, hoje em vigor. O panorama da ciberdromocracia se configura como pano de fundo que impulsiona as pessoas a se manterem em dia com o que há de mais recente em termos de infotecnologias. O corpo entra nessa lógica como aquele que precisa se readaptar às novas exigências da vivência em tempo real, permanecendo, em vista disso, sujeito a cada nova invenção tecnocultural. A disponibilidade do humano à existência em tempo real, como conceituação que tem por base a reflexão de Heidegger acerca da técnica moderna – que mantém todas as coisas no plano de recursos utilizáveis para submissão ao cálculo e ao controle –, é imprescindível na análise da submissão de indivíduos e instituições ao estilo de vida tecnológico, apesar de todo o contexto cibercultural se mostrar articulado com o discurso de maior liberdade. Concluiu-se pela necessária ponderação tanto da sujeição quanto da liberdade que se apresenta nesse contexto.

A correlação articulada entre as categorias, há pouco elencadas, demonstrou-se capaz de fomentar ainda mais o pensamento crítico, no que tange à condição de submissão do ser à lógica dromocrática cibercultural, que estimula, sempre com maior veemência, o acoplamento do humano às infotecnologias.

PARTE I

CIBERCULTURA, *HABITUS* E DISPOSITIVO GLOCAL

CAPÍTULO I – O CONTEXTO CIBERCULTURAL E O FENÔMENO GLOCAL¹

As esperanças uma vez postas na humanidade estão se reaglutinando ou investindo toda a sua força no automatismo, no maquinismo e na informatização. O espírito de utopia se projeta para além do fetichismo da mercadoria, instalado que está na pesquisa tecnológica e, via cibercultura, no nosso cotidiano. Rüdiger (2008, p. 226-227)

O presente capítulo está dedicado à explanação da epistemologia crítica da cibercultura, de Trivinho, como fundamentação para explicitação do contexto de época em que vive a civilização tecnológica atual. O autor define a cibercultura como configuração societária hodierna, perpassada pela produção, aquisição e utilização de redes e meios comunicacionais interativos. Para a compreensão desse contexto social-histórico, serão apresentados, primeiramente, aspectos da teoria cibernética e de sua influência para o alargamento da definição de comunicação como valor utópico, que permitem melhor compreender o contexto da era cibercultural. Serão ainda levantadas algumas de suas mais importantes características, como a lógica da velocidade, que rege o cenário tecnológico, o processo transpolítico que lhe é próprio e sua imbricação com a cultura pós-moderna.

Para completar esse panorama contextual, far-se-á necessária a abordagem da categoria do glocal, conceituação também apreendida por Trivinho, ao dissecar a significação social-histórica da época atual. O fenômeno glocal, presente como invenção tecnocultural desde o final do século XIX, como contexto mediático em tempo real, só foi possível ser captado com mais clareza no âmbito da cibercultura. Uma das razões que fez com que o glocal pudesse ser melhor apreendido nesta época de reescalamentos mediáticos, segundo o autor, é o aprofundamento do acoplamento entre humano e máquina. Tal perspectiva vem ao encontro da análise dos fatores que subjazem ao fenômeno de dependência obliterada do humano em relação aos meios comunicacionais interativos móveis e suas implicações no plano individual e social.

¹ O contexto e definições abordados na primeira parte desta reflexão (excetuando-se o capítulo sobre os *dispositivos glocals*) já foram objeto de análise ao longo da Dissertação de Mestrado (BARBOSA, 2008). Entretanto, faz-se necessária a retomada das temáticas, com maior detalhamento, tendo em vista que a presente Tese é o aprofundamento das questões da vinculação do humano aos meios interativos, tratadas na Dissertação, dando-se ênfase atualmente à relação com os aparatos interativos móveis.

A expansão do processo de incorporação das infotecnologias ao cotidiano não é senão resultado do processo de glocalização da existência, que se espalha para todos os âmbitos de atuação humana. Essa lógica influi sobremaneira na intensificação das práticas dadas em tempo real, que pressupõe a vinculação sempre mais constante do humano às infotecnologias.

1. A cibercultura ²

Antes de abordar mais diretamente a temática da dependência estrutural do humano em relação aos meios interativos móveis, é necessário especificar qual o conceito de cibercultura que servirá de base para a análise desse fenômeno na presente reflexão, considerando que o referido termo não apresenta definição unânime entre as várias áreas de conhecimento, sendo objeto de divergência também no campo da Comunicação.

O termo cibercultura, no contexto deste estudo, encontra-se baseado na definição laborada por Trivinho (2001, 2007), que a compreende como configuração societária de época. A origem da cibercultura está situada em meados do século XX, após a II Guerra Mundial – coincidindo particularmente com o desenvolvimento da cibernética e do alargamento da definição de comunicação como valor utópico, conforme será indicado no tópico a seguir ao se abordar a teoria de Philippe Breton (1992). Em vista disso, o conceito de cibercultura será explanado após a apresentação geral sobre a teoria cibernética e sua influência no conceito de comunicação para esclarecer as imbricações históricas e ideológicas que ambas possuem entre si. Entretanto, a definição de cibercultura aqui referenciada está intrinsecamente imbricada também ao fenômeno pós-moderno como um estado diferente de coisas relacionado à descrença em relação ao projeto moderno.³ Isto porque o pós-moderno surgiu como forma de contraposição aos ideais da modernidade, fundados na técnica, na ciência e na razão. A época moderna foi um momento histórico marcado pela Revolução Industrial, desde o século XVIII e, conseqüentemente, por revoluções sociais, culturais, políticas, econômicas e técnicas imbuídas do sonho iluminista de progresso. Isso solidificou a

² Neste tópico, as referências à teoria cibernética e à noção de comunicação como valor utópico estão baseadas na reflexão crítica de Philippe Breton (1991, 1992, 1995). O surgimento dessa utopia, segundo o autor, teria se originado na teoria cibernética de Norbert Wiener. Os conceitos de dromologia e dromocracia estão baseados em Paul Virilio (1996b). As abordagens acerca da imbricação entre comunicação, pós-modernidade e dromocracia cibercultural, por sua vez, encontram-se fundamentadas na epistemologia crítica da cibercultura, de Eugênio Trivinho (2001, 2007).

³ Para detalhes sobre as transformações social-históricas e culturais relativas à pós-modernidade, como a crise das grandes narrativas, a pulverização do sujeito, a crise de legitimação por parte das categorias provenientes da época moderna etc., vejam-se Bauman (1998, 2001), Harvey (1992), Jameson (1997) e Lyotard (2002).

força autônoma da técnica, que desde essa época histórica passou a constar como propulsora do progresso humano, porém culminou nas grandes Guerras Mundiais do século XX.

Esse modo de desenvolvimento da técnica moderna foi objeto de reflexão de Heidegger, que a compreende a partir da herança deixada pela metafísica ocidental, tendo fundamento no esquecimento do ser – verificado na separação entre ser e ente na herança metafísica –, e no abandono do ser – com o advento do niilismo.⁴ Na concepção do filósofo sobre a técnica, “a essência da técnica não é, de forma alguma, nada de técnico” (HEIDEGGER, 2008, p. 12), e essa essência está relacionada propriamente ao modo de revelação do ser no fazer técnico. Assim, tanto o modo de desencobrimento da técnica tradicional quanto da técnica moderna são modos de desvelamento do ser; porém, a primeira se estabelece de forma *poética* (artesanal), a última, pelo apelo exploratório da natureza somente como *dis-ponibilidade*, pautado no gerenciamento, no controle, no asseguramento e no automatismo. Como consequência, o desenvolvimento dessa herança metafísica se tornou fundamento dos princípios da cibernética, espargindo seus efeitos até a civilização tecnológica atual em moldes ciberculturais.

A teoria cibernética, por sua vez, contribuiu para o alargamento da definição de comunicação como valor utópico, bem como com o desenvolvimento da informática ao longo da segunda metade do século XX. Os avanços ocorridos na área da microeletrônica e a rápida evolução da informática concorreram progressivamente para a aceleração na produção de artefatos infoeletrônicos e o gradual espargimento das redes eletrônicas, em diversas modalidades e extensões, ao redor do mundo. A civilização tecnologicamente assentada em princípios originados na teoria cibernética e engendrada pelos ditames de um processo comunicacional levado às últimas consequências como vínculo social, além de fatores sociais de imaginário de época próprios da era cibercultural, contribuíram sobremaneira para a construção desse cotidiano humano que constantemente “respira” ares cibertecnológicos. A cibercultura se originou desse contexto de avanço progressivo da área informática e das transformações socioculturais dele decorrentes, com o consequente surgimento das tecnologias digitais, dentre as quais estão os meios de comunicação interativos e as redes digitais.

Após esse breve histórico, passa-se a especificar o panorama social-histórico e cultural que fundamenta (e também perpetua) o fenômeno da dependência estrutural em que se

⁴ Para aprofundamentos sobre o pensamento do autor, vejam-se Heidegger (1999, 2008), Casanova (2009), Reale & Antiseri (2006), Rüdiger (2006) e Assis (2011).

encontram os indivíduos em relação aos meios comunicacionais capazes de conexão em tempo real.

1.1. Comunicação como utopia e a cibernética

Na busca de melhor compreensão da gênese da civilização tecnológica, conforme hoje a conhecemos, faz-se necessário remontar às bases do que foi a teoria cibernética em sua origem, por volta dos anos 1940, para se apreender como os ideais difundidos por esta corrente de pensamento moldaram a definição de comunicação como utopia. Torna-se importante o histórico acerca da cibernética, pois demonstra como a comunicação alcançou a prerrogativa que hoje possui. Breton, inclusive, aponta a teoria como a impulsionadora principal dos esforços de cientistas e pesquisadores, das várias áreas do conhecimento, no sentido de alavancar o progresso científico.

A cibernética nasceu a partir da nova visão de mundo de Norbert Wiener, que almejava a construção de um campo interdisciplinar com as várias áreas do conhecimento organizadas em torno do eixo da comunicação. Esta teoria possuía caráter ideológico, porque tinha como principal meta libertar o mundo do estado de entropia no qual se encontrava, por meio do livre fluxo de informações. Uma sociedade assim renovada, fundamentada na comunicação e no consenso racional, seria uma autêntica alternativa às ideologias políticas tradicionais vigentes à época, que sofriam gradual descrença. Com isso, a comunicação alcançou amplo valor social e político, em virtude da promessa do fluxo descentrado de informações. Todo esse contexto esteve relacionado à crise de valores ocorrida após a II Guerra Mundial, quando a comunicação veio suprir o vazio deixado pelas ideologias da modernidade. Afinal, a comunicação representava um valor de conteúdo não moralista.

Dessa forma, a busca de desenvolvimento tecnológico possuía um caráter ideológico, segundo Breton,⁵ pois alimentava as esperanças de reerguer o mundo sobre as bases de uma sociedade autogovernada e livre, na qual a informação seria o ponto principal de onde o mundo deveria partir para se auto-organizar e viver harmonicamente. A auto-organização dependeria da utilização do potencial comunicacional tanto dos seres humanos quanto de seus colaboradores, as “máquinas inteligentes” (BRETON, 1992, p. 53-54), que, nesse ínterim, já se encontrariam niveladas àqueles pelo fato de ambos apresentarem complexidade na permuta de informações. Isso, então, tornava similares seres humanos e máquinas. Como a cibernética

⁵ Breton (1991, 1992, 1995) aborda, em várias obras, as questões históricas relacionadas à teoria cibernética, à invenção do computador e ao caráter ideológico de que foram imbuídos esses fenômenos.

apostou na importância da capacidade de troca de informação dos seres que se comunicam, ela pôs no mesmo nível o ser humano e as máquinas inteligentes, pois ambos poderiam manter relações comunicativas e aprender com essas relações. Breton aponta as quatro proposições cibernéticas que impeliram a esse nivelamento:

O texto de Norbert Wiener apoia-se, assim, em quatro grandes proposições. Todos os objectos do universo existem sob uma forma informacional, que lhes é essencial. Todo o universo é constituído pelas diferenças equivalentes ao seu comportamento. O comportamento de todos os objetos no universo são comparáveis numa mesma escala, que apenas toma em conta o critério da complexidade. De um ponto de vista informacional, não há fronteira de separação entre o humano e os outros objectos que compõem o universo. Destas quatro proposições nasce uma representação do humano como ser transparente e racional. (BRETON, 1995, p. 125).

Esta concepção contribuiu para o ideal dos cientistas envolvidos na construção de máquinas que interagissem com os seres humanos e entre si, culminando no amplo desenvolvimento de projetos tecnológicos ocorridos nessa época. A visão de mundo e do ser humano centrada no conceito de informação, difundida pela cibernética, vinha ao encontro do caráter anárquico de governo desejado por Wiener, em contraponto ao sigilo de informação característico do período da Guerra Fria. A comunicação como valor estava restrita, a princípio, ao campo científico. Entretanto, posteriormente, foi objeto de ampla divulgação por meios científicos, ensaísticos, literaturas de ficção e futurólogos, o que contribuiu para o alargamento do conceito de comunicação como valor utópico e central na sociedade, bem como favoreceu amplamente o surgimento do conceito de sociedade da informação, conforme investigação histórica de Phillipe Breton (1992).

A teoria cibernética arrefeceu após a morte de seu fundador, porém seu princípio ideológico continuou sendo levado a termo por vários cientistas, que permaneceram empenhados no desenvolvimento de técnicas que possibilitassem a construção da sociedade livre a partir do potencial informacional. Nesse lastro, para Breton, encontra-se a invenção do computador como possibilitadora dos ideais sonhados alguns anos antes por vários cientistas, que veio responder aos anseios de criação de uma ligação social que prescindisse dos sistemas políticos nascidos na modernidade e com livre circulação da informação de forma transparente. Alguns conceitos de base da cibernética conheceram grande amplitude, como é o caso do conceito de informação, *feedback* e transparência, que se tornaram pilares da civilização mediática. É importante frisar também que a cibernética nasceu precisamente em meio ao pleno desenvolvimento técnico e social-histórico dos meios de comunicação ao longo do século XX.

Assim, as bases resultantes da teoria cibernética favoreceram amplo impulso aos projetos tecnológicos e informáticos, que tornariam possível, mais tarde, o surgimento dos meios de comunicação interativos. Foram os avanços tecnológicos, telecomunicacionais e informáticos ocorridos a partir da segunda metade do século XX, e alicerçados também em interesses políticos, militares, econômicos e financeiros, que deram ensejo à civilização atual, articulada por meio das infotecnologias e redes digitais. Assim, a comunicação passou a se apresentar como motor de propulsão na articulação da cultura tecnológica, conforme Trivinho (2001). A civilização mediática hodierna surgiu de todos esses contextos imbricados, que geraram o que conhecemos, hoje, por cibercultura, cuja conceituação e especificidades serão abordadas no tópico a seguir.

1.2. Regime da velocidade, pós-moderno e revolução informática

A origem da cibercultura (TRIVINHO, 2007) remonta a meados do século XX, após a Segunda Guerra Mundial, imbricado à expansão da comunicação como valor utópico e ao desenvolvimento da cultura pós-moderna, que nessa época também estava sendo gestada. Assim, para o autor, esse conceito não se restringe somente ao âmbito cultural ou ao contexto econômico-financeiro de produção das infotecnologias presentes na atualidade, mas engloba toda a estruturação societária hodierna, articulada por meio do investimento planetário nas tecnologias e redes digitais em todos os âmbitos da existência humana, envolvendo a dimensão material, simbólica e imaginária.

Nesse panorama, a condição pós-moderna como cultura teve grande difusão através dos meios de comunicação de massa. Trivinho apreende em sua teoria a estreita relação entre comunicação e pós-modernidade, frisando que o desenvolvimento dos *media* de massa contribuiu sobremaneira para a realização da sociedade pós-moderna.

[...] comunicação eletrônica e pós-modernidade são, no fundo, uma só e mesma coisa. Se a ascensão do fenômeno pós-moderno coincide com a progressiva mistura homogênea da comunicação com o tecido social, a cultura protagonizada pelos *media* de massa, por sua vez, condiciona e otimiza a realização da própria pós-modernidade. (TRIVINHO, 2001, p. 72).

É uma cultura marcada por fronteiras pulverizadas, pelo fragmentário, pela personalização e individualismo, além do ceticismo em relação às grandes narrativas. Essas e outras características da condição pós-moderna estiveram, e ainda estão, mescladas à cultura dos *media* de massa e se imbricam, igualmente, às experiências vividas nas redes

informáticas. Por isso mesmo, o pós-moderno se apresenta como um dos vetores da cibercultura (TRIVINHO, 2001, 2007). O autor reforça que os sistemas políticos convencionais estão submetidos à lógica do modo de vida cibercultural, configurando a cibercultura como da ordem do transpolítico (TRIVINHO, 2007, p. 181-212), em que até o Estado se subordina às estratégias comunicacionais e tendências tecnológicas de mercado para se autolegitimar (TRIVINHO, 2001, 70-72).

Também a comunicação como valor central se faz presente no cenário da cibercultura, pois permanecem atuais os conceitos da cibernética relacionados à importância dada à informação e à transparência. Por isso, a comunicação como valor utópico continua pulsando em todos os âmbitos do conhecimento, sobretudo na relevância conferida à interatividade infoeletrônica. Na civilização atual, as formas individualizadas e personalizadas da comunicação nos meios interativos respondem a contento à efemeridade e à descontinuidade pós-modernas. A comunicação, na cibercultura, é reescalada e se aprofunda como vetor (TRIVINHO, 2001, p. 59-62) a partir da emergência das redes digitais, da globalização mundial e do imaginário de integração do mundo pelas redes informacionais.

A cibercultura tem sua gênese na revolução no âmbito da microeletrônica e, por conseguinte, na área da indústria de *hardware* e *software*, que proporcionou o desenvolvimento na fabricação de computadores e impulsionou a expansão da informação em âmbito mundial, concomitantemente aos avanços na área das telecomunicações. Dessa forma, a cibercultura não seria possível sem os avanços tecnológicos e sem os meios de comunicação em sua versão eletrônica. Se, no âmbito da sociedade moderna, a técnica já era compreendida como elemento primordial no desenvolvimento da civilização, quanto mais na atualidade a infotecnologia. E com a conjunção de tecnologia, comunicação, mercado, iniciativas estatais e empresariais e a contínua aceleração na produção e utilização de bens e serviços informáticos, foram ocorrendo profundas transformações na sociedade e no cotidiano dos indivíduos. Considerando a profunda imbricação do uso de infotecnologias com o estilo de vida tecnocultural, já são muitos os âmbitos de atuação humana que consolidam suas atividades afins com a utilização constante de equipamentos infotecnológicos, especialmente dos meios comunicacionais interativos.

Com as profundas transformações ocorridas no sistema econômico capitalista, no que se denominou a era pós-industrial⁶ – com mudanças nas relações de produção, na concepção acerca do trabalho, do modo de produção e da relação entre capital e trabalho, e na mudança

⁶ Sobre as transformações ocorridas no capitalismo, vejam-se Bauman (2001), Cazeloto (2008), Jameson (1997) e Kumar (1997).

de foco da produção para o consumo –, desenvolveu-se, cada vez em maior escala, o consumo de tecnologias da informação e de serviços de telecomunicação. A ampla procura por novidades de acessórios tecnológicos e informacionais é característica intrínseca da cultura consumista.⁷ Conforme Bauman (2008, p. 108-109), nessa cultura de consumo exacerbado, existe constante busca de “estar à frente” das “tendências de estilo”, que promete aos indivíduos o reconhecimento por parte da sociedade, significando inclusão e sentido de pertença nessa mesma sociedade. Com isso, assevera o autor, há uma preocupação que se relaciona ao risco de ficar à margem daquilo que se configura porventura como nova tendência, caso os atuais objetos/produtos que garantem aos indivíduos a atualização desejada sejam postos fora de circulação.

Desse panorama, fazem parte a produção e o consumo acelerados e ininterruptos de tecnologias da informação, que levam os indivíduos a se apropriar de novas infotecnologias, importando-se mais precisamente com o fato de possuir modelos mais recentemente lançados. Tal fenômeno se repete frequentemente na produção de cada nova versão de equipamentos como *tablets*, *smartphones* e *notebooks* (seja em seus recursos e aplicativos, em seus acessórios ou em seu *design*). Essa veloz atualização de bens (materiais e imateriais) informáticos garante a reprodução social-histórica da lógica cibercultural.

Trivinho (2001, 2007) aduz que a velocidade é, juntamente com a comunicação e a cultura pós-moderna, um dos principais vetores estruturais da cibercultura e que provê o dinamismo para que a civilização tecnológica possa se firmar e se autoconservar por meio da constante atualização das infotecnologias, redes digitais e demais procedimentos informáticos. Por isso, o autor se inspira na definição de dromocracia, de Paul Virilio (1996b), no sentido de melhor expressar o lugar de destaque que a velocidade possui na cibercultura. Pelo fato de a velocidade se apresentar como um dos vetores articuladores da civilização mediática avançada, Trivinho dissecou a lógica estrutural dessa civilização denominando-a *dromocracia cibercultural*.

O termo dromocracia se origina do conceito de dromologia – que se refere a fenômenos baseados no deslocamento, na corrida ou movimento, da raiz grega *dromos* –, e quer significar a lógica da velocidade como vetor estrutural das sociedades. Por isso mesmo, refere-se a uma lógica de atuação, a que estão submetidos indivíduos e instituições em uma determinada sociedade. Paul Virilio denominou dromocracia a lógica da velocidade como fator primordial nas estratégias políticas e militares de cada época, sem exceção dos dias

⁷ Para maiores detalhes sobre a cultura de consumo, consultar Baudrillard (2011), Bauman (2001, 2008b), Lipovetsky (2009).

atuais. Trivinho, por sua vez, analisa a lógica da velocidade na cibercultura, demonstrando que, embora a velocidade estivesse presente ao longo da história, pautando a existência humana, na verdade ela se constituiu como regime invisível e específico somente na atualidade, quando existe uma situação histórica de características infotecnologicamente saturadas (TRIVINHO, 2009, p. 160). Por alcançar seu ápice como articuladora e dinamizadora do social na cibercultura, a velocidade impacta na constante produção, distribuição e reciclagem de tecnologias informáticas e no consumo de bens e serviços informáticos que mantêm o sistema dromocrático atual.

Existem conexões íntimas entre a velocidade tecnológica como princípio de estruturação e modulação da vida social e o imperativo da saturação *ad infinitum* como *telos* inexorável de qualquer produção [...] A primeira coordenada propende para a segunda, otimizando-a, e esta, por sua vez, fomenta aquela, num inacabável círculo vicioso em que se confundem causa e efeito, origem e destino. (TRIVINHO, 2007, p. 64, grifos do autor).

Ao analisar esse contexto, Trivinho aborda a lógica cibercultural pelo prisma da violência, em sua versão simbólica. Assim como na definição de dromocracia em Virilio a velocidade está relacionada à violência, por ter servido e ainda servir às conquistas de territórios seja por terra, pelo mar ou pelo ar, também Trivinho afirma que velocidade e violência continuam a caminhar juntas e a engendrar os processos sociais, culturais, políticos, econômicos e de mercado, na dinamização das práticas ciberculturais. Isso sobressai principalmente na forma como acontece o processo de reciclagem de bens informáticos, ou seja, na mesma proporção em que ocorrem as atualizações de *softwares* e *hardwares*: em ritmo acelerado e sem tempo hábil para que os indivíduos realizem seus *upgrades*. Em vista disso, o autor salienta que grande parte de usuários permanece desatualizada em relação ao *ranking* tecnológico.

Esse panorama demonstra o quanto velocidade, comunicação e cultura pós-moderna estão imbricadas ao contexto cibercultural, que se descortina como cotidiano vivido em tempo real regido pela dromocracia. Esta será um pouco mais detalhada adiante em suas características específicas, que favorecem o fenômeno da dependência estrutural aos meios interativos.

2. O fenômeno glocal⁸

Trivinho (2007, p. 282-285), para apresentar o percurso da conceituação do glocal, mostra que o conceito tem sido utilizado intensivamente no âmbito corporativo em tom celebrativo, por representar o princípio pragmático de que toda iniciativa econômica relevante deve seguir parâmetros técnicos aceitos internacionalmente em nível de mercado. Nesse ínterim, o autor especifica também a apropriação do conceito pelas ciências humanas e sociais, frisando, porém, a necessidade de se apreender tal definição em direção epistemologicamente crítica, ultrapassando a esfera da mera constatação e descrição de contexto. Como exemplo de utilização original e crítica do conceito, ele cita Paul Virilio, que se manteve à parte do prisma utilizado pelas corporações do ramo mediático para suscitar discussões críticas acerca da categoria do glocal. Trivinho, igualmente, conferiu abordagem crítica original ao conceito de glocal na área da comunicação, renovando as possibilidades de reflexão crítica acerca da civilização mediática atual.

Assim, Trivinho demonstra que o mesmo significante (glocal) pode servir a tendências teóricas distintas entre si. No âmbito corporativo, o glocal está relacionado ao modelo de mundo que se realiza ideologicamente pautado em horizontes transnacionais e nas tendências tecnológicas existentes. Por outro lado, na reflexão teórica orientada pela crítica, o glocal se torna uma categoria conceitual que permite mapear as bases e consequências desse mundo em sua significação social-histórica, e que possibilita tensionar teoricamente o modo de ser dessa civilização.

Dessa forma, aborda-se, a seguir, a gênese do glocal como categoria conceitual e seu potencial crítico, bem como suas características nos âmbitos empírico e sociocultural, além de especificar sua forma de conservação por meio do processo de glocalização. É a explanação que se propõe a seguir.

2.1. Nova categoria epistemológica

O glocal é uma nova configuração semântica, que funde o local e o global para significar conceitualmente o contexto tecnocultural de acesso e recepção ou de retransmissão de signos ou produtos mediáticos em tempo real. O glocal, conforme conceituação laborada

⁸ Para aprofundamentos sobre as bases, características e implicações da significação cultural e social-histórica do glocal, veja-se Trivinho (2007, 2012). Ressalta-se que todas as expressões cunhadas entre aspas, neste tópico, são creditadas ao autor.

criticamente por Trivinho (2007), é um fenômeno típico da civilização mediática e dela emergido. O glocal é formado pela imbricação de processos contrastantes, mas isso não o reduz nem ao global nem ao local, nem o destitui de sua natureza de terceira via:

Como o significante o indica, “glocal” é neologismo resultante da *hibridação cumulativa* de dois termos, “global” e “local”. O plasma semântico, sem sutura visível, entre eles faz do glocal alternativa de terceira grandeza, não redutível ao mero somatório daqueles, tampouco a um ou a outro, isolados. Na nova via, global e local são um e mesmo e, simultaneamente, nenhum; globalização (ou globalismo) e localização (ou localismo) restam dissolvidos. (TRIVINHO, 2007, p. 283, grifos do autor).

Com a categoria do glocal, Trivinho (2007, p. 288) vislumbra a possibilidade de serem melhor apreendidos os meandros de um processo civilizatório satelitizado, operando ao mesmo tempo uma releitura de sua natureza, de seu desenvolvimento e das implicações que acarreta no dia a dia dos indivíduos. O autor crê também que, através desse prisma conceitual, é possível um reexame das problemáticas e dos consequentes impactos desse processo civilizatório, que necessitam sempre de aprofundamentos e desdobramentos reflexivos.

a) Glocal e sua gênese

O conceito de glocal, ainda que tenha sido apreendido a partir do contexto cibercultural, remonta ao próprio início da comunicação mediática no século XIX, com a invenção do telégrafo sem fio – por apresentar características de transmissão simultânea em tempo real – e posteriormente do telefone, e ao desenvolvimento da comunicação ao longo do século XX, passando pela invenção do rádio, da TV e, finalmente, dos *media* interativos. Dessa forma, através da categoria do glocal, realiza-se a revisão social-histórica do desenvolvimento da comunicação no século XX (TRIVINHO, 2007, p. 246), sendo que a fase mais avançada dessa mesma civilização glocal é a cibercultura, com o advento dos meios interativos.

Trivinho aponta alguns elementos básicos que já estavam presentes como condição glocal desde seu surgimento com a telefonia convencional. São eles: a) equipamentos de telecomunicação; b) infra-estrutura de rede; c) acoplamento humano-máquina; d) tempo real; e) procedimentos de emissão e recepção; f) fluxo de sentido e não-sentido; g) espectralização da interação humana; h) desejo comunicacional (da alteridade como espectro).

Embora o fenômeno glocal tenha estado presente desde o século XIX, só foi possível percebê-lo com mais veemência no âmbito da cibercultura por ser ainda mais apreensível e

visceral o acoplamento material, simbólico e imaginário entre o humano e as máquinas capazes de tempo real. O autor aponta, também, um outro motivo para isso. Seria a tendência bastante presente ainda na atualidade de discussões em nível internacional acerca da ascensão da globalização e dos localismos. Para o autor, esses dois fenômenos são equivocadamente “considerados hegemônicos e mutuamente excludentes” (TRIVINHO, 2007, p. 247), mas reconhece que eles suscitam obviamente reflexões sobre o fenômeno glocal.

Pelo fato de dar origem à sociedade mediática, o glocal é considerado um acontecimento inédito e o evento de maior relevância do século XX, conforme o autor (TRIVINHO, 2007, p. 258). Os contextos mediáticos são o próprio glocal, uma vez que formam, conforme Trivinho (2007, p. 260), a empiria do esquema mediático presente no reduto imediato de ação do corpo, e que permite a sustentação material da recepção e irradiação simbólica e imaginária de todos os signos pertencentes à ordem global. Trata-se de um fenômeno de integração inextricável do que é da ordem global ao que é próprio do local e vice-versa, e por isso mesmo é o grande propulsor das irradiações simbólicas do global no cotidiano dos âmbitos locais. A indexação se estabelece, por um lado, como resultado do investimento de interesses empresariais e institucionais e, por outro, das experiências ciberespaciais vividas pelos indivíduos com a utilização, obrigatória ou não, dos dispositivos capazes de rede.

b) Glocal como categoria teórica crítica

O conceito foi esculpido como terceira via semântica capaz de criticar os contextos mediáticos em tempo real e a lógica da civilização articulada a partir deles. Segundo Trivinho (2007, p. 243), o glocal tensiona os fundamentos da teoria da comunicação, alargando seu alcance simbólico e fornecendo “novo projeto de releitura radical das estruturas da experiência humana instauradas a partir do advento, no século XX, da era mediática como acontecimento histórico *sui generis*”. Trivinho assevera que, com a categoria do glocal, é possível desconstruir a matéria social-histórica e o pensamento tecnoburocrático presentes nesse fenômeno. Com essa revisão histórica, tornou-se possível a renovação da crítica teórica da civilização mediática nascida com o glocal, sobretudo em relação ao contexto cibercultural, caracterizado pelo cenário glocal em que hoje se vive.

Em sua crítica, o autor recorda que o fenômeno glocal cumpre um processo histórico de enraizamento no cotidiano e, com isso, completa a saga da comunicação mediada por máquinas – que ele denomina de “saga planetária do glocal” – e que significa “a epopéia

técnica da integrabilidade mediática do globo segundo a lógica do glocal” (TRIVINHO, 2007, p. 245). Percebe-se com clareza a crítica que o próprio conceito de glocal contrapõe ao contexto que ele mesmo engendra ao demonstrar a indexação que a lógica do glocal opera em todos os âmbitos da existência humana, levando assim a um conservadorismo da forma de ser e existir no mundo glocalizado, isto é, de vivência em tempo real:

[...] cada ambiente glocal se equipara, em seu recorte minoritário, a um “sistema operacional geral”, destinado a efetivar, a partir de cada ponto de acesso/recepção/retransmissão, as necessidades multilaterais de imortalização da civilização glocal e das suas macroestruturas de desenvolvimento da existência em tempo real. (TRIVINHO, 2007, p. 274).

De acordo com o autor, considerando o ponto de vista da categoria da crítica, a vivência em tempo real pode ser analisada a partir dos seguintes elementos: a dependência acentuada no que diz respeito aos objetos tecnológicos e à rede – que será abordada com mais detalhes e aprofundamentos no decorrer desta reflexão –; um tipo de adesão ao acoplamento compulsório entre corpo/mente e máquina/fluxos mediáticos como modo conservador de vivência; o referendo à socioespacialização das telas, na qual as paisagens mediáticas sobem à categoria de “real prioritário” em detrimento daquilo que não passa pela visibilidade mediática; a conformidade à abordagem da alteridade como espectro; e, por fim, a “rendição tácita” ao modelo de civilização tecnológica atual, de forma voluntária ou involuntária, e à sensibilidade de mundo que sirva para a legitimação dessa mesma sociedade. Todos esses elementos perpassarão, em maior ou menor grau, a explicitação do fenômeno da dependência em relação ao glocal, objeto do presente estudo.

2.1. O processo de glocalização

Por meio das experiências vividas nos ambientes locais, Trivinho assevera que passa a ocorrer o processo de glocalização, que não é mais do que a multiplicação e enredamento dos contextos locais, como articulação sociocultural e transpolítica, reescrevendo mediaticamente a vida humana. Essa reescritura acontece em todos os contextos locais, mas na glocalização cibercultural – isto é, no que se refere aos contextos locais interativos – ela ocorre também como “*reduto de livre confinamento interativo* do corpo, da subjetividade e do campo próprio” (TRIVINHO, 2007, p. 299, grifo do autor). Esta configuração é apresentada

por Trivinho como sendo o *bunker*⁹ glocal, em sua imbricação com as características específicas das infotecnologias móveis.

O que o autor diz ser um “livre confinamento” bem se assimila a uma condição de acoplamento a algo, porém remete ao mesmo tempo a um estado desejável de liberdade. A vivência em tempo real une campo material – que dá o suporte necessário à formação do contexto glocal – e o desejo de glocal como vontade de se conectar ao todo. O glocal, com a categoria de tempo real que ele inaugurou, reescreveu tanto a categoria de tempo quanto a de espaço. Trivinho assevera que essa reescritura foi integral, como já referenciado há pouco, porque o glocal engloba o “espaço imediato da condição glocal” e simultaneamente a “socioespacialização tecnoimagética do aparelho de base” – esta última significando a própria tela (TRIVINHO, 2007, p. 253). Dessa forma, a categoria do espaço se reconfigura pelo glocal, tornando-se uma espécie de fortaleza mediática onde se atua em tempo real.

Assim também o tempo se converteu em tempo real, que simula o tempo ordinário, mas que corresponde ao instante luz, a um momento informacional. Trivinho (2007, p. 255) aponta a existência do tempo real com características de bidirecionalidade – que está presente no acesso interativo – e do tempo real que apresenta fluxo de transmissão unidirecional – é o tempo real próprio da transmissão televisiva.

Esta reflexão estará orientada pelas características inerentes ao tempo real bidirecional, pois a temática da dependência será referida no âmbito da utilização dos dispositivos interativos móveis. Nesse âmbito da vivência em tempo real, é necessário destacar duas dimensões do conceito de glocal que permite a reflexão acerca de um panorama mais amplo de abrangência do glocal (*lato sensu*) e outro que se refere à empiria estrutural dos contextos locais (*stricto sensu*).

a) Glocal *stricto sensu*

Esta dimensão da categoria do glocal se refere ao glocal tecnológico, remetendo ao espaço concreto imediato, no qual o corpo vive a transmissão em tempo real com o suporte de algum equipamento capaz de rede. Trivinho (2008, p. 3-4) afirma que essa estrutura empírica se configura pela presença da tecnologia comunicacional, do tempo real, do fluxo sógnico circulante nas redes, do sujeito grupal ou individual, institucional ou não, e da relação de acoplamento entre subjetividade/corpo e a rede tecnológica. Esta estrutura comparece em

⁹ O termo significa, originalmente, uma espécie de trincheira cavada no solo para proteção contra ataques inimigos em contextos de guerra (TRIVINHO, 2007, p. 305-317).

todos os tipos de glociais já existentes, isto é, na telefonia, no rádio, na TV e nos meios de comunicação interativos.

O processo de glocalização, que ocorre no glocal *stricto sensu* e que envolve o contato direto com o meio comunicacional capaz de acesso em tempo real, é especificado pelo autor como “glocalização da experiência”. Isto pressupõe que, no contato com esta empiria e com os fluxos imagéticos provenientes desse acesso, acontece um processo de momento glocal que se desenvolve como a própria experiência do indivíduo nesse contexto. A experiência é glocal. É um instante em que não se está atuando somente localmente, nem somente globalmente, mas sim glocalmente, nesse limbo de tempo real, a que os indivíduos dedicam mais e mais horas de experiências cotidianas.

A reconfiguração do tempo e do espaço se faz bastante nítida quando se reflete sobre o glocal *stricto sensu*, pois ainda que nessa empiria seja ressaltada a materialidade do contexto glocal – seja por meio do suporte tecnológico, seja pelo espaço concreto que perfaz o *bunker* construído em torno do indivíduo –, é paradoxalmente mais evidente o que Trivinho (2007, p. 256) chama de “anulações empíricas” no plano do espaço e do tempo. O espaço fica reduzido à “socioespacialização tecno-imagética”, enquanto o tempo se torna acrônico, reduzido à instantaneidade. Isto é, ambos foram anulados pelo tempo real.

O glocal *stricto sensu* permite vislumbrar a indexação que ocorre no campo material tanto através do vínculo umbilical, formado no ato do acesso glocal pelo indivíduo, quanto através do amplo incentivo e investimento das grandes corporações no sentido de instalar pontos de acesso glocal em cada recinto, público ou privado, como estratégia de mercado e de outros interesses institucionais. O processo de glocalização, *stricto sensu*, engloba esses aspectos no âmbito da experiência. Na sequência, veremos como isso ocorre no plano da existência.

b) Glocal *lato sensu*

Esta dimensão do glocal está relacionada ao alcance social, cultural, econômico e financeiro das tecnologias em tempo real. O aspecto *lato sensu* desse fenômeno faz referência à “condição glocal”, que significa o estilo de vida da era mediática; diz respeito ao modo de ser e pensar dos indivíduos na civilização glocal. Assim, o processo de glocalização, no sentido *lato sensu*, acontece no âmbito da articulação sociocultural e transpolítica da experiência humana e que se consoma no contexto glocal (TRIVINHO, 2007, p. 295).

Esse aspecto do glocal contribui para a apreensão do “*poder comunicacional vigente*”, pois permite ver com maior clareza o quanto o glocal envolve cada abrangência da atuação humana e influi diretamente na vida em sociedade:

[...] o glocal é, por assim dizer, a metonímia de toda uma configuração social-histórica de poder tecnológico avançado que, nutrindo-se da eficácia diuturna dos satélites artificiais, responde pela subordinação de todos os contextos locais ao processo de glocalização capilarizada do planeta. (TRIVINHO, 2007, p. 261).

Outra característica do glocal que se acentua bastante, quando analisada a partir da perspectiva *lato sensu*, é a “hipercircularidade das informações e imagens” (TRIVINHO, 2007, p. 263), pois isso somente demonstra o “glocal como mensagem”, onde os signos que circulam de um a outro *media* se incumbem de carregar consigo essa carga conceitual do glocal, para ao fim perfazer e disseminar uma mentalidade glocal, imbuída do desejo do glocal. Essa propagação de informações e imagens entre contextos glociais tem, no fim, o intuito de fazer perpetuar a própria civilização glocal.

O glocal em seu aspecto *lato sensu*, uma vez que ele se firma no âmbito social-histórico, permite vislumbrar mais claramente a “politização despolitizada” (TRIVINHO, 2007, p. 273) da realidade, engendrada pelo glocal. O modelo que ele apresenta, na verdade, é um real baseado no modo mediático de ser no mundo e que abrange o material, o simbólico e o imaginário, conforme aponta Trivinho. Nesse sentido, o autor é categórico ao afirmar que o glocal, ao mesmo tempo que transforma um contexto, ele também implica em preservação de um *status quo*. De outro lado, a despolitização levada a cabo por meio do glocal é fruto do processo de glocalização, que na sua expansão silenciosa oblitera a profunda transformação que ocorre a cada momento na civilização tecnológica atual pela via do glocal. O caráter de obliteração do glocal está estreitamente ligado ao fenômeno da dependência e será objeto de abordagem mais detalhada nos tópicos posteriores.

A partir dessas considerações sobre o glocal, já se pode perceber o quanto ele é fundamental para a análise da dependência estrutural, pois ele (glocal) vige como o próprio modo de vida da civilização atual. Há que se partir de sua compreensão para ser apreendida no mais profundo a maneira como a experiência e a existência estão hoje articuladas, fincadas e remodeladas no/pelo processo de glocalização.

Tal processo não acontece sem a concorrência das práticas glociais que, pouco a pouco, criam novas práticas e realimentam as já existentes, até se configurarem como *habitus*. É esta categoria conceitual que orientará nossa reflexão no tópico a seguir, como parte fundamental do fenômeno da dependência.

CAPÍTULO II – *HABITUS* E DISPOSITIVO GLOCAL

Em termos mais concretos, a legitimação da ordem social [...] resulta do fato de que os agentes aplicam às estruturas objetivas do mundo social estruturas de percepção e apreciação que são provenientes dessas estruturas objetivas e tendem por isso a perceber o mundo como evidente.
Bourdieu (2004, p. 163)

O fenômeno de dependência estrutural, cerne do desenvolvimento desta reflexão, está relacionado ao uso habitual que os indivíduos e as instituições costumam fazer dos equipamentos que possibilitam a vivência humana nos ambientes em tempo real. A reflexão pode, então, fixar-se nas esferas sociocultural, histórica e antropológica, tendo em vista que o uso das tecnologias infoeletrônicas é suporte articulador da organização societária atual.

As práticas corriqueiras ocorridas na mediação das tecnologias capazes de tempo real são também objeto de incorporação na vida cotidiana, analogamente ao explicitado por Bourdieu em sua definição de *habitus*, como disposições sociais engendradas a partir de estruturas objetivas.¹⁰ Dessa mescla, perfaz-se o *habitus* glocal, que contribui para a apreensão das correlações do *habitus* na manutenção da vinculação aos meios comunicacionais e como prática mediática que alimenta o dia a dia do viver glocal das sociedades em geral.

De outro lado, assinala-se a relevância da definição de dispositivo em Agamben (2009, 2011), ao aplicá-lo ao contexto do fenômeno glocal, porque a amplitude do conceito e sua carga crítica à captura dos indivíduos em processos de subjetivação contribuem sobremaneira para articulação do glocal como dispositivo. Além disso, é possível abstrair desse cenário a categoria de dispositivo glocal como instância a partir da qual surge a possibilidade da reflexão sobre a significação das práticas de gerência e controle diuturnos dos indivíduos, em seus afazeres em tempo real.

Tendo como pano de fundo a contextualização da atualidade cibercultural, busca-se extrair das contribuições dos conceitos de *habitus*, em Bourdieu, e de dispositivo, em Agamben, para melhor circunscrever e esclarecer o panorama da dependência estrutural em

¹⁰ Para maiores detalhes sobre o conceito de *habitus*, vejam-se Bourdieu (2001, 2007a, 2007b, 2009) e Ortiz (1983). Para uma abordagem do conceito de *habitus* no campo da comunicação, veja-se também Barros Filho e Martino (2003).

relação ao glocal e aprofundar a compreensão do que vige em sua dinâmica e de suas características e implicações.

1. O *habitus* na vida cotidiana glocalizada

Nas questões que envolvem as práticas interativas em rede, grande parte das reflexões envolverá a adaptação do humano a essas práticas, seja em temas ligados à cognição através das tecnologias digitais, seja na participação em redes sociais, pois são processos comunicacionais que exigem certa adequação no modo de ser dos indivíduos. Os questionamentos em torno dos hábitos surgidos a partir da utilização de meios comunicacionais interativos sempre serão de grande relevância quando se pretender desconstruir epistemologicamente a estrutura dos fenômenos que perfazem o cenário dos *media* interativos e a consequente articulação societária proveniente de sua utilização.

A presente reflexão terá como um dos conceitos norteadores a definição de *habitus* em Bourdieu, para mais ampla apreensão do fenômeno da dependência estrutural como aqui proposta, que tem no *habitus* um de seus elementos dinamizadores. Bourdieu definiu *habitus* a partir do âmbito sociológico, mostrando a relação dialética entre a prática cotidiana incorporada como hábito e as instâncias sociais coletivas. Estas instâncias, por sua vez, objetivam essa prática e a tornam ao mesmo tempo objetivante. Este é o conceito de hábito que se propõe trazer à reflexão na esfera do acesso costumeiro aos meios comunicacionais interativos, prática considerada plenamente comum nos dias atuais. É um conceito rico em prismas interpretativos por estar relacionado às formações de práxis sociocultural, ao mesmo tempo, estruturadas e estruturantes, a partir das quais são formadas todas as sociedades. Dessa forma, a definição concebida por Bourdieu abre um amplo leque de investigação relativa ao *habitus* no âmbito das práticas interativas no contexto cibercultural. Embora o conceito faça menção a um conjunto de disposições que são internalizadas a partir da objetividade da sociedade, ao mesmo tempo não descarta a ação dos agentes sociais, presente nas trajetórias singulares vividas por cada indivíduo, o que torna o conceito de *habitus* uma categoria dinâmica e flexível.

Neste tópico, correlaciona-se o *habitus* em Bourdieu com as práticas em tempo real, que têm lugar na civilização atual. Constitui-se, assim, o *habitus* em sua versão glocal. E, mais especificamente, é o *habitus* glocal em seu momento cibercultural, a saber: o *habitus* glocal interativo. Essa ressalva se faz necessária, pois o fenômeno glocal remonta à invenção

do telégrafo sem fio por sua capacidade de transmissão simultânea, ou seja, em tempo real. Com essas ponderações em mente, busca-se elaborar a síntese de características inerentes ao *habitus* que podem ser aplicadas, com as devidas adequações, às práticas do cotidiano glocal cibercultural. Faz-se necessário abordar as confluências dessas práticas glocas como *habitus*, relacionadas ao processo de glocalização, que gradativamente segue se expandindo.

1.1. Práticas sociais cotidianas e o *habitus* em Bourdieu

A abordagem do conceito de *habitus* em Bourdieu está assentada na noção aristotélica de *hexis*¹¹ (hábito em grego), traduzida ao pensamento escolástico como *habitus*, e que “indica a disposição incorporada, quase postural” dos agentes em ação (BOURDIEU, 2009, p. 61). Outra fonte filosófica de Bourdieu é Wittgenstein, que concebe o hábito como estando vinculado a um repertório cognitivo, que uma vez incorporado passa a gerar estruturas lógicas para percepção e compreensão da realidade. O *habitus* escolástico, laborado por Tomás de Aquino, exegeta de Aristóteles, compreende o hábito como um mediador entre a capacidade para o conhecimento e o conhecimento efetivado. O hábito seria, assim, mediação entre potência e ato.

Contudo, a conceituação que se tornou mais determinante para a definição de *habitus* do sociólogo francês foi o significado de hábito em Aristóteles (BARROS FILHO E MARTINO, 2003, p. 56), que estava relacionado tanto a um saber prático do cotidiano quanto a um saber científico. O pensamento aristotélico englobava a compreensão do mundo no dia a dia, desde a arte até a ciência. Foi esta visão de hábito que Pierre Bourdieu herdou, porém reforçando a dimensão dialética do hábito entre a prática incorporada como *habitus* – que ele denominou de sistema de classificações – e as estruturas sociais objetivas.

Bourdieu fundamentou sua teoria da prática no conhecimento praxiológico, que leva em consideração as estruturas objetivas do mundo social, as disposições estruturadas nas quais elas se atualizam, bem como as relações dialéticas entre ambas. Com o conceito de *habitus*, Bourdieu buscou superar, no âmbito da teoria social, tanto a perspectiva fenomenológica – que parte da experiência do indivíduo pela percepção – quanto a perspectiva objetivista, que parte das relações objetivas que são estruturantes das práticas individuais (ORTIZ, 1983, p. 8).

¹¹ Conforme Bourdieu (2009, p. 61), o termo “indica a disposição incorporada, quase postural”.

Bourdieu aduz que a formação do *habitus* ocorre na confrontação entre as experiências dos indivíduos e a objetividade da sociedade, culminando em práticas estruturadas e ao mesmo tempo estruturantes, que passam a regular a ação dos atores sociais de acordo com o que é estabelecido coletivamente. Assim, o *habitus* consistiria em:

Sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente. (BOURDIEU, 1983, p. 61).

O *habitus* se constitui sobretudo como orientador da ação do indivíduo, reproduzindo as estruturas objetivas que lhe deram ensejo. Bourdieu assevera que as práticas produzidas pelo *habitus* – como engendrador de estratégias para atender à imprevisibilidade inerente às ações dos atores sociais – são imbuídas das condições passadas de seu princípio de produção, tendendo, assim, a reproduzir as estruturas objetivas que as originaram e das quais elas são o próprio produto. Daí, então, poder-se afirmar que a prática incorporada – que se caracteriza como interiorização da exterioridade – funciona, ela mesma, como agente reproduzidor das estruturas sociais – o que configura, por sua vez, a exteriorização da interioridade.

Bourdieu salienta, ainda, ser relevante na criação do *habitus* o que ele denomina de trajetória singular de experiências, que significa todo o conjunto de experiências vividas cotidianamente pelo indivíduo, a partir de um sistema de disposições já anteriormente determinadas. Essa dinâmica apresentará variações de experiências para cada ator social, pois cada um vivencia fatos e contextos de forma diferenciada. Por isso mesmo, o conceito de *habitus* na concepção de Bourdieu traz enorme flexibilidade e dinamicidade à reflexão da significação social-histórica de toda e qualquer sociedade, já que o conceito remete à base estrutural da ação individual e coletiva. Ao mesmo tempo em que o autor analisa a estrutura de todo o conjunto social, abre possibilidades de reflexão sobre a atuação social dos indivíduos, especialmente por considerar as trajetórias particulares de cada agente. O conceito de *habitus* de Bourdieu contempla, por um lado, a permanência do sujeito em esquemas estruturais que já fazem parte de sua vivência e, por outro lado, leva em conta a possibilidade do surgimento de autonomia – mínima que seja – por parte do indivíduo, que possa ser motor de transformação dos esquemas já interiorizados pelo ator social.

As práticas incorporadas pelo indivíduo em sua trajetória particular geram esquemas de percepção e apreciação do mundo, que, por sua vez, dão suporte à internalização de

sistemas de classificação e de controle. A partir desses princípios classificatórios, os *habitus* (as disposições), diferenciados entre si, têm a capacidade de funcionar também como “diferenciadores” (BOURDIEU, 2007, p. 22) e, com isso, gerar distinções¹² entre os diversos grupos de agentes sociais. Tais diferenciações, segundo o autor, transformam-se em signos distintivos, compondo um verdadeiro sistema simbólico:

O *habitus* é ao mesmo tempo um sistema de esquemas de produção de práticas e um sistema de esquemas de percepção e apreciação das práticas. E, nos dois casos, suas operações exprimem a posição social em que foi construído. Em consequência, o *habitus* produz práticas e representações que estão disponíveis para a classificação, que são objetivamente diferenciadas; mas elas só são imediatamente percebidas enquanto tal por agentes que possuam o código, os esquemas classificatórios necessários para compreender-lhes o sentido social. (BOURDIEU, 2004, p. 158).

Bourdieu (2004, p. 163) alude à existência de um capital simbólico (uma espécie de código ou linguagem), constituído pelo capital econômico ou pelo capital cultural quando os mesmos se tornam conhecidos e reconhecidos. Esses capitais são considerados pelo autor como os “dois princípios de diferenciação” (BOURDIEU, 2007, p. 19) mais eficientes das sociedades desenvolvidas, que impactam na redistribuição dos agentes ou grupos sociais no processo de construção do espaço¹³ social, de acordo com as categorias de percepção impostas por esses mesmos princípios.

A partir dessa perspectiva, pode-se abordar uma dimensão do *habitus*, apresentada por Bourdieu, que está relacionada à sua potencialidade de inculcação dos princípios sociais objetivamente estruturados. A inculcação, que favorece a reprodução do sistema social vigente, acontece por meio da assimilação de práticas sociais que progressivamente vão constituindo o capital cultural acumulado ao longo de toda a vida do indivíduo. O conceito de capital cultural em Bourdieu (2007b, 2011) envolve mais especificamente o sistema educacional, embora não se limite a ele. Esse capital diz respeito aos princípios e valores adquiridos no âmbito familiar e escolar, que demandam um processo de inculcação e assimilação e exigem do indivíduo investimentos sobre si mesmo e tempo necessário para isso. Refere-se, ainda, ao resultado da ação do sujeito sobre si mesmo, que se apresenta em forma de produção material (obras artísticas, produtos técnicos, documentos etc.) e na forma simbólica, que necessita da compreensão de códigos de apropriação, ou seja, de um capital

¹² A expressão *distinção* remete ao sentido de “existir em um espaço, ser um ponto, um indivíduo em um espaço, é diferir, ser diferente” (BOURDIEU, 2007, p. 23). O próprio autor reforça que não se trata de reduzir a dinâmica do comportamento humano à busca de distinção.

¹³ A noção de espaço social, em Bourdieu (2007, p. 18), é a de um “conjunto de posições distintas e coexistentes, exteriores umas às outras, definidas uma em relação às outras por sua *exterioridade mútua* e por relações de proximidade, de vizinhança e, também, por relações de ordem, como acima, abaixo e *entre* [...]”.

cultural incorporado. O capital cultural possui, ainda, um terceiro modo de apreensão, que ocorre a partir das estruturas institucionalizadas e que capacita o indivíduo a ser reconhecido socialmente por meio da materialização desse capital em diplomas e certificados. Segundo a teoria da práxis de Bourdieu, tais aspectos do capital cultural são internalizados pelo indivíduo e direcionam suas experiências e escolhas em sua trajetória, mas sempre com a possibilidade de quebra de paradigmas anteriormente estabelecidos, caso a escolha interrompa, de alguma forma, a sequência de seus esquemas de percepção e classificação. Todas essas formas de apreensão do capital cultural estão, de um modo ou de outro, perpassadas pelo capital econômico.

Após essas considerações no que se relaciona ao *habitus* em Bourdieu, será dada ênfase às características do *habitus* como produtor e produto de práticas objetivas na civilização tecnológica atual, ressaltando sua especificidade nas práticas glocais. Nelas, o *habitus* é aspecto primordial para conservação do processo de glocalização e, conseqüentemente, da dependência estrutural em relação ao glocal.

1.2. *Habitus* glocal: considerações sobre o *habitus* mediático no cotidiano cibercultural

Assim como os *habitus* presentes nas sociedades se reproduzem constantemente e se tornam produtores de estruturação das práticas sociais, também o *habitus* em sua modalidade glocal se espraia e envolve todas as instâncias comunicacionalmente articuladas da civilização atual. O que se denomina de *modalidade glocal do habitus* implica tanto as práticas diuturnas experienciadas nos contextos glocais quanto o referencial simbólico que a partir delas se produz. Tais práticas herdaram as características do *habitus* social como estruturas estruturantes da ação dos indivíduos, cabendo, em determinada proporção, a diferenciação de elementos e características inerentes aos *habitus* glocais em geral e aos *habitus glocais ciberculturais*, isto é, *habitus* eminentemente interativos.

Há, de forma mais ampla, a formação de *habitus* propriamente cibertecnológicos relacionados ao uso e adaptação de infotecnologias diversas, como, por exemplo, no caso de um indivíduo que passe a utilizar um equipamento GPS (*Global Positioning System*) para melhor se posicionar em um sistema de trânsito. *Habitus* serão formados de tal modo, a ponto de o motorista em questão não mais desejar dirigir sem o auxílio do equipamento. Essa já se constitui uma forma de glocalização, uma vez que as informações são transmitidas em tempo real. No que tange aos meios comunicacionais interativos propriamente ditos, os *habitus*

formados no contexto mediático têm ainda maior impacto no processo de glocalização que as demais infotecnologias. Este processo é intensamente sustentado com a criação e perpetuação de *habitus glocais*, pois abrange tanto as práticas vivenciadas através dos meios interativos no momento do acesso aos contextos glocais, quanto a constante circularidade de mensagens e informações, que engendram o fenômeno glocal nos âmbitos social-histórico e cultural.

Os hábitos produzidos através do glocal funcionam também como “estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes” (BOURDIEU, 1983, p. 61), pois regulam a práxis do ator social sem necessariamente ser obediência a uma regra. Na verdade, a “obediência à regra” no sentido do *habitus* glocal pode ser analisada sob pelo menos dois prismas: a) aquele da existência de uma *obediência ao estilo de vida da civilização tecnológica* – ao se acolher a vivência suprida por aparatos tecnológicos – por não haver opção de atuação em sociedade que não através dela; b) ou sob o aspecto da *obediência tácita*, que significa acolher o *modus vivendi* tecnológico sem questionamentos a respeito, como sendo o melhor estilo de vida de que já se teve conhecimento.

Quanto ao aspecto do *habitus* social relacionado a não “supor a intenção consciente dos fins” (BOURDIEU, 1983, p. 61), percebe-se que tal característica possui certa nuance a ser destacada quando se trata de aplicá-la às práticas glocais, pois a natureza imagético-informacional e hipertextual das tecnologias capazes de rede (tempo real) e o próprio estilo espargido/descentrado do modelo em rede pressupõem que as ações que ocorrem em contextos glocais não sejam realmente intencionadas a um fim, mas se sucedem de forma intensamente aleatória e imprevista. Entretanto, se o aspecto de “intenção consciente” for analisado sob o prisma das transformações social-históricas e culturais que ocorrem no e a partir do acesso glocal, constata-se que somente aparentemente as ações glocais podem estar desprovidas de um fim, pois, por terem impactos diretos no modo de vida cibercultural, acabam servindo à manutenção do *status quo*. Em suma, tais ações não estão intencionadas a um fim, mas chegam a estar tão bem articuladas com os interesses de mercado e da sociedade em geral, que facilmente se transformam em instrumentos mantenedores do sistema (TRIVINHO, 2001, 2007). Esse princípio do *habitus* remete à outra característica, apontada por Bourdieu, de que as “regras” gestadas pelo *habitus* são “coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente” (BOURDIEU, 1983, p. 61). Os esforços investidos por toda a civilização cibercultural em torno das práticas glocais e da alimentação no plano simbólico e imaginário nessa mesma direção somente reforça que não há um “regente” articulando tal panorama, mas, pelos interesses que giram em torno do que é

considerado benefício no contexto cibercultural, passam-se a convencionar regras pautadas em *habitus* glociais como se fossem “coletivamente orquestradas”.¹⁴

No conceito de *habitus*, há também a indicação de que não se precisa ter “domínio expresso das operações necessárias para” atingir os fins (BOURDIEU, 1983, p. 61). Em referência ao *habitus* glocal, esse aspecto pode ser melhor correlacionado à esfera do *desejo do glocal*, que supõe que, ainda que um usuário em potencial não tenha os recursos necessários para usufruir do acesso à rede, ele não deixa de participar da multidão de pessoas que aguardam e anseiam “um lugar ao sol” na cibercidadania. Isto é, ainda que ele não possua o “domínio expresso das operações necessárias”, o desejo de fazer parte dessa extensa rede já expressa o *habitus glocal (lato sensu)* já incorporado em seu cotidiano.

Em síntese, são precisamente os *habitus* glociais que compõem as disposições instituídas socialmente na civilização mediática em curso, como práticas e representações “que podem ser objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’” (BOURDIEU, 1983, p. 61). Essas disposições, no mundo cibercultural, são reguladas sobretudo a partir da matriz tecnológico-informacional como forma de “reescrever” a vida em todos os âmbitos.¹⁵ Essa regulação, como visto no capítulo I desta reflexão, engloba investimentos de vários segmentos da sociedade, que apostam alto nos resultados de um mundo integrado por meio das tecnologias de informação. As práticas glociais são, por um lado, objetivadas e impulsionadas pelas instâncias que tenham interesse em sua expansão ou por instâncias que desejam simplesmente estar atualizadas com as tendências da época. E, por outro lado, tais práticas são incorporadas/internalizadas pelos indivíduos que buscam seguir os padrões estabelecidos socialmente na cibercultura. Por conseguinte, as práticas glociais gradativamente se tornam regulares e fonte socialmente construída de novas estruturas estruturantes. No âmbito do glocal cibercultural, evidencia-se de modo mais claro, por exemplo, a possibilidade de práticas glociais interativas particulares, que obtenham sucesso via rede, virem a tornar-se também regulares. Nesse aspecto específico, vislumbra-se como os *habitus* glociais interativos podem ser objetivados a partir da práxis espontânea de indivíduos e, de certa forma, incorporados/apropriados, posteriormente, por outras instâncias. Nesse ínterim, cabe o

¹⁴ Pode ser referida, como exemplo, a convenção que se acostumou denominar de “netiqueta”, significando as regras de condutas sociais que devem ser mantidas na utilização da internet, e que passaram a vigor como padrão na rede informática como resultado da *práxis glocal não orquestrada* em ambiente virtual. Outro exemplo dessa *orquestração sem regência no mundo cibercultural* é o fato de parecer estranho alguém não possuir endereço eletrônico ou um celular para contato, ou não ter acesso a uma rede social. Ou seja, “instituiu-se” pela dinâmica do *habitus* cibertecnológico que é necessário aderir a essas vias comunicacionais.

¹⁵ Trivinho afirma que a cibercultura “diz respeito a um arranjo estrutural e estruturante de época”, que em seu vetor de informatização do mundo promove a “*reescritura cibercultural* de todos os componentes, procedimentos e tendências da civilização tecnológica” (TRIVINHO, 2007, p. 116-117).

exemplo, atualmente muito comum, da captação de imagens por cidadãos comuns, via telefonia celular ou por meio de outro dispositivo mediático móvel, para envio às redes de comunicação com o fim de divulgação de algum fato com potencialidade de gerar repercussão. São práticas que surgiram como iniciativas suscitadas por indivíduos, que, gradativamente, foram sendo aceitas e apropriadas por essas instituições como fontes de informação. No contexto das disposições sociais em geral, englobadas pela definição de *habitus* de Bourdieu, essa característica do *habitus* engendrado em uma instância individual e cooptado por uma instância social – e, a partir desta, objetivada na sociedade em geral – é fruto típico da civilização glocal, que retira proveito das iniciativas pessoais/locais de sucesso para expandi-las ao grau máximo para o acesso globalizado.¹⁶

Apreende-se, então, perfeitamente, que o *habitus glocal* é também orientador da ação no contexto cibercultural e acaba por reproduzir as estruturas objetivas que lhe deram ensejo, inclusive o próprio fenômeno glocal. É no acesso rotineiro aos ambientes virtuais ou no empenho coletivo para a virtualização e informatização de todas as atividades que ocorre a contribuição de cada indivíduo para a conservação do modo de vida glocal. Os *habitus* locais, objetivados no âmbito coletivo como “sistema de disposições duráveis” (BOURDIEU, 1983, p. 61) e incorporados a partir das práticas vivenciadas nos ambientes locais, geram também esquemas de percepção e apreciação, os quais, por sua vez, promovem a internalização de sistemas de classificação e de controle baseados no modelo glocal de ser e estar no mundo. Tal modelo pode englobar desde as dimensões perceptivas que tenham por base desde a matriz própria das imagens digitais – que tem como características marcantes os *pixels* e os *hiperlinks*, dentre outros aspectos – até os esquemas de apreciação fundados na sociabilidade *online*, que a consideram como estilo societário dos mais adequados. Esses e outros *habitus* locais, sendo sistemas de disposições duráveis, funcionam também como “princípios organizadores de percepção em novas situações de experiências e geradores de comportamento nessas situações” (BARROS FILHO; MARTINO, 2003, p. 74). A partir dos *habitus* que aos poucos vão se cristalizando no acesso glocal, vão sendo gerados novos *habitus* de mesma natureza e que têm como “princípio organizador” os *habitus* anteriormente incorporados.

Essa dinâmica reflete, também, outro aspecto constante no conceito de *habitus* de Bourdieu. Trata-se do processo de inculcação de princípios sociais objetivamente estruturados. Podem ser citados como exemplo de processo de inculcação na cibercultura: a)

¹⁶ Remete-se ao fato de como a cultura pós-moderna foi alimentada pelos *mass media* – conforme já abordado no capítulo I. Para maiores detalhes, veja-se Trivinho (2001, p. 63-78).

no plano do glocal *stricto sensu*: a matriz estético-informática inerente ao ambiente interativo, à qual foi abarcada o glocal televisivo para se coadunar à estética interativa; b) no plano do glocal *lato sensu*: discursos como os de informatização do mundo e da conexão como direito fundamental dos cidadãos.

Obviamente, embora haja o processo de inculcação a partir do *habitus* glocal, é possível que outros *habitus* possam agir através da trajetória singular de experiências a partir de novas atribuições de sentido e engendrar a modificação dos *habitus* propriamente glociais. Por outro lado, os esquemas de percepção e apreciação na dimensão *stricto sensu* do *habitus* glocal, ainda que sejam passíveis de modificação, tendem a perfazer uma cristalização de um modo mais instrumentalizado, mais procedimental, uma vez que esses esquemas estarão sujeitos aos recursos disponíveis em cada contexto glocal. No que tange à dimensão *lato sensu*, é passível também ocorrer transformações engendradas por novos *habitus*. Porém, pelo fato de a inculcação do próprio fenômeno glocal estar tão cristalizada no contexto social, é quase impossível uma variação de *habitus* que não seja imbuída por trajetória de experiências já baseadas no processo de glocalização. Com a vivência em tempo real, inclusive parte das experiências inerentes ao trajeto singular do indivíduo passou a adquirir uma dimensão de similitude muito próxima às experiências dos demais indivíduos em sociedade, em virtude das estruturas estruturantes engendradas pelo *habitus* glocal (como exemplo, pode-se citar: crianças e jovens jogando *online*, pessoas em atividades conjuntas nas redes sociais, postagem incessante de fotos e informações na internet para acompanhamento do dia a dia do indivíduo etc.).

Há que se questionar, por conseguinte, considerando o espargimento da vivência glocal, como permaneceria então a autonomia do indivíduo – que ainda era merecedora de um respiro na teoria da ação de Bourdieu – se as trajetórias particulares dos atores estão cada vez mais perpassadas por incorporações de similaridades advindas dessa vivência? Cabe frisar que todo esse panorama se descortina e se desenvolve porque os esquemas de percepção e apreciação estão eminentemente caracterizados pela condição glocal, como parte da dimensão *lato sensu* do glocal (TRIVINHO, 2007). Pode-se observar que os discursos produzidos e disseminados através da cultura do glocal se encontram ajustados ao amplo mercado da megaindústria de equipamentos, aplicativos e serviços na área tecnológico-informática, na qual o mundo se transformou. Trata-se de um campo em que já não interessa mais a um ou a outro segmento ou classe da sociedade, mas, pelo espargimento alcançado pelo fenômeno glocal, transformou-se em interesse de todas as instituições humanas.

Logo, a inculcação na sociedade glocal passa menos pelo sentido do confronto entre os agentes de campos sociais diversos e as tomadas de posições peculiares à teoria da práxis de Bourdieu – ainda que essa modalidade se mantenha constantemente presente e pulsante no engendramento da disputa pelo poder simbólico em sociedade – e mais pela sedimentação e reiteração de um *status* de ciberaculturação glocal, que perpassa a maior parte das práticas comunicacionais na atualidade e modela as interações humanas no e pelo glocal. Como visto, essa espécie de inculcação se apresenta obviamente vinculada também a nichos de mercado, por sua vez alimentados pelas estruturas globais, as quais já têm em seu bojo o próprio processo de glocalização como motor.¹⁷

A última consideração a ser feita, ainda, a respeito do *habitus* glocal, é de como se apresenta o aspecto de *diferenciação* do *habitus* de Bourdieu no contexto de glocalização. Essa diferenciação se estabelece mais no sentido de que os costumes cotidianos do indivíduo, agenciados pelos *habitus* locais e possuindo várias modulações entre si, ao comporem o contexto social, concedem *status* de diferenciação àqueles que os praticam.

As variadas modulações existentes entre os *habitus* locais (diferenciações entre si, como no *habitus* de Bourdieu) geram distinções na mesma proporção em que a matriz mediática que estiver vigente se constituir e se tornar fundamento para outras práticas (mediáticas ou não). O modelo mediático que dá as regras do mundo atual, como é o caso das infotecnologias interativas móveis, é o que estipula também as regras de uma nova forma de distinção que está atrelada, inclusive, aos modelos mais avançados de meios comunicacionais.¹⁸

Tais considerações sobre o *habitus* em Bourdieu e sua repercussão no mundo cibercultural na modalidade de *habitus* glocal darão seguimento à reflexão do quanto as estruturas estruturantes do mundo glocal funcionam como dispositivos de engendramento da dependência do humano em relação ao glocal.

¹⁷ Essa perspectiva de inculcação está fundamentada no conceito de “*habitus* linguístico” de Bourdieu, relacionado sobretudo à “produção de discursos [...] ajustados a um mercado ou a um campo” (BOURDIEU, 1983, p. 95). Interessante esta concepção do autor ao demonstrar que a todo instante o ser humano está imbuído das estruturas globais que formam desde os gostos, interesses até a mentalidade dos indivíduos, ao afirmar que “todo ato de interação, toda comunicação linguística, mesmo entre duas pessoas; entre dois companheiros, entre um rapaz e sua namorada, todas as interações linguísticas são espécies de micromercados, sempre dominados por estruturas globais” (BOURDIEU, 1983, p. 97).

¹⁸ Esta característica é concernente ao que Trivinho (2007, p. 108-109) denomina de “estratificação sociodromocrática”, criada pelas oportunidades desiguais de acesso dos cidadãos aos recursos tecnológicos vigentes.

2. O glocal como dispositivo

O conceito de dispositivo em Agamben (2009, 2011) abrange leitura de toda e qualquer realidade humana que sirva como mecanismo de subjetivação para reprodução da pura atividade de governo. Considerando a abrangência empírica, conjuntural e social-histórica desta noção de dispositivo, crê-se poder aproximá-la da significação social-histórica e cultural do fenômeno glocal, como abordado por Trivinho (2007). Tal conjunção de definições enriquece sobremaneira a investigação sobre a vinculação do humano ao glocal, potencializada pelas peculiaridades do conceito de dispositivo como ferramenta capaz de orientar e capturar os comportamentos e discursos dos indivíduos (AGAMBEN, 2009, p. 40). Mas, ainda que o amplo conceito de dispositivo de Agamben já englobe os dispositivos digitais, inclusive com a referência do autor ao exemplo da telefonia celular (AGAMBEN, 2009, p. 40-43), cabe aplicá-lo também à análise do impacto das infotecnologias como dispositivos inerentes ao fenômeno glocal e às implicações que surgem desse pertencimento.

As especificações de um dispositivo com características glociais, especialmente no que se refere à capacidade de tempo real, ao fluxo bidirecional inerente a essas tecnologias capazes de rede (TRIVINHO, 2007), permitem a visualização da comunicação que ocorre em tempo real e a tudo o que a ela está vinculado, no sentido do que é engendrado em torno dela em nível societário, como uma espécie de dispositivo que potencializa o agir social em tempo real também como pura atividade de governo, pautada em variadas diligências de caráter interativo às quais os indivíduos passam a vincular seu dia a dia, suas tarefas, atividades, seus compromissos sociais, incluindo seu modo de ser e pensar. O envolvimento que se estabelece pela comunicação como dispositivo obviamente se espraia na vivência em sociedade, até porque dela provém, como constructo sociotécnico resultado de séculos de pensamento mecanicista e cibernético, que fundamenta e marca sua gênese e desenvolvimento, desde fins do século XIX.

O quadro que se descortina, então, é o de uma *oikonomia* que acontece em tempo real, que se configura também como práxis gerencial, de caráter emergencial e focada no controle. Entretanto, é uma *oikonomia* de características diferenciadas, de aspecto sublimado e pulverizado, em virtude de sua intrínseca peculiaridade de prática imbuída das características do glocal. Nesse sentido, passa-se a discorrer sobre o contributo da conceituação de *oikonomia*, no que tange à perspectiva *dispositiva*, bem como no que se refere à dinâmica de uma práxis assim definida na vivência em tempo real.

2.1. Contribuições do significado de *oikonomia*

Para iniciar a reflexão do que se pode chamar de *capacidade dispositiva do glocal*, é importante trazer à análise o significado do termo grego *oikonomia*, no qual Agamben (2009, 2011) se fundamenta para explicitação do que ele cunhou de genealogia teológica da economia. Inicialmente, Agamben (2011) ressalta a noção de *oikonomia* em Aristóteles, que engloba o sentido de administração da casa (*oikos*) e, de forma mais geral, remete também à esfera gerencial (gestão ordenada das coisas). Lembra, ainda, que o filósofo identifica o termo *oikos* (casa) não se referindo ao âmbito familiar propriamente dito, mas sim a organismos mais complexos, relativos a três relações especificamente: a relação senhor-escravo; a relação pais-filhos e a relação gâmica marido-mulher. O filósofo grego vincula o termo *oikonomia* a uma práxis gerencial, que supõe também um controle para fazer frente a uma urgência de resultado mais ou menos imediato (AGAMBEN, 2011, p. 31-32).

Para chegar à elaboração de seu próprio conceito de dispositivo, Agamben se reporta ao termo *oikonomia* no contexto da teologia cristã dos primeiros séculos, que estaria relacionado à tentativa de explicitação da doutrina sobre a Trindade, no que se refere à sua imanência na vida intratrinitária correlacionada à história da revelação de Deus na história humana. Agamben afirma que o termo *oikonomia*, posteriormente traduzido para o latim como dispositivo, aos poucos foi se configurando como ideia de “governo divino providencial do mundo” e chegando a gerar um paradoxo ao separar em Deus o ser e a ação, “ontologia e práxis” (AGAMBEN, 2009, p. 37, 2011, p. 67-81).¹⁹ Tal paradoxo, segundo o autor, teria se perpetuado até os dias de hoje no conceito de dispositivo, por isso entende que o termo grego *oikonomia*, assim apreendido, torna-se essencial para a compreensão da definição moderna de dispositivo relacionado ao âmbito político e econômico.²⁰

Agamben propõe, assim, a ampliação do termo dispositivo, tomando-o do pensamento foucaultiano, e supõe também que o conceito de dispositivo seja um termo técnico essencial

¹⁹ Pondera-se que, na doutrina teológica cristã, não há distinção entre a imanência e a economia da Trindade. Os teólogos cristãos esclarecem a questão da seguinte forma: “A Trindade econômica é a Trindade imanente” (RAHNER, 1969 apud FORTE, 1987, p. 16). Segundo Forte (1987, p. 16), “A Trindade como é em si (‘imanente’) se dá a conhecer na Trindade como é para nós (‘econômica’): um e o mesmo é o Deus em si e o Deus que se revela, o Pai pelo Filho no Espírito Santo”. Moltmann (2000, p.167-169), também em concordância com Rahner e tomando o evento da cruz como entendimento central da Trindade, apreende “a relação do Deus uno e trino consigo mesmo e a relação do Deus uno e trino com o seu mundo [...]” como “‘ação recíproca’ entre o ser e a revelação”.

²⁰ Cumpre ressaltar que, na obra *O Reino e a glória*, o autor tratará com maior clareza o fundamento metafísico do “paradigma do regime divino do mundo como um sistema duplo” (AGAMBEN, 2011, p. 97-99), com base na doutrina da substância separada e do Motor Imóvel, de Aristóteles (2002, p. 541-585).

para Foucault, que o teria utilizado de modo operativo para apreender os dispositivos como um conjunto de regras, instituições e processos de subjetivação, em que se concretizam as relações e mecanismos de poder (AGAMBEN, 2009, p. 32-34). Agamben apreende, então, o termo dispositivo como tudo “aquilo em que e por meio do qual se realiza uma pura atividade de governo sem nenhum fundamento no ser”, e cuja implicação seria sempre o processo de subjetivação (AGAMBEN, 2009, p. 38), no sentido de um conjunto de práxis que teria o objetivo de governar, controlar e orientar os indivíduos.²¹

Em síntese, considerando que a definição de dispositivo é da ordem da cultura, inclusive como ferramenta própria de governo, e visando um alcance mais abrangente em sua correlação à natureza intrínseca ao glocal, o conceito de dispositivo que fundamentará a articulação da presente reflexão referenciará o sentido de dispositivo diretamente correlato ao termo *oikonomia* em sua origem grega, sobretudo no que se refere ao seu aspecto gerencial e emergencial, como há pouco mencionado, considerando que o caráter de gestão está presente em vários – senão em todos – âmbitos da vida humana como construção sociocultural e de direcionamento da práxis social. De outro lado, será ressaltada a correlação ao conceito de dispositivo elaborado por Agamben, em virtude de permitir ampla flexibilidade de apropriação e sobretudo no que tange ao aspecto de governo fincado somente na práxis (AGAMBEN, 2009, p. 37, 2011, p. 67-81). Vale ressaltar a definição de dispositivo de Agamben como formulado na íntegra:

[...] chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. (AGAMBEN, 2009, p. 40).

Obviamente, reconhece-se que uma enorme gama de categorias sociais, políticas, econômicas, filosóficas, religiosas, literárias, artísticas etc. caberão no conceito cunhado pelo autor. Reconhece-se, igualmente, que o fenômeno glocal, como invenção tecnocultural também guarda estreitas correlações com o conceito de dispositivo, seja na apresentação empírica do glocal, como também em todas as suas expressões sógnicas e socioestruturais, na ordem do dito e do não dito. A rede de natureza glocal que se forma desde as estratégias de mercado, passando pela articulação e circulação de conteúdos informacionais da sociedade mediática, até chegar junto aos consumidores ávidos pelo acesso glocal, é perpassada por características que se enquadram na ordem do dispositivo como conjunto de normas, leis,

²¹ Para maiores detalhes, veja-se Agamben (2009, 2011).

regras, instituições, que também capturam, interceptam, orientam, controlam comportamentos, opiniões e discursos, assim como especificado na definição de dispositivo de Agamben.

Como exemplos que dão a perceber a *natureza dispositiva do glocal*,²² podem ser relacionados tanto os impactos das estratégias de marketing e das produções publicitárias, quanto dos conteúdos televisivos, das produções cinematográficas, das expressões da arte fotográfica, dos conteúdos de programas radiofônicos, da navegação na web, da adesão às diversas redes sociais virtuais, das participações em jogos *online*. Nesses exemplos, podem também ser inseridas as conversações em lugares diversificados em torno da agenda mediática vigente, as intenções de aquisição deste ou daquele acessório multimidiático, o desejo de atualizações infotecnológicas tanto no que se refere aos aplicativos quanto aos equipamentos, e assim por diante. Percebe-se, então, que todas essas expressões socioculturais que remetem ao glocal, seja em sua dimensão *lato ou stricto sensu*, são escolhas orientadas, discursos direcionados, opiniões perpassadas de significações gloais. Além da possibilidade de se refletir acerca do *glocal como dispositivo*, surge, por conseguinte, a necessidade de se apreender dessa reflexão a categoria dos *dispositivos de natureza glocal*, que seria toda a gama de equipamentos, acessórios e estruturas telecomunicacionais que dão suporte ao *glocal como dispositivo*.²³

Depreende-se, dessas considerações, a *capacidade dispositiva do glocal* amplamente presente na civilização tecnológica atual. De certa forma, desde as civilizações primitivas, os dispositivos já se configuravam – como constructo social e de forma rudimentar, mas não menos *dispositiva* –, como ferramentas de governo, controle e orientação para os indivíduos. Contudo, vislumbrando o conceito sob o prisma do fenômeno glocal, o aspecto gerencial da definição de *oikonomia* toma a forma de uma gestão ainda mais emergencial e mais concretamente imbuída de instâncias de controle, ainda que apresente o que se poderia chamar de *ordenamento descentrado*, uma espécie de controle descentralizado na/da grande rede empírica e simbólica engendrada no/pelo glocal. Importante salientar o quanto o glocal, em suas características e na importância que a ele é dado no cotidiano dos indivíduos e das

²² Recorda-se, neste ponto, que a conceituação referente à apreensão da *natureza dispositiva relacionada ao glocal* tem fundamentação na categoria do glocal, de Trivinho (2007), abordado no Capítulo I, Tópico 2, desta reflexão.

²³ Vale frisar que, ao se tratar de *dispositivos de natureza glocal*, está-se fazendo referência aos suportes infotecnológicos que formam os contextos gloais (isto é, *stricto sensu*), enquanto que, ao se referir à *natureza dispositiva do glocal*, busca-se dar ênfase também ao que o glocal abrange em sua dimensão *lato sensu*. Por exemplo, é bastante comum que fatos narrados em algum contexto glocal, e posteriormente transmitidos a outras pessoas em encontros presenciais sejam *potenciais dispositivos* para tomadas de decisão ou para o desencadeamento de ações a partir do comunicado recebido.

instituições, está imbuído de pura atividade gerencial da vida ou de puro estado de supostas urgências e necessidades imediatas. Principalmente nesta perspectiva, o glocal como dispositivo é bastante devedor ao conceito de *oikonomia*, em Agamben (2009, p. 49), como “pura atividade de governo, que visa à própria reprodução”. Na esteira desse raciocínio, serão analisadas as conjunções do conceito de dispositivo com o tempo vivido na experiência glocal.

2.2. *Oikonomia* e glocal

Considerando que o glocal é um fenômeno de características peculiares, vale refletir sobre alguns dos aspectos de uma *oikonomia* própria do glocal, como *práxis gerencial, emergencial, ordenada e descentrada*. Esse tipo de gestão, em que *o tempo real toma a cena*, é marcado pela vivência comunicacional mediada intensamente a partir da interatividade e velocidade proporcionadas pela instantaneidade dos meios interativos.

É bem verdade, conforme comprova Virilio (1993b, 1996b, 2000) em suas pesquisas sobre os impactos da velocidade na construção das sociedades, que a percepção humana já havia sido constantemente afetada no que se refere ao tempo e ao espaço, seja no âmbito público seja no ambiente doméstico, em função da velocidade. Após a revolução dos transportes, no século XIX, deu-se a revolução da transmissão, iniciada em fins do século XIX e desenvolvida cada vez com maior rapidez no século XX. Com ela, surgiu a transmissão instantânea – isto é, o tempo real –, como experiência de “telepresença instantânea” (VIRILIO, 2000, p. 32), a partir da utilização dos meios comunicacionais, perpassada de ações a distância e na qual é suprimido o “tempo presente” em favor de um alhures que não remete à “presença concreta”, mas à “telepresença discreta” (VIRILIO, 2000, p. 33).

Com a profunda transformação da experiência de tempo ocorrida a partir do advento do fenômeno glocal, *o aspecto gerencial (da ordem do dispositivo) glocalizado tornou-se o mote de ação para a vida humana na civilização atual*. É uma espécie de *gestão da vida ritmada pelo tempo real e ordenada descentradamente, em conformidade com o glocal como dispositivo*.

Assinala-se que a definição de dispositivo, em Agamben (2009, p. 35), remete “a um conjunto de práticas e mecanismos [...] que têm o objetivo de fazer frente a uma urgência e de obter um efeito mais ou menos imediato”. Apreende-se, dessa conceituação, que uma das aproximações entre o dispositivo de Agamben e o dispositivo no âmbito do glocal residiria precisamente no caráter de “urgência” do dispositivo, pois esta é a dimensão que remete à

forma de viver o tempo real, à forma de viver a velocidade. Tal perspectiva está relacionada à aceleração dos processos socioculturais, técnicos/tecnológicos e científicos que, ao longo dos séculos, foi exigindo gradativamente maior urgência na gestão das coisas, e imprimindo também maior ingerência sobre o ritmo da vida humana.²⁴

O caráter de urgência é uma categoria essencial para a compreensão do dispositivo como um conjunto de práxis que conduz o ente humano a pautar sua vivência nas *urgências propriamente glocais* ao seu redor, ao deixar-se orientar pelo aspecto de emergência inscrita na própria definição de dispositivo. Urgência, velocidade e dispositivo – este como práxis gerencial da vida em todos os âmbitos: político, econômico, social, relações interpessoais, trabalho, lazer etc. – passaram a caminhar sempre mais unidas ao longo dos séculos, chegando ao ápice da imbricação entre elas nas *experiências glocais dispositivas*. Isso se clarifica ainda mais ao referir novamente o que Virilio (2000, p. 34-35) pontua sobre a velocidade ser não um fenômeno em si, mas a relação entre os fenômenos. Portanto, *a velocidade é a relação entre o tempo real e a urgência*. Essa é a “velocidade limite”²⁵, que está nos meandros da *oikonomia* relacionada ao glocal.

A velocidade é um vetor primordial para se compreender a lógica da época atual,²⁶ e é principalmente no glocal cibercultural que a urgência das interações em tempo real se deixa mais facilmente apreender. Cabe lembrar, neste ponto, entretanto, que, como urgência, compreende-se também as necessidades consideradas como imediatas, e não somente uma emergência factual. Com esse enfoque, passa-se a perceber melhor o quanto os vetores estruturais da cibercultura – descritos por Trivinho (2007, p. 116) como sendo: “a informatização, a virtualização, a ciberespacialização, a hipertextualização, a cibericonização e a interatividade” –, constam como necessidades urgentes do processo de globalização e, por isso mesmo, apresentam-se nesse contexto em sua plena capacidade dispositiva. Esses vetores estruturais são responsáveis por acentuar o caráter de urgência do glocal como dispositivo, à medida que passaram a orientar, modelar e capturar – para lembrar Agamben – a forma de viver e estar no mundo (englobando o plano material, simbólico e imaginário), por meio da existência em tempo real. As correlações entre os referidos vetores e as especificidades das

²⁴ Cabe relemburar que esta aceleração está assentada no mecanicismo desenvolvido a plenos pulmões na época moderna, cuja culminância é o pensamento cibernético, surgido em meados do século XX, podendo ser consultados os seguintes autores acerca do tema: Breton (1992), Heidegger (2008), Rudiger (2002, 2006), Trivinho (2001, 2007). Para aprofundamentos sobre a relação entre aceleração e seu impacto nos processos social-históricos e culturais do humano, veja-se Virilio (1993b, 1996b, 2000).

²⁵ Virilio (2000, p. 31-45) aduz que a constante da velocidade da luz sucede ao espaço e ao tempo. Esses, doravante, não são mais concebíveis sem aquela, que é a própria velocidade limite.

²⁶ Conforme já mencionado na explanação sobre a epistemologia crítica da cibercultura, de Trivinho (2001, 2007) – Parte I, Capítulo I, desta reflexão.

necessidades (consideradas como) urgentes na cibercultura serão objeto de explanação e análise posteriormente, na segunda parte desta reflexão.

O segundo aspecto da *oikonomia* relacionada ao glocal que se considera interessante pontuar, é o que se refere à subjetivação. Agamben afirma que é próprio do dispositivo produzir subjetivações, o que decorreria do que ele denomina de “corpo a corpo entre os viventes e os dispositivos” (AGAMBEN, 2009, p. 41). Entretanto, o autor assevera que na atualidade, em virtude do aumento na produção de dispositivos, descortina-se uma enorme proliferação de processos de subjetivação e, ao mesmo tempo, de dessubjetivação. Segundo o autor, essa dinâmica acaba não engendrando uma recomposição do sujeito, mas somente em uma forma que ele denomina de espectral.²⁷

A produção de sujeitos, a que se refere o autor, aproxima-se consideravelmente do modo de produção do sujeito que se desenvolveu nas últimas décadas como característica da cultura pós-moderna. Nesse ínterim, recorda-se que o desencanto do mundo²⁸ em relação às utopias da modernidade foi decisivo para a extensa suspensão de subjetivação de base ideológica²⁹, como costumava ocorrer na era moderna. Isso contribuiu sobremaneira para o crescimento nos processos de subjetivação, uma vez que as instâncias de legitimação tiveram sua influência enfraquecida – ou, em alguns casos, até cancelada – no ser e fazer dos indivíduos. Como consequência do arrefecimento da subjetivação por parte das instâncias de legitimação da modernidade, os indivíduos envolveram-se sempre mais aleatoriamente nos diversos processos subjetivantes em geral.

Sublinha-se, também, o entrelaçamento entre a comunicação e a pós-modernidade (TRIVINHO, 2001, 2007) como uma das principais fontes da proliferação de processos subjetivantes, considerando-se que os meios de comunicação social tiveram e têm influência decisiva sobre os processos socioculturais e históricos das últimas décadas. Somando a esse amplo panorama, não se pode deixar de levar em conta os alicerces utópicos, sobre os quais a comunicação – como valor em si mesma³⁰ – está pautada, bem como considerar o estilo pós-moderno de uma sociedade que busca se enquadrar em sonhos de consumo, no seguimento de modismos, os mais variados possíveis. Além desses fenômenos social-históricos e culturais,

²⁷ O principal questionamento de Agamben (2009, p. 41-42) a respeito da proliferação dos processos de subjetivação é a maior intensidade do “mascaramento que sempre acompanhou toda identidade pessoal”.

²⁸ Conforme os autores que tratam a questão do pós-moderno, já citados: Bauman (1998, 2001), Harvey (1992), Lyotard (2002) e Trivinho (2001).

²⁹ Na atualidade, já se registram novas teleologias com característica propriamente cibercultural: Sfez (1996) aborda o tema da grande saúde com o projeto Genoma, e Rüdiger (2008) trata questões do pós-humano que englobam a superação das condições limitantes do humano por via maquina.

³⁰ Refere-se aqui à crítica de Breton (1992) à comunicação posicionada pela teoria cibernética como a solução para todos os conflitos humanos.

que se estabelecem como dispositivos que impactam na produção de subjetivações, vale referir especialmente as peculiaridades do glocal como dispositivo, pois o aprofundamento e reescalonamento da experiência em tempo real é causa constante da expansão de subjetivações. Supõe-se, inclusive, que, no contexto glocal, o termo mais adequado para expressar o binômio subjetivação/dessubjetivação seria a expressão *subjetivações aleatórias*, ajustadas ao estilo da condição pós-moderna.

Agamben (2009, p. 42-45) parte da premissa que todo dispositivo traz em sua raiz o desejo humano de felicidade. Ele conclui que “a captura e a subjetivação deste desejo, numa esfera separada, constituem a potência específica do dispositivo” (AGAMBEN, 2009, p. 44), que teria a capacidade de restituir ao sujeito aquilo que teria sido separado da esfera comum. Depreende-se, por conseguinte, da especificidade da conceituação de dispositivo de Agamben – ou seja, a de capturar do uso comum para um lugar de destaque coisas ou pessoas –, que no âmbito do glocal como dispositivo, ocorre ação inversa: *é o próprio glocal que traz para o uso comum aquilo que tinha sido separado e dividido*, ao conjuntizar todas as esferas a um só tempo: o tempo real. Essa constatação realça ainda mais a capacidade dispositiva do glocal, relativa à potencialidade em capturar os indivíduos pelo desejo de felicidade. Este se vê atendido naquilo que o processo de glocalização oferece como benesses para a vida em sociedade: praticidade, rapidez, transparência etc. É justamente nessa condição que, o que constava como separação, transmuta-se em *mescla*, o que era somente da esfera sagrada/separada se coloca no mesmo plano imagético do que faz parte da esfera comum, característica própria das (con)fusões engendradas pelo fenômeno glocal (TRIVINHO, 2007). No glocal, a captura e a subjetivação da desejada felicidade pelo humano – como raiz do dispositivo – já não necessitam estar em uma esfera separada, mas *é o dispositivo que se constitui a própria realização dessa felicidade*. É o dispositivo glocal em si mesmo que restitui essa “felicidade” ao sujeito, inclusive no ato de *possuir* dispositivos glocais.

O glocal, com seu alcance planetário em rede, tem a capacidade de “captura” dos sujeitos onde quer que eles se encontrem, tornando, inclusive, quase impossível uma ruptura de hegemonia desse mesmo dispositivo. Na civilização tecnológica atual, chega-se ao ponto de não se poder subverter o dispositivo, sem se correr o risco de não ter a possibilidade de se articular em sociedade. A articulação das instâncias de subversão acontece, já em grande parte, através da empiria do dispositivo glocal.³¹

³¹ Em vista disso, torna-se mais complexo fazer referência, por exemplo, no âmbito do glocal, à definição de profanação em Agamben (2009) – que, segundo o autor, seria a tentativa de restituir ao lugar comum o que fora separado à esfera do sagrado, na forma de contradispositivos.

Vislumbrando essa espécie de “cerco” engendrado pela vivência através do glocal, infere-se com mais clareza outro aspecto do conceito de *oikonomia* no que tange ao glocal, que diz respeito ao que se denominou, há pouco, de *ordenamento descentrado*. Ordenar, nesse contexto, remete ao sentido de controle sobre determinada situação. Abrange a capacidade que tem o glocal de possibilitar controles, em níveis variados, do conteúdo informacional circulante em toda a rede. Esse ordenamento abrange tanto a categoria do tempo real quanto a produção de subjetivações aleatórias. Depreende-se dessa imbricação as implicações do adjetivo *descentrado* relativo ao termo *ordenamento*, pois: a) o tempo real, em seu “bojo”, é formado de pura instantaneidade e de puro acesso simultâneo, o que permite que de qualquer parte da rede (e ao mesmo tempo de lugar algum) usuários em acesso estejam sendo observados e mapeados em seus costumes, preferências, perfis (falsos ou não) etc., com restrições a depender do tipo de acesso; b) de outro lado, as subjetivações aleatórias já expressam no próprio significante o caráter de descentralização que lhes é peculiar, e demonstram o quanto estão a serviço do ordenamento no glocal, uma vez que refletem a própria captura dos indivíduos pelo dispositivo.

O ordenamento descentrado passa tanto pelo controle dos indivíduos e das instituições, quanto pelo controle (planetário) do território. No que se refere àquele, o ordenamento passa pela adequação da existência à articulação da vida cotidiana através das práticas sociais em tempo real e na medida em que se alimentam dados e informações pessoais e/ou coletivas nos ambientes virtuais. Já em relação ao controle do território,³² é bastante evidente as tentativas da sociedade em geral em se esquadriñar o globo terrestre por meio de satélites, conexões sem fio, equipamentos GPS, vigilância eletrônica etc., além de usuários que, em prol do ordenamento – e esse fato demonstra ainda mais a descentralização do controle –, estão prontos a registrar em equipamentos locais interativos móveis qualquer sinalização capaz de servir de prova em determinada ocasião.

Ao final dessa aproximação entre as peculiaridades do significado de *oikonomia* e os elementos inerentes ao glocal, cabe analisar a existência de uma categoria que englobe tanto o tempo real, quanto a gerência, a urgência e o ordenamento descentrado, e que ao mesmo tempo funcione como elo para a perpetuação do glocal como dispositivo.

³² Toda a obra de Virilio é articulada sobre o vetor da velocidade/aceleração, que tem profundas implicações no que se relaciona ao encolhimento do território, sobretudo em virtude do desenvolvimento de tecnologias militares, de transportes e comunicacionais no intuito de superação da superfície, inclusive controlando-a a partir do tempo real, e chegando a alcançar o que o autor denomina de dimensão nula.

2.3. Comunicação-dispositivo

Pensar uma comunicação como valor gerencial, que traga em seu escopo a gestão da vida humana por meio dos dispositivos glociais, é ao mesmo considerar a existência de um processo social globalizado, conjuntural, que, embora seja puro fluxo, é gerador de necessidades, desejos, interesses, modos de vida, e que ao mesmo tempo instiga os sujeitos a participarem desta conjuntura social e com ela colaborarem. Dessa forma, a partir de uma modulação na definição de dispositivo de Agamben (2009, p. 40), trazendo-o para o âmbito de características intrínsecas à natureza do fluxo-comunicacional, pode-se aproximar de uma definição para esta comunicação como se tratando de uma *comunicação-dispositivo*, que vem a ser: *uma comunicação vinculada ao contexto glocal, como rede que se cria na atuação humana por meio dos dispositivos glociais, com a capacidade de ritmar a gerência das práticas cotidianas, ao capturar os sujeitos de modo sutil e sedutor, ressignificando e condicionando os comportamentos, opiniões, aspirações e discursos dos indivíduos, isto é, seu universo material, simbólico e imaginário.*

Essa comunicação é o fluxo engendrado nas interações virtuais e cuja aceleração remete ao tempo-luz (tempo real) e à velocidade-limite, apontados por Virilio, conforme já mencionado, e que chega a fundir-se com o que se entende por ciberespaço nesta reflexão – considerado como sendo a rede mundial de computadores disponível para acesso através de todos os variados dispositivos glociais em rede. Trata-se da comunicação-fluxo que impele à vivência glocal, conjuntizando as práticas incorporadas permanentemente no dia a dia de acesso ao glocal, que são os *habitus* glociais – recordando que são da natureza das estruturas estruturantes e que funcionam como orientadores da ação –, e os contextos glociais *lato* e *stricto sensu*, considerando sempre o caráter dispositivo de cada uma dessas instâncias. É uma *comunicação-alerta*, que não dorme, sempre em constante rotatividade no globo terrestre (e fora dele, se considerarmos também os satélites em órbita e os robôs lançados em exploração espacial³³).

Constata-se, assim, que essa comunicação, alinhada às especificidades do fenômeno glocal, é da natureza do dispositivo, sobretudo se levarmos em conta sua capacidade de obliteração da dependência estrutural e de geração de uma submissão sutil dos que dela participam, aspectos que serão detalhados nos tópicos a seguir. Nesse sentido, no contexto de

³³ Notícias sobre robôs de exploração espacial podem ser consultadas no link: <<http://www.cienciahoje.pt/37>>.

vivência em tempo real, esta comunicação-fluxo pode ser considerada um dispositivo específico a serviço da reprodução social-histórica da civilização tecnológica atual.

PARTE II

COMUNICAÇÃO-DISPOSITIVO, DEPENDÊNCIA ESTRUTURAL
OBLITERADA E *ESTADO CONECTIVO* CIBERCULTURAL

CAPÍTULO I – ARTIFÍCIO, TEMPO REAL E COMUNICAÇÃO-DISPOSITIVO

Sempre se supôs que os instrumentos são modelos de pensamento.
O homem os inventa, tendo por modelo seu próprio corpo.
Esquece-se depois do modelo, “aliena-se”, e vai tomar o instrumento
como modelo do mundo, de si próprio e da sociedade.
Flusser (2002, p. 73)

Este capítulo está dedicado à análise das especificidades da definição de comunicação-dispositivo e as contribuições do conceito de *oikonomia* e da categoria do glocal para compreensão das nuances acerca desse fluxo comunicacional. Entre essas peculiaridades, está a maneira desse fluxo se apresentar como artifício e sua influencia de encantamento diante das possibilidades técnicas das invenções artificiais do humano. Além disso, verificar-se-á sua aproximação aos princípios cibernéticos e seu caráter utópico.

No cerne do sentido artificioso da comunicação-dispositivo serão sinalizadas algumas formas de se apresentar dos artifícios como mediadores dos laços sociais, que ao longo dos séculos o ser humano construiu. Dentre os dispositivos artificiais está o computador como criação que impactou sobremaneira o modo de vida, de ser e estar no mundo das sociedades das últimas décadas.

Como elementos da conceituação de *oikonomia*, que serão preponderantes para a caracterização da comunicação-dispositivo, elencam-se o gerenciamento, a urgência e o controle, inerentes a uma forma peculiar de práxis gerencial em tempo real, que engendra subjetivações de nuances aleatórias. Consideram-se, também, as categorias da velocidade, da instantaneidade, da virtualização, concernentes aos ambientes virtuais, que sobrelevam o valor da comunicação como utopia de resolução de conflitos humanos, que se assenta nos prismas de democratização e pulverização de barreiras. É de forma sutil que a comunicação-dispositivo se engendra nas tarefas mais cotidianas da vida, interpelando e envolvendo o indivíduo a qualquer instante, na continuidade de seu fluxo ininterrupto.

1. A comunicação e o artifício

Já é notório o enorme fascínio que os artifícios criados pelo ser humano têm sobre o seu imaginário. São várias as narrativas, lendárias ou não, que relatam o encanto do criador de

seres artificiais diante do fato de dar vida aos inventos cunhados por suas próprias mãos. Breton (1995), por exemplo, de forma enriquecedora, dedicou-se à pesquisa sobre os tipos de criaturas artificiais que, ao longo dos séculos, foram projetadas inclusive no âmbito de uma questão política e que passaram a adquirir um significado social posteriormente. Muitas vezes, essas criações estiveram imbuídas de uma dupla movimentação, divergentes entre si: por um lado, era uma afirmação do poder do humano e do domínio que ele pode exercer sobre seus próprios inventos, ou o oposto a esta situação, que consiste na perda de controle da situação ou mesmo no extermínio do ser humano. São inúmeras, por exemplo, as controversas narrativas em torno da lenda judaica sobre a criatura artificial Golem, feita de argila, que serviria de mediador em defesa do povo judeu perante outras nações em questões políticas e de cunho social.³⁴ Por outro lado, há aspectos do imaginário humano que ressaltam as ameaças de serem produzidas criaturas artificiais, que posteriormente se insurgem contra seus criadores.³⁵ Segundo Breton, os primeiros autômatos datariam do século XIII.

Vermeir (2005), autor que elabora interessante incursão sobre o que seria a arqueologia da história do ciborgue, elenca alguns construtores de autômatos considerados expoentes no séc. XVII: Cornelius Drebbel (1573-1633), inventor de um submarino, Atanásio Kircher (1602-1680), que mantinha um museu de maravilhas mecânicas, simbolismo da época barroca italiana, e John Wilkins (1614-1672), que já sonhava com viagens espaciais e chegou a construir uma estátua falante.³⁶ Há também relatos sobre os autômatos fabricados sobretudo no século XVIII, que causavam assombros nos espectadores tal era a criatividade de seus inventores mecanicistas. O autômato *Flautista*, fabricado por Jacques de Vaucanson em 1738, é uma das criações emblemáticas dessa época (SENNETT, 2009, p. 102-104).³⁷ Também

³⁴ Breton (1995) esclarece os vários equívocos surgidos em torno desta lenda ao longo dos séculos, sobre a qual ele demonstra ter abundante referência literária, tal é o interesse em geral em torno de temas relativos a seres artificiais produzidos pelo ser humano. Segundo Breton, a temática do Golem também influenciou Norbert Wiener em seu projeto de construir um ser artificial.

³⁵ Em relação a esse aspecto, o autor cita, por exemplo, o conto de Mary Shelley (1797-1851), sobre Dr. Frankenstein e sua criatura (BRETON, 1995, p. 36), e a peça de teatro do escritor Karel Capek (1890-1938), encenada em 1922, que trata da criação de robôs por um grande sábio fisiologista. Depois de algumas descobertas científicas, o sábio passa a fabricar o que ele chama de *robots*, que trabalham como operários em fábricas espalhadas pelo mundo, os quais, posteriormente, acabam rebelando-se e eliminando seus criadores. Há registros, também, de que 25 anos antes já teria sido escrita outra peça de mesmo teor, de Robert Sheckley (BRETON, 1995, p. 29-31).

³⁶ Vermeir (2005) afirma que esta tradição, relacionada à produção do que ele denomina de mágicas artificiais, tem sua gênese em textos da Antiguidade, de Heron de Alexandria e Vitruvius, e em textos medievais de Alberto Magno e Roger Bacon.

³⁷ Sennett (2009), que labora uma interessante síntese sobre a importância do trabalho do artífice, afirma, inclusive com pesar, que o autômato de Vaucanson acabou dando origem às máquinas de tecelagem, cuja construção foi encomendada por Luís XV, para manufatura de sedas na França. Como consequência, foram substituídos os tecelões que trabalhavam nesse segmento de fabricação.

desta época são os autômatos de Pierre Jaquet-Droz e seu filho Henri, que construíram um escritor, um desenhista e uma tocadora de música (BRETON, 1995, p. 38-41).

Infere-se que o encantamento diante dos seres artificiais não é novidade no imaginário social e individual. Sempre houve, em geral, o fascínio por muitos inventos e descobertas como, por exemplo, no surgimento dos meios comunicacionais como a imprensa, o telégrafo, o telefone, a fotografia, o cinema, o rádio e a televisão. Entretanto, um dos que mais impactou o imaginário, no sentido de ser possível uma criação artificial a partir dessa estrutura, além do profundo caráter ideológico e político que marca sua criação, foi o computador. Conforme Breton (1995, p. 139-154) recorda, a arquitetura desse equipamento esteve na base de projetos com a finalidade de construção de um cérebro artificial similar ao cérebro humano ou ao menos uma máquina que imitasse o seu funcionamento. Em sua criação, participaram os matemáticos John Von Neumann, que escreveu a arquitetura lógica da máquina em 1945, Norbert Wiener, já citado anteriormente como o criador da cibernética, e Alan Turing, considerado atualmente um dos pais da informática. O autor chama atenção para o fato de o desejo de construção de um organismo artificial ser somente em relação ao cérebro como representação do humano, mostrando que a concepção de humano que estava em jogo era a de um ser eminentemente informacional, habilitado à troca de informações, ao cálculo e à comunicação (BRETON, 1995, p. 139). É esta visão do humano que Wiener reforçará em sua teoria cibernética, dando ênfase primordial à dimensão informacional e relegando os suportes materiais a um plano secundário. De fato, o discurso cibernético trouxe para o centro a temática da complexidade comunicacional – cujo papel, acreditava-se, estava sendo subestimado em sociedade –, revalorizando o pensamento racional e ao mesmo tempo desvalorizando o corpo:

Como muitos outros cientistas, na linha de Turing e de Von Neumann, Wiener está convencido de que o pensamento, enquanto acção comunicante, é um cálculo e que as modalidades de realização desse cálculo são, por um lado, independentes do suporte biológico e, por outro, transferíveis para outros ‘dispositivos’ ou ‘suportes’, naturais ou artificiais. (BRETON, 1992, p. 52, grifos do autor).

Nessa concepção, foi bastante ressaltada a função social das máquinas inteligentes como capazes de autorregulação da sociedade, considerando a possibilidade de certas funções de comando e decisão. O caráter político-ideológico era bastante claro no sentido de que tais máquinas contribuiriam para a dissolução dos conflitos humanos, funcionando como ligação social fundamentada na razão e no cálculo (BRETON, 1992, p. 53-55). Segundo os ciberneticistas, elas seriam capazes de conduzir de forma racional os processos humanos,

demonstrando, com isso, o caráter mediador utópico concedido a uma criatura artificial de auxiliar na solução de problemas políticos e econômicos, tanto que as denominaram de “máquinas de governar” (BRETON, 1995, p. 166-168). Como já assinalado,³⁸ mesmo com o arrefecimento da teoria, os valores por ela plantados em relação à importância do plano informacional permaneceram e suscitaram de forma cada vez mais vigorosa o valor utópico da comunicação como fim em si mesma. Nessa dinâmica, destaca-se claramente sua peculiaridade dispositiva de ser capaz de cooptar os indivíduos em torno de valores instituídos a partir dessa utopia informacional.

Como exemplo do alcance dessa utopia criada com base nas origens da cibernética e como amostragem da influência decisiva desta no imaginário, aponta-se também a concepção de organismo cibernético. Rüdiger (2008, p. 148) nos recorda que esta expressão foi baseada em textos de Wiener e criada por volta dos anos 1960, que faz alusão a sistemas, unindo homem e máquina. O autor frisa também que a referida ideia teria servido de fundamento para a ficção científica desde o âmbito da literatura até às produções cinematográficas e televisivas, bem como para a elaboração de reflexões sobre o ciborgue, como é o caso dos textos de Donna Haraway e Antonio Caronia, de 1985.

Vale salientar, ainda, o surgimento de movimentos pós-humanistas nas últimas décadas (RÜDIGER, 2008), que visam pesquisar, desenvolver ou incentivar formas mais avançadas de manter a vida humana sobre a terra, inclusive readaptando o corpo biológico ou dele prescindindo, se for o caso de – como eles anunciam – ter a mente transferida para a máquina. A síntese das tendências pós-humanistas, que Rüdiger aponta como junção daquelas que se referiam à metáfora do robô e as que agora se referem ao organismo maquínico, configura-se estreitamente à concepção que serviu de fundamentação à cibernética:

Neste novo contexto, a essência do ser se torna a informação, e seu sentido é cada vez menos humano, vinculando-se em última instância à máquina. O humano é visto como tendo sua essência na mente, e essa como passível de ser entendida como um sistema de informações encarnado numa virtual máquina. (RÜDIGER, 2008, p. 144).

Com efeito, a comunicação, especialmente na sua modalidade glocal, está imbuída do caráter imaginário, fantasioso e, não poucas vezes, espiritualista (FELINTO, 2005, LAFONTAINE, 2004), sobretudo no que se refere à libertação do humano de suas vicissitudes e limitações. Esta fantasia passa pelo desejo de mescla com a máquina, que já se configura como a implantação do artifício no humano, ou, por outro lado, os discursos

³⁸ Refere-se à Parte I, Capítulo I, desta reflexão.

relativos à possibilidade de transferência da mente aos suportes informáticos, que já corresponde a uma concepção do próprio humano *como artifício*.

A captura, o envolvimento e o fascínio da comunicação-dispositivo permeiam a civilização hodierna, ainda que sutilmente, mas de forma efetiva na permanência de uma mentalidade pautada na autonomização da técnica. Flusser (2007), por exemplo, chega ao extremo de afirmar que a comunicação humana é – ela mesma – um artifício³⁹, permitindo ao ser humano esquecer a falta de sentido da vida, que está condenada a um destino como a morte. Segundo o autor, o objetivo do mundo codificado seria precisamente a obliteração da natureza solitária e incomunicável do ser humano. Como seria impossível viver constantemente com esse conhecimento da solidão fundamental em mente, teriam sido criadas as diversas formas de expressão – entre elas ele elenca a arte, a ciência, a filosofia e a religião – para permanecer velada a condição de finitude do ser. Para Flusser, a comunicação se ocupa em criar o que ele denomina de tecido artificial como forma de, através dos recursos da cultura – inclusive a invenção da escrita –, encobrir a realidade mais impactante da natureza humana. Obviamente, verifica-se que esta é uma entre tantas interpretações no plano da comunicação humana, porém vale referenciar esta visão, considerando-se a gama de dispositivos comunicacionais à disposição do ser humano – ou vice-versa? – que funcionam como artifícios, impedindo, muitas vezes, a reflexão sobre as condições mais básicas e simples da vida humana.

Como a comunicação-dispositivo, artificiosa em seus meandros, é da ordem do dispositivo glocal, cabe lembrar que outra de suas características primordiais é a herança que ela guarda com as especificidades das categorias da *oikonomia* e do glocal.

2. *Oikonomia* em tempo real

Ao considerarmos que nos encontramos no plano da *oikonomia*, há que se levar em conta sobretudo o *caráter dispositivo do fluxo comunicativo* que perpassa a vida em sociedade na época atual. Faz-se novamente remissão à definição de comunicação-dispositivo, como sendo a rede comunicacional construída na atuação humana através do contexto glocal. Esse fluxo, como envolvimento e investimento de toda uma época, atua ressignificando comportamentos, costumes, trajetórias singulares de experiências e engendrando os discursos e opiniões em nível individual, institucional e social. A comunicação-dispositivo evoca o laço

³⁹ Embora o autor reconheça que existam formas de comunicação originais e fundamentais, como, por exemplo, a relação da mãe com o lactante, ainda que influenciada pela cultura.

social em que se transformou a comunicação como valor utópico (BRETON, 1992), baseada na teoria cibernética e reguladora das relações sociais.

O caráter *dispositivo* desse fluxo consiste também na própria potencialidade da comunicação de viger como vetor de articulação social na cibercultura, como demonstra Trivinho (2001, 2007), pois, na mescla comunicação-velocidade, o que sobressai é a *captura em nível planetário* das instâncias sociais e das individualidades. Na atualidade, as transformações social-históricas e culturais chegam ao ponto de ser capitaneadas, orientadas e levadas a termo por meio da comunicação-dispositivo. Mas em que circunstâncias socioculturais, por exemplo, essa *orientação via comunicação-dispositivo* pode ser constatada? Pode ser verificada no empenho de cunho mediático das várias instâncias sociais, nos mais variados âmbitos: artístico, religioso, acadêmico, educativo, profissional, político, econômico, esportivo etc. Na atualidade, por exemplo, há museus equipados com ampla produção mediática para apresentação de suas respectivas temáticas. Também é sinal dessa captura dispositiva da comunicação na vasta exposição mediática de temas de cunho religioso, seja em *media* de massa e/ou interativos. De outro lado, tem-se o processo educacional perpassado de *media* interativos e exigências de atuação interativa junto a alunos e professores – seja quando esses mesmos equipamentos são o próprio suporte de produção do conhecimento, como é o caso dos ambientes virtuais de aprendizagem na esfera da educação a distância, ou ainda quando se considera a crescente demanda em capacitação profissional via cursos a distância. Na área médica, por exemplo, equipamentos são potencializados com recursos interativos para a disponibilização via rede de resultados de exames laboratoriais e a realização de videocirurgias. A dinâmica incessante de busca e compartilhamento de dados e informações como parte do conhecimento colaborativo. Enfim, a presença dos *media* interativos nas mais variadas esferas de trabalho, com interligação das sedes empresariais e suas filiais ao redor do globo. Em todos esses campos, o mote da comunicação-dispositivo, uma vez perpassando tais instâncias de modo intensificado, já é sinal da resignificação que ela opera na vivência cotidiana. Com enraizamento nas diversas áreas de conhecimento, o processo de transformações no plano simbólico, que ocorre a partir dela, somente continua seguindo seu curso e garantindo a permanência do *status dispositivo* de que ela está imbuída.

Sendo da ordem da *oikonomia*, a comunicação-dispositivo *captura sem cessar, porém de modo sutil, sedutor e artificioso* – isto é, pautada no fascínio –, acabando por condicionar a maneira de agir e pensar dos indivíduos. Exemplo disso é o *modus operandi* inerente à existência em tempo real e o plano imaginário e simbólico amplamente permeado de alusões

ao plano comunicacional, inclusive como solução para os problemas e conflitos humanos.⁴⁰ Ela engendra as subjetivações aleatórias de forma eminentemente pautada em matriz informacional, da natureza do fluxo, do instantâneo, da fluidez e da velocidade. É uma espécie de subjetivação que não produz memória,⁴¹ pois o excesso de informações e dados nem sequer permite uma longevidade de boa parte dos conteúdos informacionais adquiridos. A cada instante é um fato novo, ou outro novo aspecto do mesmo fato, mas que decreta a morte simbólica do fato/informação/dado anteriormente exposto e cuja referência já não faz muito sentido, porque ultrapassado.⁴² Dessa forma, não se cria memória, e isto nem poderia ser diferente em se tratando de um *dispositivo* que, para continuar com a *pura atividade* a ele atinente, *alimenta-se propriamente do esquecimento*.⁴³

A comunicação-dispositivo se caracteriza, também, por sua forma de inserção na vida dos indivíduos, que ocorre através do que é próprio do ser humano, como os desejos e aspirações, a criatividade, o imaginário, o aspecto cognitivo, os anseios de superação de si mesmo etc. Nesse sentido, a comunicação-dispositivo produz *lugar de pertencimento ao capturar sutilmente o humano em todas essas dimensões*. A captura é acionada pela incorporação simbólica dos fluxos informacionais,⁴⁴ que servirá de motor para as sequenciais exposições ao glocal. O lugar de pertencimento proporcionado pela comunicação-dispositivo se faz sentir de modo bem evidente na vivência glocalizada em sentido *lato sensu*, quando a temática vigente na agenda mediática circula nos ambientes presenciais mais diversificados possíveis, desde um momento de lazer, de trabalho ou tarefas domésticas até ambientes acadêmicos, de instâncias governamentais, políticas, empresariais etc. *Estar imbuído do fluxo conectivo próprio da comunicação-dispositivo* – isto é, da ligação social em rede que impulsiona o indivíduo a desejar estar em dia com a tendência tecnocultural vigente – se configura em um dos elementos mais importantes na relação de pertencimento dos que compartilham desse fluxo com entusiasmo. Àqueles sujeitos que não se identificam com esse entusiasmo, resta a *pertença compulsória* a um ou outro agrupamento glocal, através da qual os indivíduos são também cooptados por meio da comunicação-dispositivo.

⁴⁰ Tal fato remete novamente ao princípio da cibernética que realça o auxílio da máquina em favor dos seres humanos (BRETON, 1992, 1995).

⁴¹ Recordar-se, neste ponto, o processo de (des)subjetivação que produz o sujeito espectral a que Agamben (2009, p. 46-48) se refere.

⁴² É o excesso próprio do fenômeno comunicacional, como já laborado nas obras de Baudrillard (1996) e Sfez (1994).

⁴³ Esta assertiva faz referência ao fenômeno da obliteração da dependência, engendrada a partir da comunicação-dispositivo, que será objeto de análise em capítulos posteriores.

⁴⁴ Esta dimensão simbólica tangencia o conceito de capital simbólico em Bourdieu (2004), enquanto *habitus* que se tornam conhecidos e reconhecidos formando esquemas classificatórios na construção do espaço social.

Outro aspecto da *oikonomia fluxo-comunicacional em tempo real* é o conjunto de suas características gerencial, emergencial e de controle – inerente ao dispositivo –, com o reescalonamento – próprio do glocal – desses três elementos. No panorama de ressignificações e condicionamentos que se dão em tempo real e sendo as práticas cotidianas gradativamente virtualizadas, a realização de tais práticas corresponde à gerência de tarefas, responsabilidades, ações do indivíduo em sociedade, porém eminentemente glocalizada. Assim, o *gerenciar virtualizado, informatizado, converte-se em uma gestão da vida pessoal e/ou coletiva como oikonomia própria do tempo real: a oikonomia glocal*. É um gerenciar que acontece na dinamicidade da interação nos contextos glocals. Entretanto, o outro viés desse governo latente que se estabelece no contexto glocal, dinamizado pela fruição de conteúdos da comunicação-dispositivo, extravasa desse mesmo contexto, alcançando todos os outros âmbitos de vivência humana, como ocorre na dimensão *lato sensu* do fenômeno glocal. Tal movimentação espalha potencialmente o caráter de *gerência glocal* para todo e qualquer procedimento em sociedade, estabelecendo-se, assim, frequentemente, como parâmetro para a atuação humana fora do ambiente glocal.⁴⁵

Entretanto, não significa que há uma governança (ainda que composta de uma coletividade) que premedite e articule todas as instâncias glocals para que o rumo da sociedade seja tal e qual por meio do fazer glocal. Obviamente, não é nesse sentido que se quer referir nesta reflexão, inclusive em razão de que tudo o que ocorre no e por meio do glocal sempre se reveste de muita sutileza e obliteração (TRIVINHO, 2007, p. 298-305). O significado da expressão “*gerência glocal*” *se refere a um modo de gerenciamento dos processos humanos em tempo real, que une instâncias de observação, instâncias observadas e os recursos observadores disponíveis, num esforço de gestão consciente ou inconsciente das atividades, perfis e modos de ser próprios e de outrem*. O gerenciamento pode estar relacionado às técnicas de vigilância em rede, mas se refere também a toda e qualquer ação do indivíduo/instituição que implique a gerência glocal da própria vida: atualização na leitura de mensagens eletrônicas, acompanhamento de agenda eletrônica, atualização de blogs, manutenção de páginas na web, atualização de atividades nas redes sociais virtuais etc. As constantes práticas de gerência por meio do glocal trazem em seu cerne a carga conceitual de *oikonomia* como pura atividade de governo, a qual, tendo uma herança histórica metafísica e uma consequente autonomização com base na regulação, no controle e na disponibilidade de

⁴⁵ Um exemplo típico do alargamento da gerência glocal a outros âmbitos de atuação é o prolongamento dos afazeres profissionais para os momentos de lazer e descanso dos indivíduos, em virtude dos recursos que o glocal dispõe como acessíveis a qualquer hora do dia. Vale conferir o que já se constata como patologias provenientes desses casos, na leitura de Nicole Aubert (2003).

recursos,⁴⁶ encontra-se imanente nos diversos dispositivos que articulam o fazer humano e, de modo específico, no glocal como constructo societário hodierno.⁴⁷

Ressalta-se, oportunamente, que não se trata também de uma constatação *a priori* de que as máquinas estariam gerenciando a vida humana, pois a comunicação-dispositivo, que tem como suporte as máquinas, é algo construído social e historicamente como resultado de vários fatores – entre eles estão elementos culturais, ideológicos e científicos, como já visto anteriormente –, que vão muito além dos suportes tecnológicos e dos recursos nele disponíveis. Porém, de qualquer modo, vale recordar que, na década de 40 no século XX, a criação das “máquinas de governar” (BRETON, 1992, p. 55-58, 1995, p. 166-168), ideologicamente concebidas pelos fundadores da cibernética como auxílio ao ser humano para a gestão dos problemas políticos – e que, inclusive, enquadram-se na definição de dispositivo como ferramenta para o atendimento a uma urgência – foi fundamentada na gestão, no cálculo e no controle. O computador, sendo um gerenciador por natureza, apresenta em toda sua estrutura, tanto em nível de *hardware* como de *software*, a gerência e o controle como princípios fundamentais. Basta vislumbrar a sua organização formada por múltiplos gerenciadores, por arquivos de controles do desempenho da máquina, por registros de *backups* (cópias de arquivos), pelo gerenciamento de acessos à internet etc. Como já se sabe, a princípio, o computador estava restrito às esferas militar e universitária,⁴⁸ e foi gradativamente migrando à circunscrição local nas redes locais e no uso pessoal, e posteriormente passou à ampliação de seu *status* na medida em que serviu de suporte à circulação de informações e dados, em extensão sempre mais alargada, com a implantação da rede mundial de computadores na década de 1990. Contudo, o fato é que nunca deixou de ser uma ferramenta de gerenciamento.⁴⁹

Tanto o computador, com seu *status de máquina gerencial*, serviu à ampliação da gestão do fluxo de dados e informações, como o próprio fluxo, que se configura como comunicação-dispositivo, foi e continua sendo suporte à manutenção do *status* que alcançou

⁴⁶ Conforme já abordado na Parte I, Capítulo I, desta reflexão, no que se refere ao modo de revelação do ser na essência da técnica moderna, no lastro da herança metafísica ocidental.

⁴⁷ Tal conjuntura de dispositivos, como lembra Agamben (2009, p. 38-39), pode fazer referência evidentemente ao conceito de com-posição (*Gestell*) em Heidegger, como modo de desencobrimento do ser na técnica moderna.

⁴⁸ Vejam-se Breton (1995) e Trivinho (2001, p. 67-70).

⁴⁹ Os indicativos de *hiperlinks*, por exemplo, são ferramentas características do gerenciamento na internet para orientação do que se acostumou denominar de navegação no ciberespaço.

sempre mais o computador e seus derivados⁵⁰, como os suportes tecnológicos mais desejados para consumo na atualidade. A comunicação-dispositivo, mesmo sem estar permanentemente à mostra, está sempre acionável a partir dos pontos de acesso glocal. Como fluxo incessante e sendo do plano da linguagem, ela captura o indivíduo na *emergência da interação*. O interagente se envolve nesse modo de captura ao se expor em tempo real, a qual acaba por se configurar como *captura gerencial do indivíduo*.⁵¹ A práxis de governo glocal pode se apresentar sob duas perspectivas: a) de *gerenciamento glocal externo*, inclusive supondo vários níveis de ingerência, na medida em que o acesso ao glocal seja permitido somente com o cadastro do interagente e com níveis diferenciados de acesso; o gerenciamento cabe às instâncias sociais em geral (institucionais, coletivas ou individuais), inclusive contribuindo para o controle por estas mesmas instâncias; b) *gerenciamento glocal por parte do próprio interagente*, a partir das ferramentas disponíveis no dispositivo glocal como recursos gerenciais, de que os indivíduos, coletividades e instituições dispõem para levar adiante sua *oikonomia* glocal.

Em virtude do excesso de informações que compõem a comunicação-dispositivo e da velocidade inscrita na natureza dos contextos locais, a gerência nesse fluxo se reveste da peculiaridade emergencial e descentrada. As instâncias observadoras e observadas entram no ritmo da urgência em uma circularidade de necessidades emergenciais sem fim. Com essa dinâmica ininterrupta e imediatista da comunicação-dispositivo, ela se torna elemento crucial no engendrar do fenômeno da dependência e chave de compreensão desse mesmo processo, pois em sua tautologia⁵² – que realça efetivamente seu caráter dispositivo,⁵³ girando em torno de si mesma – reforça a dependência estrutural e contribui para sua obliteração.

⁵⁰ Inclui-se entre os seus derivados os telefones celulares, considerando que eles surgiram a partir dos avanços tecnológicos que transformaram a telefonia de analógica para digital, tornando-a capaz de apropriação de grande parte dos recursos disponíveis no computador.

⁵¹ O modo de gerenciamento por meio da comunicação-dispositivo está inserido no “gerenciamento infotécnico da existência” a que Trivinho se refere como sendo a capacidade de atualização da “dromoaptidão propriamente cibercultural” como exigência de mercado e lazer na cibercultura (TRIVINHO, 2001, p. 223-224, 2007, 102-105).

⁵² Como característica inerente ao fenômeno da comunicação, que referencia constantemente a si mesma, conforme definição cunhada por Sfez (1994, p. 69-104).

⁵³ Vale recordar, também, o conceito de dispositivo em Agamben (2009, 2011), no que se refere à pura atividade sem assentamento no ser (pura práxis). A comunicação-dispositivo herda tal efetividade baseada na ação.

CAPÍTULO II - DEPENDÊNCIA ESTRUTURAL OBLITERADA⁵⁴

[...] a evolução da técnica decorrerá cada vez mais rapidamente
e não será possível detê-la em parte alguma.
Em todos os domínios da existência as forças dos equipamentos técnicos
e dos autômatos apertarão cada vez mais o cerco.
Heidegger (1959, p. 20)

Para uma compreensão mais ampla da vinculação do humano em relação aos dispositivos glocais móveis, serão retomadas no presente tópico as considerações levantadas acerca do fenômeno da dependência estrutural obliterada⁵⁵, porém acrescentando algumas novas perspectivas a respeito do assunto em questão. Como já assinalado na introdução geral a esta reflexão, o termo dependência a ser referido no âmbito desta reflexão está relacionado ao significado de “sujeição ou subordinação a algo” ou de “estar sob o arbítrio de algo”. Trata-se de um fenômeno bastante peculiar, pois não se põe como relação de dependência, mas vige no substrato das articulações social-históricas e culturais perpassadas pelo fenômeno glocal. Dessa forma, será necessário relembrar quais são os elementos que se apresentam como engendrades desse tipo de dependência na civilização atual, as peculiaridades desse fenômeno em relação ao glocal, bem como suas implicações com a produção de *habitus* glocais e com a definição de dispositivo. Por fim, serão também levantadas considerações acerca das características de obliteração e licitude inerentes a esse tipo de vinculação.

Um dos pilares da gênese desse tipo de dependência é o imaginário tecnológico desenvolvido à medida que inúmeros avanços e descobertas que foram tendo lugar desde a Revolução Industrial e no decorrer dos contextos históricos da época moderna, que culminaram na forma mecanicista de compreensão do mundo, tendo a tecnologia como força autônoma e impulsionadora do progresso da coletividade humana.⁵⁶ Logo, esse histórico da concepção moderna sobre a tecnologia – com seu caráter de automatismo controlador e assegurador, e posterior teor cibernético (HEIDEGGER, 2008) – unido ao contexto de agilização dos procedimentos com base em tecnologias cada vez mais velozes e avançadas faz com que a dependência estrutural em relação a elas seja cada vez mais intensificada. É difícil

⁵⁴ O fenômeno da dependência estrutural obliterada foi objeto de análise na Dissertação de Mestrado da autora (BARBOSA, 2008), sendo imprescindível considerá-lo no contexto desta reflexão, em razão de ser, ele mesmo, o fio condutor de toda a articulação das demais categorias analisadas na presente Tese, referentes à vinculação do humano aos dispositivos glocais móveis.

⁵⁵ Referente ao objeto de pesquisa apresentado na Dissertação de Mestrado desta mesma autoria.

⁵⁶ Como referido na Parte I, Capítulo I, desta reflexão.

de imaginar, por exemplo, um usuário que, estando adaptado a utilizar máquinas fotográficas com recursos mais inovadores, volte de bom grado a utilizar máquinas com recursos mais simplificados. Ou quando alguém pretende adquirir ou trocar um aparelho de TV sem dúvida não desejará um modelo anterior a um modelo mais atual e de melhores recursos tecnológicos. Assim, a dependência à utilização dessas sempre novas tecnologias vai se incorporando progressivamente no cotidiano dos indivíduos, sem que muitas vezes se apercebam de que são elementos sem os quais não conseguem mais viver.

Se em relação às tecnologias em geral o fenômeno da dependência estrutural é um fato, mais ainda ela o será no que se refere ao cenário das tecnologias comunicacionais. O imaginário sempre rico em detalhes em torno das possibilidades técnicas da capacidade de interação favorecidos pelos meios de comunicação em geral, seguiu na mesma direção do imaginário tecnológico, porém de forma reescalada quando do advento das ferramentas comunicacionais como favorecedoras da integração cada vez mais expansiva do mundo por meio das redes telemáticas. A vinculação mediática que ocorre na relação humano-máquina é, antes de tudo, uma dependência estrutural à tecnologia enquanto tal. A partir disso, podemos passar a analisá-la no âmbito essencialmente comunicacional, mas nunca perdendo de vista sua raiz no imaginário tecnológico.

1. Elementos favorecedores da dependência estrutural

Os meios comunicacionais, em seus variados suportes técnicos/tecnológicos, com o surgimento do glocal, cada vez mais se expandiram como articuladores da vida em sociedade, mas é na cibercultura que a vinculação do humano ao contexto mediático ganha amplo reescalamento (TRIVINHO, 2001, 2007), chegando ao acoplamento propriamente dito com os dispositivos comunicacionais, no gerenciamento, na sociabilidade e cotidianidade da civilização em curso. Ao tratar da temática da dependência estrutural do humano em relação ao glocal não se pode deixar de retomar quais os fatores social-históricos e tecnoculturais que favorecem esse fenômeno.

O primeiro deles, analisado no capítulo anterior ao tratar da comunicação-dispositivo, é o imaginário tecnológico que se criou em torno das tecnologias informacionais, de modo geral. A incidência do imaginário tecnológico na vinculação dos seres interagentes (usuários) ao glocal funciona como impulsionador do investimento que a civilização glocal realiza, como um todo, na informatização e virtualização da maioria dos procedimentos e atividades

humanas. O segundo fator favorecedor da dependência estrutural é o fascínio próprio pelo imagético, especialmente no que se refere aos meios que proporcionam a interação eletrônica. A imagem apresenta características que captam sobremaneira a atenção humana desde os primórdios da fotografia e do cinema.⁵⁷ A imagem possui fascínio próprio e o movimento confere a ela ainda maior domínio sobre a percepção. Então, o que se dizer de uma imagem que, além disso, pode ser objeto de interação, de intervenção, como a imagem digital? As imagens glocais interativas possuem todas essas características e, quando a isso se acrescenta a possibilidade de se locomover estando acompanhado desse movimento de imagens, o glocal se torna ainda mais desejável por parte dos indivíduos.

O cenário da condição pós-moderna, com suas características de fragmentação, imediatismo e personalização, também é grande motivador da indexação da vida ao glocal, por ser uma época repleta de incertezas e pulverização de fronteiras, na qual o sujeito se encontra em meio à miríade de fluxos informacionais de todo o tipo (LE BRETON, 2003, SIBILIA, 2008, TRIVINHO, 2008b). O cotidiano dos indivíduos é perpassado constantemente pelo investimento nas possibilidades oferecidas em tempo real, pois o glocal não deixa de ser o “cartão postal” da existência do indivíduo, considerando que nele é postado o que se deseja expor ao mundo. A mescla gradativa entre vida e glocal é fator eminentemente propulsor da dependência estrutural. Dificilmente, a pessoa que assim vive passará sua vida cotidiana sem recorrer ao glocal como suporte de sua própria personalidade.⁵⁸

Outro elemento engendrador da dependência é a lógica da velocidade intrínseca ao contexto cibercultural, que favorece sempre mais a incorporação de práticas interativas com ou sem a anuência dos indivíduos. O caráter dromocrático presente nesse contexto é grande responsável pela vinculação do indivíduo ao glocal, sobretudo se levar-se em conta a dinâmica de reciclagem dos “bens informáticos” necessários à atuação na cibercultura (TRIVINHO, 2001, p. 216-218), que faz com que os interagentes busquem/desejem estar em consonância com as sempre renovadas tendências tecnoculturais. O conjunto de instituições oriundas das mais diversas esferas da sociedade, ao que Trivinho (2007, p. 261-262) denomina de “megainfoburocracia”, através da qual ocorre a enorme proliferação da escala produtiva de

⁵⁷ Vejam-se Flusser (2002) e Virilio (1996a, 2002).

⁵⁸ O termo “si informático”, criado criticamente por Le Breton (2003, p. 154-155), reflete bem o sentido de suporte que têm os equipamentos digitais para os indivíduos, a partir da matriz informática: “A informática participa hoje do desenvolvimento da personalidade de um número cada vez maior de usuários. As fronteiras de identidade entre a pessoa e a ferramenta às vezes desaparecem; novas formas de intimidade surgem com uma máquina percebida como viva e que até demonstra sentimentos [...]. O computador transforma-se em parceiro na vida, em companheiro, em abertura para o mundo”.

infotecnologias, é grande fomentador da dependência em relação ao glocal, pelo incentivo concedido às experiências em tempo real.

A glocalização da existência, por exemplo, é um processo que corresponde estritamente à dinâmica de reciclagem, pois incentiva os indivíduos a priorizarem a utilização do glocal, culminando no fato de certas tarefas e/ou atividades já não poderem mais ser realizadas em outro formato que não via glocal. Também as peculiaridades próprias glocal como a agilização de procedimentos, a rapidez no acesso, a flexibilidade no manuseio de conteúdos, a instantaneidade na interação e, agora mais que nunca, a mobilidade que o acompanha, são fatores que obviamente levam os indivíduos a permanecerem mais constantemente em acesso glocal, reforçando a dependência estrutural.

Na imbricação dos elementos há pouco analisados, há uma categoria que perpassa todos eles, que corresponde aos fluxos comunicacionais transmitidos constantemente no momento do acesso glocal, que nada mais é senão a *comunicação-dispositivo*, que engendra e reforça a dependência, os *habitus* glociais, o imaginário tecnológico, a influência do imagético, os traços da cultura pós-moderna e se imbrica às especificidades do glocal. Em seu fluxo constante, a comunicação-dispositivo interpela o indivíduo a permanecer em acesso para cumprimento da *oikonomia* glocal. Esses são todos cenários que encaminham o humano à dependência estrutural em relação ao glocal, sendo que esta apresenta também algumas relevantes características, a serem analisadas na sequência.

2. Características gerais da dependência estrutural

Como se verificou há pouco, o fenômeno da dependência estrutural tem como motivação fatores históricos, culturais, sociais e antropológicos, pois ele acompanha o próprio glocal em seu desenvolvimento histórico, sociológico, tecnológico, cultural etc., ao longo das décadas. Dependência e glocal são instâncias inseparáveis, pois o cotidiano do indivíduo que vive na civilização mediática é diuturnamente perpassado por algum contato físico ou por meio da referência ao contexto glocal. Considerando a intensificação da vinculação humano-máquina, no surgimento do glocal, e mais especialmente dos glociais interativos, pode-se apreender modos de dependência estrutural, conforme a seguir especificados.

Em se tratando do aspecto *stricto sensu* do glocal, a dependência é engendrada:

- a) A partir do espaço imediato em que o indivíduo se encontra diretamente em contato com a estrutura/acessório (info)tecnológico, por meio do contato físico;

- b) Também a partir do espaço imediato, mas por meio do contato mental que o indivíduo mantém ao interagir nos ambientes virtuais.

Por outro lado, em relação ao aspecto *lato sensu* do glocal, a dependência se perfaz:

- a) Na esfera mental, não no ato em que o indivíduo se encontra em interação em rede, mas pela referência à condição e mentalidade glocais, que remetem às experiências incorporadas nos ambientes virtuais;
- b) Pelo alcance sociocultural, pois o modo de vida glocal se espraia em todas as esferas de atuação humana, cristalizando sempre mais a vinculação aos ambientes interativos.

Embora se possa constatar, inclusive historicamente e na práxis social, que a indexação do humano em relação ao glocal foi objeto de maior aprofundamento ao longo das décadas,⁵⁹ o tipo de dependência de que trata esta reflexão faz referência a um *fenômeno obliterado*, precisamente por *não se colocar como dependência*.⁶⁰ É um fenômeno que está no plano do não verbal, pois se faz presente nos hábitos mais costumeiros da sociedade mediática, tomando aspecto de cotidianidade, de “normalidade”.

Na cibercultura, como o processo de acoplamento entre humano e máquina se perfaz e se cristaliza na incorporação de hábitos interativos e, ao mesmo tempo, a dependência se mescla ao desenvolvimento sócio-histórico e cultural do glocal, obviamente a característica mais comum em uma sociedade articulada mediaticamente será a vivência intermediada pelo acesso glocal. Entretanto, não é sua habitualidade que lhe pode retirar o caráter de dependência, o aspecto de se “estar sujeito a algo”; e este “algo” é o fenômeno glocal em todas as suas manifestações (*stricto* ou *lato sensu*).

A obliteração acontece, então, na medida em que os hábitos glocais se internalizam como práticas cotidianas e, por isso, não mais sobrevivem à percepção como algo merecedor de reflexão, pois já se encontram na esfera do habitual. O fato de as atividades humanas passarem a ser realizadas em grande parte por meio do acesso ao glocal *alimenta não só a dependência estrutural em si, como também desencadeia sua obliteração*. Este fenômeno se liga à outra característica da dependência em relação ao glocal e que concerne ao caráter de *licitude* desta vinculação (BARBOSA, 2008, p. 56). As práticas sociomediáticas dificilmente são tomadas como dependência – a não ser quando se revestem do aspecto de compulsão –,

⁵⁹ Refere-se aqui à passagem do glocal de massa ao glocal interativo, que intensificou a articulação da práxis social através dos *media* (TRIVINHO, 2001, 2007).

⁶⁰ Frisa-se que, embora o fenômeno tratado no contexto dessa reflexão seja caracterizado como obliterado, não se desconhece que há casos de patologias relativas ao uso de infotecnologias, como, por exemplo, a adição à internet. Nesse sentido, admite-se que tais patologias possam ser consideradas como uma *protuberância da dependência estrutural obliterada*.

uma vez que são a práxis normalizada da civilização glocal. Os *habitus* locais têm, por sua própria natureza, a capacidade de fazer com que os procedimentos já internalizados façam parecer que “desde sempre” as coisas se mostraram assim como são, por isso engendram a obliteração. A vivência glocal é a normalidade da civilização atual, por isso qualquer vínculo de dependência que se queira propor a título de vivência em tempo real pode ser considerado absurdo, a princípio.

A dependência ao glocal é um *fenômeno sancionado* pelos interesses de mercado das grandes corporações que se sustentam desse fenômeno ao redor do planeta, e pela aceitação tácita daqueles que *necessitam* do glocal para sobreviver na época cibercultural. Assim, *depende do acesso ao tempo real é terminantemente lícito na civilização glocal*. A obliteração e licitude do fenômeno da dependência estrutural ao glocal são devidas, também, aos sistemas de percepção e classificação construídos por meio da formação dos *habitus* nos contextos locais, bem como em virtude do acionamento do aspecto *dispositivo* constante no glocal.

3. Dependência, *habitus* e glocal como dispositivo

Ao se buscar analisar a relação da *dependência estrutural obliterada* com o *habitus* glocal, notar-se-á uma circularidade entre as duas instâncias. O *habitus* alimenta a dependência na medida em que progressivamente acontece o processo de cristalização, o que acentua a intensidade de vinculação ao glocal, fazendo com que o indivíduo passe a desenvolver maior predisposição a estar nesta condição. Com isso, pode-se inferir que a dependência, por sua vez, estimula a criação de outros *habitus* locais, porque ela mesma se constitui como necessidade de o indivíduo se configurar ao estilo de vida cibercultural.

Ao se analisar o caso dos hábitos não locais de modo geral, por exemplo, que posteriormente possam progredir para o vício, sobressai neles o caráter mediador do *habitus* entre a dependência, como potência/possibilidade, e a condição de compulsão, como patologia, por meio da cristalização do *habitus*. Ao se considerar, ainda, os *habitus* locais, apreende-se também que, uma vez progredindo para o vício, eles poderão tornar-se compulsão ou outra forma de patologia inerente ao convívio com o glocal. Entretanto, também no caso do *habitus* glocal, há uma peculiaridade na mediação em relação à dependência estrutural obliterada, pois esta, por sua vez, *não pode ser considerada uma possibilidade, porque ela já é da ordem do socialmente instituído* na civilização glocal. Nesta

mediação ímpar, o *habitus* glocal se apresenta como fator de conservação do vínculo aos contextos locais, que nada mais é senão a reprodução do *status quo* do processo de glocalização.

Ainda refletindo sobre as implicações entre as categorias da dependência, do glocal como dispositivo e dos *habitus* locais, pontua-se que a *capacidade dispositiva do glocal* engloba as disposições de produção e circulação, que engendram sutilmente os *habitus* locais. Por outro lado, a cotidianidade do *habitus* glocal, construindo o modo de ser da sociedade mediática, vige como instrumento de captura em favor do caráter dispositivo do glocal. Em geral, *a dependência guarda relação com o dispositivo através dos habitus*. Com isso, no caso específico do fenômeno glocal, por meio das regras sutilmente estabelecidas com a criação e manutenção de *habitus* relacionados ao tempo real, o glocal como dispositivo suscita a dependência às suas próprias instâncias, remetendo constantemente a uma tautologia.⁶¹

Depreende-se desse fato, que a dependência estrutural é um fenômeno que se encontra no substrato dos vetores articuladores da civilização mediática atual, seja no aspecto sociocultural, seja nas dimensões política, econômica, financeira, artística etc. Pode-se afirmar que ela se encontra no substrato do dispositivo e, com isso, favorece a gestão da vida por meio dos dispositivos locais. Assim, a dependência se renova nos acessos locais de forma tão profunda quanto imperceptível. De fato, o processo da dependência estrutural em si funciona como mediador na multiplicação das práticas dromocráticas ciberculturais, revigorando a lógica da velocidade pelas necessidades construídas a partir de cada contexto em que se engendra a vinculação ao glocal.

Após a explanação dos conceitos de base do fenômeno da dependência estrutural obliterada, passa-se aos tópicos seguintes, destinados à análise e caracterização de novos matizes acerca desse mesmo fenômeno, reportando-se, de forma mais específica, à modalidade móvel do glocal.

⁶¹ Veja-se o conceito de tautologia em Sfez (1994), no que se refere à comunicação, e conferir em Trivinho (2007) essa dinâmica tautológica em relação ao fenômeno glocal.

CAPÍTULO III - O ESTADO CONECTIVO COMO SENTIDO DA EXISTÊNCIA CIBERCULTURAL

Amanhã, cada geração herdará uma espessura óptica de realidade diminuída pelo efeito de uma perspectiva ao mesmo tempo fundamentalmente “temporal” e “intemporal”, que lhe dará a perceber [...] o *FIM do MUNDO*, o acanhamento de um *habitat* instantaneamente acessível quaisquer que sejam as distâncias geográficas.
Virilio (2000, p. 94, grifo do autor)

Foram analisadas, até este ponto, as caracterizações de base da dependência estrutural obliterada e da comunicação-dispositivo, bem como o contexto em que elas se estabelecem. Serão abordados doravante detalhes da vivência glocal propriamente dita que derivam do fenômeno de vinculação ao glocal e da ação dispositiva do fluxo comunicacional. Compete refletir em como a vivência glocal, por meio das ferramentas comunicacionais interativas, são consideradas como supostas soluções para suprir carências humanas individuais e coletivas, seja de caráter físico, psicológico, social ou existencial.

Essa característica de atendimento de necessidades humanas remete aos meios comunicacionais em geral como aparelhos que, mesmo sendo objetos tecnológicos, revestem-se de uma aura de companheiros inseparáveis do humano, seja quando se trate de preencher vazios em decorrência de sentimentos de solidão e angústias humanas, seja no caso de manter ligado o rádio ou a televisão enquanto são realizadas as demais tarefas cotidianas, ou ainda no sentido de emergências factuais, quando alguém se vale do telefone celular ou mesmo de telefonia fixa para sanar uma situação de risco, por exemplo. Independente de qual seja a razão de se utilizar equipamentos como mediadores para situações de dificuldades humanas, o fato é que as experiências com esses aparatos podem ocorrer de modo aprazível para o indivíduo, criando ocasiões de bem-estar e satisfação, tendendo a criar uma vinculação mais profunda com este ou aquele equipamento glocal.

Quando se consideram, então, as “benesses” possibilitadas pelo glocal aos anseios, desejos e demais necessidades humanas, e às demandas produzidas no e pelo imaginário tecnológico, apreende-se que há, de fato, uma busca pelo *estar conectado* inerente ao estilo ciber cultural de vida. Os esforços de investimento em torno desse *status* faz parecer que o *acionamento perene de um estado conectivo* deva servir de suprimento às carências humanas na época atual, por meio da *ligação estável com a rede de comunicação dispositiva*.

Analisando por esse prisma, pode-se retomar a definição de comunicação-dispositivo no que se refere à resignificação dos comportamentos e do simbólico, pois o *estado de conexão perene* que as instâncias sociais e individuais apreciam corresponde sobremaneira aos vários discursos e investimentos de recursos materiais e humanos nesse sentido. São as necessidades surgidas a partir da vivência glocal interativa, desde o acoplamento físico até o desejo de exposição em tempo real, que passam a ser abordadas neste capítulo.

1. O glocal como suporte às *necessidades urgentes ciberculturais*

Em se tratando de um contexto de significação social-histórica como o da civilização glocal na cibercultura, o processo de vinculação do humano ao glocal se desenvolve com a *criação de necessidades de matriz glocal interativa*.⁶² Em linhas gerais,⁶³ pode-se dizer que: a) parte dessas necessidades é construída com o intuito de se evitar riscos de modo em geral; b) outra categoria se enquadra como necessidades funcionais para suprir as exigências sociais; c) um terceiro tipo seria a necessidade para atender a dimensão lúdica do ser humano; d) e outra categoria seria a necessidade que corresponde a necessidades ainda dispostas no plano do imaginário,⁶⁴ inclusive as dos discursos relativos à superação do humano, como já abordado. Todas elas são socioculturalmente *trazidas à luz* no sentido de fazer frente a situações de urgência – o que remete ao conceito de dispositivo –, porém recordando que a urgência, nesse âmbito, faz referência não somente a necessidades factuais, mas aquelas consideradas imediatas na sociedade tecnológica atual. Essas exigências, nos moldes da *oikonomia glocal*, encontram-se diretamente relacionadas aos vetores ciberculturais apontados por Trivinho (2007, p. 116-117).⁶⁵

Com as categorias vetoriais da cibercultura em mente, as quais estão na base das transformações social-históricas, antropológicas e culturais no cotidiano dos indivíduos e nas relações sociais, é possível mapear as caracterizações da dependência em relação ao glocal como necessidades enquadradas nas quatro categorias há pouco elencadas.

⁶² A matriz informática ou glocal interativa diz respeito a uma das definições que Trivinho (2001, p. 89) elabora sobre a “razão tecnológica” como “um conjunto de predisposições psíquicas e atitudes em relação à máquina, as quais, como uma espécie de sistema geral de comportamento, traduzem-se como uma lógica de ser, de ação e de exercitação da consciência na sociedade tecnológica”.

⁶³ Cabe ressaltar que pode haver alguma outra classificação de necessidades criadas para suprir urgências ciberculturais, contudo, no âmbito desta reflexão, estas quatro categorias se mostraram suficientes para as questões que se propõe à análise.

⁶⁴ Reforça-se esse aspecto para lembrar que as demais necessidades também podem surgir como parte do imaginário, porém são instâncias que já passaram ao plano do factível.

⁶⁵ Esses vetores são: a informatização, a virtualização, a ciberespecialização, a hipertextualização, a cibericonização e a interatividade.

Tem-se que, a partir da utilização e convivência com os aparatos infotecnológicos, isto é, no “corpo a corpo” com os equipamentos (AGAMBEN, 2009, p. 41), tanto os *habitus* daí decorrentes quanto o fluxo comunicacional dispositivo influem no imaginário, e vice-versa. É nessa perspectiva que se pode falar de ressignificação dos discursos, comportamentos e aspirações. Percebe-se, com maior evidência, que esse processo dinâmico que ocorre na vinculação aos contextos glocais não está, obviamente, somente relacionado aos suportes tecnológicos em si – os quais têm em seus variados formatos miniaturizados, alcançados na atualidade, um elemento considerado dos mais relevantes no que se refere à portabilidade e mobilidade –, mas também se refere à comunicação-dispositivo, cujas características sempre mais interativas e de interfaces amigáveis intensificam a relação de acoplamento às infotecnologias.

No que tange a cada uma das categorias das *necessidades* acima referidas, identifica-se que elas se manifestam tanto no plano do imaginário e do social, quanto no plano psíquico-intelectual e físico.⁶⁶ Em primeiro lugar, considera-se o acoplamento do humano ao glocal em virtude das necessidades relativas ao plano do imaginário, pois estas influenciam diretamente nas demais categorias. Pode-se, então, enquadrar nessa categoria o desejo de conexão do corporal à rede digital, a superação dos limites físicos do humano e de suas condições de vida (dor, enfermidade, finitude etc.), que fazem, inclusive, direta referência às narrativas transhumanistas, seja em sua abordagem teórica, seja nas articulações em nível social com a criação de movimentos para discussões de temáticas correlatas (RÜDIGER, 2008, p. 151-155). Contudo, há registros dessa forma de pensamento no cotidiano cibercultural, como por exemplo, no que se refere ao desenvolvimento do Projeto Genoma (SFEZ, 1996, p. 129-181), responsável pelo mapeamento e sequenciação do genoma humano, que perpassa os campos da genética e da biologia molecular. O projeto duração em torno de 13 anos com o envolvimento de vários países e gerou discussões éticas sobre as motivações e consequências das pesquisas relativas aos genes humanos, que propalam sobretudo a possibilidade de diagnóstico de doenças genéticas. Contudo, há que se considerar o caráter ideológico que circunda os discursos fundadores do projeto e as noções eugenistas que acompanham projetos dessa natureza, pautados em discursos sobre o progresso humano. Sfez demonstra a existência de uma utópica saúde perfeita da qual deve gozar o humano, caso não deseje ser sempre mais alvo do controle social:

⁶⁶ Ressalta-se que não estão enquadrados no âmbito desta reflexão os usos necessários de infotecnologias, em virtude de saúde ou deficiência física do indivíduo.

A medicina já apresenta algumas pretensões à perfeição, à cientificidade mais rigorosa [...] Este movimento natural a uma parte da medicina se amplia hoje em contato com a genética, fortalecendo a medicalização da sociedade e o papel da medicina no controle do desvio. Pela ciência genética, a neutralidade moral da medicina se vê reforçada, bem como o domínio de seu controle de *expertise*, que se torna logo controle social. (SFEZ, 1996, p. 179).

O imaginário tecnológico assim posto, situando-se na base das descobertas e experimentos científicos,⁶⁷ chega a influenciar decisivamente a concepção sobre o ser humano. A autora Céline Lafontaine frisa a nítida aproximação entre as promessas do Projeto Genoma e a concepção da cibernética de Wiener de “redução do ser humano a uma série de informações complexas” (LAFONTAINE, 2004, p. 186-187). A autora recorda, ainda, que, enquanto Wiener declarava que seria possível a transmissão telegráfica de um ser humano – não podendo ser realizada à época somente em razão de limitações técnicas –, de outro lado, o Prêmio Nobel Walter Gilbert, biólogo molecular e pesquisador do Projeto Genoma, afirmava, em 1990, que será possível gravar informações do ser humano em meio eletrônico. Verifica-se, realmente, que as duas concepções são bastante similares, somente com a mudança do suporte tecnológico obviamente, em virtude das mudanças científicas ocorridas nos 50 anos, aproximadamente, que separam as declarações de ambos os cientistas.

Na esteira da utopia informacional que envolve o plano do imaginário, sempre mais fincado nos discursos de cunho tecnológico, observa-se que o acoplamento do plano psíquico, em grande parte, forma-se também a partir desses discursos utópicos, que acabam por permear os âmbitos mais comuns do cotidiano em sociedade. Quando o plano psíquico se vincula à matriz glocal (*stricto* ou *lato sensu*), ao apreendê-la como parte da própria vida, como algo com que não se pode mais deixar de viver, a possível ausência do objeto ou estrutura, que não corresponda a essa matriz incorporada em forma de *habitus*, gera consideráveis impactos no indivíduo – em níveis diferenciados, dependendo da intensidade de cristalização dos *habitus*. Sibilia (2008, p. 115-147) afirma que, em virtude de se tratar de uma época que não mais se fundamenta em processos histórico-causais, a produção de subjetividade em tempo real, por exemplo, já não leva tanto em conta a introspecção psicológica e a tentativa de escavação do passado do indivíduo, mas antes se assenta nos frequentes autorregistros realizados com “insistência na prioridade da atualização permanente – e sempre recente – das informações, por meio de fragmentos de conteúdo adicionados a

⁶⁷ Durand (2004, p. 68-71), ao citar um estudo realizado por Gerald Holton, relembra “que as descobertas dos especialistas mais importantes (Kepler, Newton, Copérnico e sobretudo Niels Bohr e Einstein) foram de alguma forma pressentidas pela formação e as fontes imaginárias de cada pesquisador (frequências, educação, leituras...)”.

todo momento” (SIBILIA, 2008, p. 116). Trata-se, então, de uma subjetividade que vai se construindo eminentemente perpassada pela perspectiva vivencial da *necessidade de ser* em tempo real, e que tem como motivação a exposição do *eu* frente à observação dos demais (SIBILIA, 2008, p. 111), fenômeno que será mais detalhado no próximo tópico.

De outro lado, para suprir as necessidades relativas à dimensão lúdica – ou seja, relacionadas aos entretenimentos em tempo real –, a vinculação do intelecto pode se configurar na forma de adaptação da cognição humana à estrutura lógica de jogos eletrônicos, à estética de ícones dispostos nos ambientes virtuais, ao modo de navegação na web ou às práticas comunitárias no mote das redes sociais virtuais. A vinculação do intelecto pode ser evidenciada, também, no que se refere ao atendimento das necessidades/exigências sociais, relacionadas sobremaneira ao mundo do trabalho e à articulação propriamente dita em sociedade. Pode-se afirmar que o acoplamento intelectual engloba a apreensão de recursos das ferramentas de trabalho e do fazer social, como editores de texto, planilhas eletrônicas, aplicativos de correio eletrônico, *chats* institucionais, além das adaptações a todos os sistemas específicos de cada área de conhecimento.

Todas as instâncias de necessidades acima se consumam na vinculação física com os contextos e dispositivos locais. O acoplamento corporal que demonstra a conjunção desses níveis de necessidades se manifesta claramente na categoria do *bunker glocal*, apreendida e laborada por Trivinho (2007, p. 279-318). O *bunker*, em sua acepção geral, significa uma trincheira cavada no solo, com o fim de proteção dos soldados em contextos de guerra. Trivinho faz uso deste conceito para explicar a empiria dos contextos locais como sendo estruturas de trincheira mediática, em que vivem os indivíduos “protegidos” no distanciamento proporcionado pelos meios comunicacionais. O reduto tecnológico montado como *bunker* referencia um contexto empírico glocal, mas não deixa de estar relacionado também a um contexto imaginário que faz referência a todas as questões do imaginário tecnológico. Isto se deve ao fato de que a comunicação-dispositivo, ao perpassar os *bunkers locais* no momento em que estão acionados em acesso glocal, funciona como potência simbólica que confere ao próprio *bunker*, como instância empírica, a capacidade de *formar suposta proteção* contra as circunstâncias de riscos que afligem os centros urbanos (ou as áreas rurais, considerando que muitas já dispõem de conexão glocal), e evitando certos deslocamentos que sejam considerados desnecessários ou arriscados. O *bunker glocal* se posiciona, então, como atendimento à necessidade de segurança física dos indivíduos, cuja sensação de proteção vincula também o psiquismo a uma zona confortável de mínimo contato

pessoal com os outros. Le Breton (2003, p. 148) faz alusão, de maneira bem direta, a esta temática:

Sentado diante da tela, o indivíduo tem intercâmbios com seus amigos cibernéticos do mundo inteiro, faz pesquisa em bancos de dados ou dialoga durante horas com interlocutores espalhados no espaço, sem se preocupar com as fronteiras. Se o que está longe se aproxima infinitamente, a comunicação fora do corpo afasta o imediato, inscreve-se na distensão do laço social, na ampliação do espaço pessoal de reserva.

O *bunker glocal* forma um “imaginário mediático de defesa” (TRIVINHO, 2007, p. 312) e, ao mesmo tempo, supõe o avanço no território glocalizado, sem que o usuário se dê necessariamente a conhecer.⁶⁸ Esse campo imaginário é bastante evidente nas estruturas de vigilância eletrônica, que monitoram espaços territoriais a partir de um *bunker* e suas extensões –as câmeras – em pontos estratégicos. O *bunker glocal* que se configura nos dispositivos móveis, por exemplo, responde à necessidade de controle das situações cotidianas em geral, considerando que fará frente às possíveis urgências que os indivíduos *precisam* gerenciar e controlar de qualquer parte em que estejam atuando.

Com a premência de suprir todas as categorias de necessidades aqui dispostas, o *acoplamento físico passa a se tornar a vinculação primordial no fenômeno da dependência estrutural obliterada*, pois ele dará o *suporte* a todas as demais vinculações. Com isso, o corpo passa a ser considerado, por vezes, como mais um suporte informacional ou interface ou, ainda, como uma barreira para conexões mais intensas com os dispositivos glocals. Detalhes dessa perspectiva serão analisados em tópico posterior.

Em todos esses modos de vinculação ao glocal, como suprimento às *necessidades de matriz glocal interativa*, há a confluência com a comunicação-dispositivo. Ela abarca todas as dimensões humanas de contato com o glocal, além de atestar, em si mesma, a *influência decisiva dos vetores ciberculturais como necessidades emergenciais para o gerenciamento e controle da vida* na civilização atual. Em vista dessa imbricação, transmutam-se em supostas necessidades urgentes a *informatização* dos procedimentos, a *virtualização* de grande parte das atividades, o aprofundamento da *cibericonização*, que se alastra a todos os âmbitos da vida, a *ciberespacialização*, que se espraia a toda extensão territorial por meio de equipamentos em tempo real, e a *hipertextualização*, que transforma, paradoxalmente na era

⁶⁸ Ainda a respeito desta proteção imaginária, Trivinho (2008, p. 23, grifos do autor) afirma que o *bunker* “contribui para a *neutralização simulada ou imaginária* da ameaça *partout* ao promover a assepsia tecnológica longitudinal de toda a materialidade da existência. É como se o processo, amplamente mistificado *per se*, ‘salvaguardasse’, na realidade mesma, o sujeito de toda e qualquer iminência periculosa, justamente porque ‘lava’, isto é, domestica, pretensamente, os aspectos íngremes das relações sociais [...]”.

da imagem, tudo em texto – vale lembrar que os conteúdos dos suportes tecnológicos locais interativos são gerados a partir da *linguagem* de máquina – e, por conseguinte, todas essas *emergências locais* se consumam na *interatividade*. Esta, por sua vez, *quase* se confunde com a comunicação-dispositivo por *ser o cerne da movimentação dispositiva em tempo real*.

Com isso, as necessidades construídas em função do fenômeno glocal, conjugadas aos vetores ciberculturais, à comunicação-dispositivo e ao *bunker* glocal – como categorias que lhes atendem as expectativas – geram e se imbricam à outra necessidade essencial para a representação do *perene estado conectivo* como sentido para a existência na cibercultura: a *emergência de posicionamento do humano* na visibilidade mediática.

2. Exposição em tempo real

Para abordagem da temática acerca da *necessidade de exposição em tempo real*, é importante, antes de tudo, a explanação sobre a categoria da visibilidade mediática, na forma laborada por Trivinho (2008b).⁶⁹ A visibilidade mediática – embora continue a perpassar os produtos culturais de massa – é sobredeterminada pelas características da cibercultura,⁷⁰ tendo atingido sua consolidação em sua fase virtualizada no *cyberspace*.⁷¹ Entretanto, segue as mesmas regras de “(super-)exposição” da “visibilidade massificada”, no que se refere ao alcance de poder simbólico (TRIVINHO, 2008b, p. 7-8). Antes, porém, de adentrar na conceituação de visibilidade mediática, vale lembrar a estrutura empírica do glocal *stricto sensu* como sendo constituída dos seguintes elementos: a) tecnologia comunicacional; b) tempo real; c) fluxo sógnico (que no caso da presente análise corresponde à comunicação-dispositivo), d) sujeito (independentemente se individual ou coletivo); e) acoplamento da subjetividade/corpo à tecnologia/rede (TRIVINHO, 2008b, p. 3-4). Conforme o autor, nesse ambiente virtual, devido à intensa circularidade de imagens e informações, o glocal se põe como sendo a própria mensagem, considerando que permanece garantida sua própria sobrevivência por meio dessa proliferação sub-reptícia de imagens como fluxo incessante

⁶⁹ Ainda que tenham sido registradas as referências às obras do autor no que se refere à conceituação de visibilidade mediática, ressalta-se que todas as expressões cunhadas entre aspas são a ele creditadas.

⁷⁰ Segundo Trivinho (2008b, p. 6-7), esta sobredeterminação pode ser vislumbrada tanto na dependência que os *media* de massa têm em relação aos *media* interativos – em virtude da influência da linguagem hipermediática e da lógica do fluxo bidirecional, na tentativa de flexibilizar o máximo possível a participação do receptor –; como também pela agilidade com que ocorre a produção, circulação e recepção de informações através do *cyberspace* em comparação aos meios de massa; pela apropriação e utilização de terminologias concernentes à cibercultura nos programas em geral, com remissões a portais na web; ou pela utilização de estéticas baseadas na lógica da virtualidade.

⁷¹ Trivinho (2007, p. 337) utiliza o termo no original em inglês, no intuito de recordar a origem bélica desse constructo sociotécnico.

(TRIVINHO, 2007, p. 262-263). Tanto a visibilidade mediática como a existência em tempo real se enquadram como parte da repercussão social-histórica estrutural inerente ao fenômeno glocal.

Ao conceituar a visibilidade mediática, o autor faz referência a três definições diversas, mas conexas. A primeira abordagem está relacionada à migração intermediática de signos, de forma aleatória, entre os *media* (circulando dos meios impressos ao *cyberspace* e/ou para a TV, da TV para a telefonia celular, do rádio para os dispositivos digitais etc.), que ele denomina de “espaço socioesférico longitudinal, imaterial”. A segunda definição diz respeito aos resultados da competição por visibilidade entre os signos objetos, ao que ele se refere como sendo a “dimensão-‘superfície’ cultural polissêmica”. A terceira conceituação se refere à “condição ou ‘estado’ de algo [...] que se põe à existência”, realizando uma autopromoção nessa dinâmica (TRIVINHO, 2008b, p. 4-5). A lógica sociocultural da visibilidade mediática se encontra imbricada à lógica dromocrática característica da história ocidental, à condição social e cultural da época pós-moderna, bem como à lógica vigente na cibercultura. Além disso, a visibilidade mediática toma parte em todos os contextos glociais. Nela, o glocal se torna “visível” e se mostra “como ‘ambiência’ de povoamento e experiência humana” (TRIVINHO, 2008b, p. 5).

Em virtude de todas as características estruturais e simbólicas e da abrangência de sua definição, a visibilidade mediática se apresenta como interessante conceito para a abordagem da *necessidade de exposição em tempo real*. A visibilidade, ao fazer convergir imaterialidade, polissemia cultural e condição de existência, mostra-se como *meio* que serve, a um só tempo, de suporte ao anseio por visibilidade em tempos de televivência, bem como à apreensão de sintoma sociocultural da dependência estrutural obliterada, uma vez que a presença espectral dos indivíduos e instâncias sociais – e de tudo o que se refere à elaboração de seus perfis no ambiente virtual – denota a *vinculação visceral entre o ser e o tempo real*. Este cenário – que corresponde à sublimação do acoplamento da estrutura empírica do glocal *stricto sensu* – trata da *necessidade emergencial* que se potencializa no desejo de *estar onde todos estão*, como forma de exercer a cibercidadania, e que se atualiza nas formas de gerenciamento da vida por meio da visibilidade mediática.

Sibilia (2008) pontua que a construção das subjetividades, na atualidade, passa pela estruturação em torno da “imagem visível do que cada um é” (SIBILIA, 2008, p. 111), como tentativa de adequação ao que é exposto mediaticamente como realização de felicidade. Pode-se afirmar que essa vinculação de si à imagem exposta em tempo real é expressão tanto do aspecto dispositivo do fluxo comunicacional quanto da potencialidade desse fluxo de restituir

ao indivíduo a realização de sua felicidade (AGAMBEN, 2009), no que tange à formação das subjetivações. Sibilia elabora interessante leitura desta condição de necessidade de exposição do humano, destacando que o corpo toma grande evidência, porém precisando sempre estar atrelado à visibilidade e à aparência mediática – vinculação que remete intrinsecamente à condição de dependência em relação ao glocal.

Nesse novo contexto, o aspecto corporal assume um valor fundamental: mais do que um suporte para acolher um tesouro interior que devia ser auscultado por meio de complexas práticas introspectivas, o corpo se torna uma espécie de objeto de design. É preciso exibir na pele a personalidade de cada um, e essa exposição deve respeitar certos requisitos. As telas – sejam do computador, da televisão, do celular, da câmera de fotos ou da mídia que for – expandem o campo de visibilidade, esse espaço onde cada um pode se construir como uma subjetividade alterdirigida. A profusão de telas multiplica ao infinito as possibilidades de se exibir diante dos olhares alheios e, desse modo, tornar-se um *eu* visível. (SIBILIA, 2008, p. 111).

Nessa mesma esteira de reflexão, Virilio (2002) também se pronuncia a respeito da insuficiência da capacidade visual do humano de acompanhar tamanha profusão (acelerada) de imagens, ao afirmar que o “problema da objetivação da imagem não mais se coloca, portanto, exclusivamente em relação a um *suporte-superfície* qualquer [...], mas antes em relação ao tempo, a *este tempo de exposição que dá a ver ou não permite mais ver*” (VIRILIO, 2002, p. 88, grifos do autor). Ele trata a questão partindo da reflexão sobre os impactos da cinematografia em relação à velocidade de apreensão das imagens, e conclui com o que ele denomina de “imagens de síntese”, que seriam as imagens relativas à lógica infográfica com suporte do computador. Por fim, anuncia a chegada da “visão sintética”, que enquadraria a própria percepção como objeto da automação, implicando na modificação da concepção de mundo. Com isso, diz o autor, surge a “visiônica” como sendo a “percepção auxiliada por computador” (VIRILIO, 2002, p. 89).

A mudança na forma percepção do mundo se relaciona intrinsecamente às necessidades urgentes glocas criadas em relação ao psiquismo/intelecto humano, que *passa a ler todas as coisas* através de uma percepção revestida da matriz infotecnológica. Ao indicar a transformação ocorrida na percepção dos fenômenos, Virilio (2002) lembra, ainda, que isso se deu a partir da relativização das categorias de espaço e tempo, em virtude da transferência da referência de absoluto, da matéria para a luz e para sua velocidade limite. Vale notar a correspondência entre a afirmação do autor e a descrição do contexto de exposição mediática por Sibilia (2008), vista há pouco. O argumento de Virilio reforça perfeitamente a explicitação de um fenômeno que, tendo a percepção já afetada pelo “tempo da luz”, envolve

o corpo e o psiquismo – transformados no “objeto de design” e no “eu visível”, citados por Sibilia – na mesma lógica de vinculação:

A frequência tempo da luz tornou-se um fator determinante da percepção dos fenômenos, em detrimento da frequência espaço da matéria, daí a possibilidade inaudita destas trucagens em tempo real, estes disfarces que afetam menos a natureza do objeto [...] do que a imagem de sua presença, no instante infinitesimal em que virtual e atual se confundem diante [...] do observador humano. (VIRILIO, 2002, p. 101, grifos do autor).

Constata-se, assim, o quanto esse contexto está relacionado ao modo de estrito acoplamento do humano ao glocal, sendo que a visibilidade mediática chega a se configurar, nesse ponto, como suporte imprescindível à comunicação-dispositivo, no que se refere a sua característica gerencial da vida cotidiana. O *ser e estar em tempo real* tem na visibilidade mediática o suporte à efetivação da *oikonomia* glocal, como instância que supre as emergências do *estar visível e disponível a qualquer momento de acionamento do glocal*. O “exibir na pele a personalidade de cada um” (SIBILIA, 2008, p. 111) denota o ordenamento característico do dispositivo glocal, que, no ato de *expor*, traz consigo a *observação e monitoramento do indivíduo/grupo/instituição que aparece/desaparece* do contexto glocal interativo. Na exposição, que deve levar em conta certos requisitos (SIBILIA, 2008), vem à tona o caráter de controle descentrado, que engloba *estruturas objetivas de regramento sutil para exposição em tempo real*.⁷²

O gerenciamento constante de alimentação na visibilidade mediática de postagens, *downloads* e *uploads* de textos, fotos, vídeos, músicas, informações institucionais e pessoais, criação e manutenção de páginas web, jogos em tempo real, bem como a gestão glocal de *chats*, mensagens eletrônicas, de informações e dados nas redes sociais virtuais, indicam a intensidade de captura dos interagentes que *necessitam* retornar ao tempo real para *dar conta da atualização diuturna de sua agenda mediática*. Esta *gerência glocal*, em sua operacionalização, requer inclusive uma *disciplina* de acesso e manutenção de dados, de verificação e alimentação de informações por parte dos interagentes. A *oikonomia* em tempo real se torna, então, modelo de gestão na infinda migração sîgnica imprevisível da visibilidade mediática e responsável eminente pelo desejo de *perene estado conectivo*. A condição de

⁷² Faz-se aqui clara alusão ao conceito de *habitus* em Bourdieu, no que se refere às estruturas estruturantes como regramento para atuação social, sem, contudo, anular a ação do agente. A definição de *habitus* cabe perfeitamente à temática de exposição em tempo real, uma vez que o interagente possui diversos recursos disponíveis para engendrar seu agir no contexto glocal, porém limitados a seguir determinadas regras e submetidos ao controle descentrado dos “olhares alheios” – para citar novamente Sibilia (2008).

apropriação desse *estado* por parte dos interagentes corresponde precisamente à *renúncia do estado de invisibilidade do ser na cibercultura, o qual desaparece se não está glocalizado*.

Em síntese, para fazer frente às necessidades urgentes glocais, dentre elas a exposição em tempo real, as categorias da visibilidade mediática e da comunicação-dispositivo seguem unidas na dinamização da relação de dependência estrutural obliterada. De outro lado, entre artifícios e artefatos comunicacionais, a *oikonomia* glocal permanece sendo um motor para o desejo de se estar glocalizado, incluindo os momentos em que se está em movimento, conforme possibilitado pelos dispositivos glocais móveis. A mobilidade glocalizada pode ser considerada o coroamento do atendimento de todas as necessidades urgentes ciberculturais e a culminância da disposição do humano em tempo real, como se verificará nos capítulos a seguir.

PARTE III

MOBILIDADE E DISPONIBILIDADE GLOCAIS

CAPÍTULO I – MOBILIDADE GLOCALIZADA E DEPENDÊNCIA EM RELAÇÃO AO GLOCAL MÓVEL

[...] o movimento é contínuo, assim como o tempo;
de fato, o tempo ou é a mesma coisa que o movimento
ou uma característica dele.
Aristóteles (2002, p. 559)

[...] numa vida que é só movimento, tudo é muito monótono.
Monotonia no movimento, tédio na agitação, fastio, aborrecimento.
Marcondes Filho (2005, p. 72)

Como a lógica da mobilidade, caracterizada pela existência em tempo real, ocorre no contexto atual regido pela velocidade em todas práticas sociais, serão trazidos novamente à discussão os conceitos de dromologia e dromocracia; esta especialmente em sua modalidade cibercultural.

Na análise empreendida até este ponto, constatou-se que o processo de informatização das práticas e relações socioculturais, com o advento dos *media* interativos, promove “uma célere reaculturação sem par das subjetividades e comportamentos” (TRIVINHO, 2007, p. 137). De outro lado, a vivência em tempo real é amplamente incentivada por parte das instâncias societárias em geral, na maior parte das vezes sem as ponderações necessárias acerca da lógica dromocrática que rege essa dinâmica de crescente acoplamento entre ser humano e dispositivos locais.

Os *habitus* locais em si já demonstram a existência de uma *dependência da pertença ao contexto interativo*, condição que remete à característica de pertencimento inerente à comunicação-dispositivo. Nesta situação, o sujeito está *subordinado* ao que esse ambiente oferece e *disposto* a fazer parte dos procedimentos e/ou ritos necessários para alcançar a cibercidadania. Na fase atual da civilização tecnológica, esse *status* está intrinsecamente ligado à *cibercidadania glocal móvel*, na qual é premente que o indivíduo efetive acoplamentos mais efetivos no âmbito corporal – já supondo a internalização via mentalidade glocal – para garantir que as atividades locais possam ser realizadas efetivamente com o suporte de *plena mobilidade glocal*, isto é, com deslocamento suprido de glocal interativo disponível em tempo integral.

A *oikonomia* glocal, nesse cenário, é ingrediente crucial para a compreensão da lógica de “*ininterruptibilidade*” de acesso ao glocal – o *perene estado conectivo* –, que busca

justificar tanta premência no desejo de aquisição e na utilização propriamente dita dos dispositivos locais móveis.

1. Dromocracia e *oikonomia* glocal⁷³

É necessário retomar, neste capítulo, peculiaridades do tema sobre a dromologia (VIRILIO, 1996b), lembrando que o termo provém da raiz grega *dromos*, que significa corrida, movimento ou deslocamento, o que a torna a definição que se refere à lógica da velocidade como vetor estrutural das sociedades. À conjunção entre sociedade organizada e velocidade, pautada nessa lógica, Virilio denominou dromocracia. Trivinho (2007), por sua vez, analisou a lógica do processo civilizatório tecnológico atual como lógica social também assentada na velocidade, denominando-a dromocracia cibercultural. Ao apontar a imbricação já consumada entre os dois sistemas, Trivinho (2007, p. 109) afirma que “[...] doravante, a cibercultura é o destino simbólico e imaginário da dromocracia e, vice-versa, a dromocracia, o vetor de articulação e modulação irreversível da cibercultura”. Como a velocidade está na base da articulação e da produção e reciclagem de tecnologias informáticas da sociedade cibercultural, esta apresenta como fator primordial a lógica dromocrática dos interesses econômicos e mercadológicos das redes institucionais internacionalmente constituídas, que se empenham no desenvolvimento da informatização em nível planetário (TRIVINHO, 2001, p. 213-215).

O imperativo círculo vicioso de superação de velocidade/capacidade de equipamentos, aplicativos e redes informáticas faz parte dessa lógica dromocrático-cibercultural, bem ajustada ao aspecto de efemeridade da lógica do consumo desenfreado, inerente ao modo de ser das sociedades das últimas décadas. Lipovetsky (2009), ao tratar do fenômeno da cultura do efêmero, frisa as especificidades da moda e de sua sazonalidade,⁷⁴ e mostra com clareza essa dinâmica que se espalha a toda e qualquer esfera de produção. Pode-se aplicar diretamente o que Lipovetsky assevera sobre a moda do vestir ao âmbito da produção e

⁷³ O tema da dromocracia já foi objeto de abordagem inicial na Parte I, Capítulo I, desta reflexão, contudo, nesta ocasião, serão realizados alguns aprofundamentos dos conceitos relativos à dromocracia cibercultural e sua aproximação à noção de *oikonomia* glocal, para subsidiar as discussões sobre a mobilidade e o modo de vinculação do humano ao glocal.

⁷⁴ Lipovetsky reporta que a moda – em sentido estrito – iniciou desde o final do século XIV, quando passou a tomar um sentido de temporalidade mais breve, “quando o gosto pelas novidades se torna um princípio constante e regular [...], quando funciona como exigência cultural autônoma, relativamente independente das relações fortuitas com o exterior” (LIPOVETSKY, 2009, p. 31).

aquisição de aparatos informático-comunicacionais, cuja sazonalidade das mudanças de tendências infotecnológicas ocorre cada vez de forma mais abreviada:

Torrentes de “pequenos nada’s” e pequenas diferenças que fazem toda a moda, que desclassificam ou classificam imediatamente a pessoa que os adota ou que deles se mantém afastada, que tornam imediatamente obsoleto aquilo que os precede. Com a moda começa o poder social dos signos ínfimos, o espantoso dispositivo de distinção social conferido ao porte das novidades sutis. (LIPOVETSKY, 2009, p. 34).

Por sua vez, Bauman também ressalta que o que separa o que ele chama de síndrome cultural consumista da síndrome cultural produtivista, “parece ser a revogação dos valores vinculados respectivamente à duração e à efemeridade” (BAUMAN, 2008, p. 111). Na síndrome consumista, a novidade é valorizada em detrimento da permanência (própria da cultura de produção), seja em relação à redução do tempo entre o surgimento da vontade de consumo e sua realização – isto é, a velocidade de aquisição do produto – como também no que se refere à duração da vontade em si – um dia se almeja uma mercadoria, logo depois o desejo de consumo está voltado a um novo objeto (BAUMAN, 2008, p. 107-148). O autor conclui que, paradoxalmente, a satisfação do consumidor é considerada uma ameaça para a vida produtiva de mercado, uma vez que, satisfeitos, os indivíduos não alimentariam a sociedade de consumo. Ele afirma que, nessa dinâmica, o que tem a primazia é o movimento do consumo em si:

A vida do consumidor, a vida de consumo, não se refere à aquisição e posse. Tampouco tem a ver com se livrar do que foi adquirido anteontem e exibido com orgulho no dia seguinte. Refere-se, em vez disso, principalmente e acima de tudo, a *estar em movimento*. (BAUMAN, 2008, p. 126).

A apropriação dos objetos envolve características de menor durabilidade e a necessidade mais acelerada de reposição de produtos. Essa tendência é bastante clara na esfera de consumo de objetos infotecnológicos em geral. Contudo, na atualidade, ela se torna ainda mais preponderante em relação aos equipamentos móveis, pela capacidade neles inscrita de acompanharem o indivíduo em seu deslocamento.

No regime dromocrático cibercultural, há exigências de atuação social que requerem uma “dromoaptidão propriamente cibercultural” (TRIVINHO, 2007, p. 102-105), que seria a capacidade de acompanhamento das céleres mudanças tecnológicas mediante a aquisição de “senhas infotécnicas de acesso” (TRIVINHO, 2007, p. 103), a saber: *hardware* e *software* requeridos, acesso à rede, capital cognitivo e capacidade, sobretudo financeira, para aquisição de novas atualizações. A cidadania na cibercultura leva em conta a posse dessas senhas como

indicador do nível de dromoaptidão que cada indivíduo/instituição possui na civilização tecnológica. À gerência do *status* de dromoaptidão, como premência ao indivíduo de manter atualizado seu conhecimento informático e seus dispositivos glociais, Trivinho (2007, p. 143-146) denomina de “gerenciamento infotécnico da existência”. Inserida no fenômeno de gerência de toda a existência, pautada na lógica infotécnica, está a *oikonomia* glocal como atividade dispositiva de gerência da vida em tempo real.

As exigências ciberculturais, que acabam por influir no ritmo tanto da vida pessoal ou institucional, como nas articulações da vida em sociedade, têm, na incorporação dos *habitus* glociais, a capacidade de reprodução social do contexto cibercultural. A reprodução dos esquemas de percepção e apreciação engendrada nos contextos glociais serve para sedimentação do processo de inculcação⁷⁵ nas atividades de consumação, por meio da gestão glocal, das *necessidades emergenciais* elencadas no capítulo anterior. Depreende-se desse contexto, que a *oikonomia glocal* está estreitamente relacionada ao caráter dromocrático da civilização cibercultural, pois o atendimento das premências inerentes ao regime da velocidade depende eminentemente da atuação em tempo real. Em virtude do amplo desenvolvimento do processo de glocalização, são cada vez em maior número as ocupações de caráter dromocrático nas quais o indivíduo está envolto, desde as opções de participação em redes sociais virtuais até as atividades que, atualmente, são compulsoriamente realizadas somente através do glocal. Percebe-se, com isso, que a dromocracia é um regime que, para sobreviver, alimenta-se do imperativo acoplamento do humano ao contexto glocal, fazendo com que seu cotidiano esteja voltado intensamente ao tempo real. É uma vinculação que somente tende a crescer, na medida em que mais procedimentos, atividades e objetos materiais ganham sua versão virtual. Além disso, na fase mais avançada da cibercultura, suprida de *dispositivos glociais capazes de conexões sem fio*, a tendência é a expansão dos deslocamentos dotados com esses aparatos, como especificado a seguir.

2. Princípio da mobilidade glocal

A *mobilidade*⁷⁶ glocalizada nada mais é que a mobilidade do indivíduo suprida de conexão em tempo real para atendimento, o mais permanentemente possível, das demandas

⁷⁵ Questões sobre o processo de inculcação de *habitus* glociais, com base no conceito de inculcação de Bourdieu, foram levantadas na Parte I, Capítulo II, desta reflexão.

⁷⁶ Mobilidade é um conceito, que obviamente remete a vários períodos históricos e a áreas do conhecimento bastante diversificadas, guardadas as especificidades de aplicação em campo, como, por exemplo, na antropologia, com referência ao nomadismo de povos primitivos, ou na sociologia, no que tange às

ciberculturais. Nessa modalidade de acesso são atendidos os anseios incorporados dos indivíduos por conexão 24 horas, com o intuito de não ser interrompido o *perene estado conectivo*, configurando-se, assim, como *conexão em movimento*.

Com o advento do glocal móvel, seja no uso cotidiano doméstico, no trabalho, nas demais atividades e momentos de lazer, passou gradativamente a ser incorporada à articulação societária a *necessidade do deslocamento conectivo*. Deriva-se desse contexto um *princípio de mobilidade glocal*, que significa a *premência de mover-se, porém habilitado com a devida conexão em tempo real*, isto é, refere-se à tendência ao *mover-se glocalizado*, ação na qual o indivíduo se locomove livremente, mas carregando sempre consigo o glocal interativo ou o glocal interativo potencial (equipamentos locais desligados ou em *stand by*). Os dispositivos locais móveis possuem capacidade bastante peculiar de indexação da vida ao ambiente glocal, considerando que ele permite maior flexibilidade, praticidade e atendimento mais célere às urgências das práticas locais. O princípio de mobilidade glocal traz em si, também, as características da lógica dromocrática, impelindo a ser sempre almejado um estado conectivo glocal mais veloz e com recursos mais atualizados que supram a contento as ações da *oikonomia* glocal.

Pode-se, também, caracterizar essa mobilidade a partir da indexação da extensão territorial ao glocal, o que faz referência aos *ambientes móveis glocalizados*. Isto significa a glocalização de tecnologias que se deslocam pelo território, como é o caso dos meios de transportes dotados de GPS, aparelho de televisão, rádio etc. A indexação territorial está relacionada também aos locais móveis que são portados pelos indivíduos quando estão em movimento, geograficamente falando, com ou sem auxílio dos meios de transporte. O processo de glocalização da mobilidade engloba essa tendência à unificação do glocal com os meios de transporte, ou vice-versa, fazendo dos meios de transporte um glocal móvel.

Na temática da mobilidade, há o aspecto também do sedentarismo proveniente do uso dos meios comunicacionais, ainda que móveis. Retomando o que Virilio (2000, p. 31-35) ressaltou sobre a revolução das transmissões, no século XX, que afetou tanto o espaço público quanto o espaço doméstico, pode-se analisar a referida questão partindo do indivíduo que recebe, em seu lar, as informações e imagens dos contextos locais. Para Virilio, por exemplo, esse indivíduo estaria submetido à inércia domiciliária, uma vez que sua ação estaria limitada

mobilidades sociais (migrações) cada vez mais frequentes. Bauman (2001), por exemplo, relaciona a definição de mobilidade a fluxo e a cita como característica das cidades contemporâneas, referenciando ao contexto das redes e da globalização. No contexto desta reflexão, a mobilidade está relacionada à capacidade de se poder agir/articular socialmente “em trânsito” – ou seja, em deslocamento, em movimento –, com o apoio das tecnologias móveis interativas, que abrangem: telefonia móvel, redes sem fio, computação pervasiva, ambientes digitais ubíquos e todos os demais acessórios com suporte à conexão em tempo real.

ao ponto de telecomando, por meio do qual ele controla o meio ambiente. Caso se busque analisar a situação de um sujeito que se encontra em movimento em um meio de transporte, a inércia se configura em proporção à velocidade, que permite o deslocamento enquanto se está comodamente sentado. Em um ou outro caso, Virilio nos lembra que o horizonte desse cenário será a paisagem mediática:

[...] no DOMICÍLIO ou em VIAGEM, indiferentemente, não se tratará já de admirar a paisagem, mas apenas de vigiar os seus ecrãs, os seus mostradores, a régie da sua trajectória interativa, isto é, de um ‘trajecto’ *sem* trajecto, de um ‘tempo’ *sem* tempo. (VIRILIO, 1993a, p. 114, grifos do autor).

Desse contexto, apreende-se a situação do indivíduo que, estando em viagem, está *centrado na paisagem mediática*, com atenção fixa na tela do dispositivo glocal que está utilizando, ou com foco nos dispositivos glocais que se encontram disponíveis para visualização ao longo do trajeto de determinado transporte. Ainda que o exemplo se refira a um momento de trajeto, de viagem, cumpre ressaltar que, quer o sujeito esteja estático quer em movimento, o foco é na ação interativa propriamente dita, na instantaneidade do acesso ao glocal. Embora na abordagem de Virilio sobressaia o conceito de inércia apresentado em relação ao conceito de velocidade – pois o tempo e o espaço estão nela referenciados –, pode-se aplicar a definição de inércia também aos casos em que o interagente se encontre estático, porém em acesso ao glocal. Nesse âmbito, configura-se uma *inércia* do indivíduo em relação ao mundo exterior; *inércia* que significa um *não envolvimento com o ambiente em seu entorno e em relação ao tempo e espaço históricos*.

[...] altera-se até mesmo a percepção do próprio espaço local, ambiente: na medida em que este fica de fora do foco principal, direto e contínuo, da percepção visual, isto é, na medida em que a consciência centra-se apenas na socioespacialização da tela, deprecia-se, do ponto de vista da vivência, a espacialização convencional imediata. (TRIVINHO, 2007, p. 254).

Por isso, nesse contexto, faz-se presente a dependência estrutural obliterada em relação ao tempo real, ao tempo instantâneo *durante a mobilidade*, em virtude da profusão acelerada de procedimentos e práticas glocais que se *tornaram necessidades urgentes e que “parecem” requerer o quanto o antes uma solução*. A lentidão, por sua vez, tende a ser um incômodo em um cenário de pura velocidade como é o panorama cibercultural. Há que se considerar, porém, que em contextos de excesso consequentemente pode surgir também a inércia, como indica Baudrillard (1996, p. 12), ao afirmar que “tentacular, protuberante,

excrecente, hipertrofiado: assim é o destino de inércia de um mundo saturado” – neste caso, saturado de velocidade.

Sob outro prisma, a mobilidade pode ser caracterizada também em relação ao “*deslocamento*” no ambiente *glocal*, ou seja, ao que se acostumou denominar de “navegação” nos contextos *glocais* interativos. O termo remete à ideia de “*movimentação*” nesses ambientes, em razão da estrutura de *hiperlinks* e de fluxos informacionais. A *mobilidade glocal* propriamente dita corresponde a um momento eminentemente volátil, limitado ao tempo de acesso e cuja instantaneidade se mostra no modo de aparição e desaparecimento do *glocal* interativo, quando o indivíduo se conecta ou desconecta da rede digital. O fenômeno que ocorre no ato da *mobilidade glocalizada* se configura como um *momento contextual glocal interativo móvel*. Ele herda as características do *bunker glocal móvel* ao pressupor o surgimento de um campo próprio imaginário, no qual o indivíduo passa a usufruir do ambiente *glocal* sem chegar a comprometer sua mobilidade. Essa dinâmica diz respeito ao *bunker glocal* tanto em seu caráter empírico quanto em seu aspecto *glocalizador* da existência humana, que remete à condição *glocal* e ao desejo e mentalidade *glocais*. Nesta condição de mobilidade, para suprir as *emergências da vivência satelitizada do campo próprio*, o indivíduo *precisa estar equipado* com dispositivos comunicacionais móveis, como por exemplo: *notebooks*, *netbooks*, *tablets*, *smartphones* e os aparelhos de telefonia celular em geral, leitores de livros eletrônicos etc. Além desses, cabe lembrar que as tecnologias vestíveis capazes de tempo real já fazem parte desse repertório.⁷⁷

A *bunkerização* engendrada pela condição de mobilidade *glocalizada* se constitui também em uma forma de “disciplinar” o sujeito em seu campo próprio satelitizado, a partir da reatualização inerente à dinâmica dos *habitus glocais* interativos, como já visto. A *reatualização glocal do interagente* está relacionada à mudança incessante das características dos dispositivos *glocais* móveis. Nisto transparece ainda mais o aspecto desestabilizador do *habitus*, que propicia a *criação de/readaptação* a outros *habitus glocais*. A readaptação é, por conseguinte, uma *necessidade urgente para a permanência no gerenciamento glocal da existência*. Isto decorre da aceleração no processo de estabilização/desestabilização dos *habitus glocais*,⁷⁸ em virtude da constante atualização de inovações infotecnológicas, embora

⁷⁷ Consultar mais detalhes nos links: <http://www.ipt.br/centros_tecnologicos/CETIM/colunas_tecnicas/2-tecnologias-vestiveis.htm> e <http://www.abciber.com.br/simposio2009/trabalhos/anais/pdf/artigos/6_mobilidades/eixo6_art11.pdf>.

⁷⁸ Interessante notar que essa estabilização/desestabilização em termos de *habitus glocais* tangencia a categoria de subjetivação/dessubjetivação, questionada por Agamben (2009) – que está relacionada à formação do sujeito –, porém aquela engloba a formação da mentalidade *glocal*, estando eminentemente reforçada no âmbito da práxis em tempo real.

existam *habitus de base* que se mantêm mais constante de um modelo de dispositivo glocal para outro.⁷⁹

Obviamente, a reaculturação incessante, por ser fruto da produção e reprodução dos *habitus* glociais, não se engendra como obediência consciente a regras. Acontece, antes, sutilmente no âmbito da vinculação do humano ao glocal móvel, isto é, em atividades de *deslocamentos costumeiros*, que figuram dentre as ações mais essenciais do humano, como é o caso do *ato de mover-se*. Agamben (2009, p. 40), ao ampliar o conceito de dispositivo, busca ressaltar de forma veemente que o processo de adequação da existência humana por meio dos dispositivos – isto é, pelo controle, governo e determinação dos gestos dos sujeitos – se encontra no plano do inconsciente. Isso se depreende do exemplo utilizado pelo autor acerca do uso do telefone celular como dispositivo que, ao menos aparentemente, é controlado e governado por seu usuário. Contudo, o autor assevera que o próprio dispositivo controla, organiza e articula a vida do indivíduo. Isso pode ser um princípio válido para tantos outros dispositivos digitais que engendram a sociabilidade de modo geral.

Assim, no âmbito da mobilidade glocalizada, a *oikonomia glocal alcança o seu ápice na vinculação de todo o instante* da vida do indivíduo ao ambiente dotado de tempo real. É nesse estágio que a comunicação-dispositivo mostra sua forma de *captura mais profunda do indivíduo pelo acoplamento ao glocal, o que corresponde a uma situação de intensa disponibilidade do ser em relação ao tempo real, configurando-se também um aprofundamento da dependência estrutural obliterada*.

3. O corpo na *mobilidade glocalizada*

Ao passo que a civilização glocal teve seu desenvolvimento ao longo do século XX, o corpo humano foi se aprofundando também em sua significação de espectro⁸⁰ mediático, correspondendo ao processo de desmaterialização do mundo em signos (TRIVINHO, 2007, 335-343). Le Breton (2003), por sua vez, ao fazer a análise geral da situação sociocultural do corpo e suas significações em várias temáticas – entre elas a biotética, a genética, a medicina e a farmacologia –, é bastante incisivo ao abordar o lugar do corpo nas configurações de

⁷⁹ Como é o caso, por exemplo, de infotecnologias pertencentes a um mesmo padrão de recursos informáticos, como aplicativos específicos, formatos de arquivos, sistemas com interfaces padronizadas etc., que requerem certa adaptação do interagente, o qual já possuirá um repertório acerca dos *habitus* glociais correspondentes, que façam parte desse mesmo padrão.

⁸⁰ Este conceito, conforme Trivinho (2007, p. 343), “designa todos os construtos estéticos dimanados do processo estrutural de reprodutibilidade eletrônica do real”.

fundamentação cibernética.⁸¹ Esta condição atual do corpo faz correlação ao corpo comunicacional propalado pela teoria cibernética, no qual só fluiriam as informações livremente, e não importaria tanto sua forma material, mas seu potencial comunicante (BRETON, 1992, 1995). A sobrevivência de um corpo dessa natureza na cibercultura tem sua garantia na *premente necessidade de vinculação ao glocal* (sobretudo interativo) para alimentação de sua espectralidade via visibilidade mediática.

Torna-se importante refletir sobre o lugar do corpo nesse cenário social-histórico e cultural, em que o ser humano se vê impelido e envolto pela utilização e recorrência de globais móveis, que remetem à velocidade, ubiquidade e necessidade de vivência em tempo real, isto é, *um contexto que não pode prescindir de um corpo dromocraticamente móvel*. No panorama cibercultural, o corpo muitas vezes é considerado algo tendente à inércia, como materialidade propensa à obsolescência. Entretanto, simultaneamente, passa a ser dada maior importância às técnicas e aplicações de transformação desse mesmo corpo.⁸² A esse corpo lento, que teima em andar em descompasso à aceleração própria dos avanços infotecnológicos, *está decretada a constante adaptação aos dispositivos capazes de mobilidade glocal e dromocrática*. A suposta solução para esses *corpos materiais* é fornecida na medida em que eles se vinculem aos dispositivos globais, que o possam *incrementar* em seu modo de ser/estar no mundo cibercultural.

Considerando a condição humana atual de envolvimento sempre maior com os diversos aparatos interativos móveis, o corpo é submetido ao *estado conectivo* em função da precedência do desejo do glocal ou, ainda, da mentalidade glocal. Esta, formada de subjetividades imbuídas da matriz glocal interativa, *pensa* o corpo biológico a partir dessa mesma configuração, desejando muitas vezes, a qualquer preço, *torná-lo apto ao princípio de*

⁸¹ O autor observa que a realidade do corpo humano imerso no ciberespaço é aquela da imaginária liberdade da materialidade nos fluxos informáticos e que põe fim às coerções de identidade do indivíduo. É o lugar onde o sujeito se metamorfoseia, estando livre de responsabilidades e experimentando identidades voláteis. Todo esse cenário que Le Breton desenha nitidamente faz referência à condição de vida glocal na qual os indivíduos encontram-se submersos na atualidade.

⁸² Le Breton (2010, p. 89) fala a respeito do imaginário de descrédito do corpo como “o motivo que anima muitas pesquisas técnicas e científicas e numerosas práticas cujo intuito é remediar as incertezas do orgânico pela adição de procedimentos técnicos [...]”. Paula Sibilia (2002) também conjuntiza uma série de elementos e exemplos que demonstram os discursos relacionados às intervenções tecnológicas para a modelagem corporal e subjetiva do humano, bem como aborda algumas tendências de superação dos mecanismos biológicos por processos tecnocientíficos, que refletem o conceito de obsolescência. A autora não deixa de enfatizar, ainda, a lógica em que entram os indivíduos para acompanhar o círculo de reciclagens e upgrades inerentes à época atual. Lafontaine (2004, p. 188-189) frisa, também, a tendência da ciberciência de levar a cabo a remodelação do corpo humano: “[...] a lógica combinatória típica da engenharia genética assume aquilo que realmente é, ou seja, a conjugação de um pensamento de engenheiro com uma vontade de remodelar o corpo humano e a vida no seu conjunto. [...] Esse empenho colocado no controle e na melhoria do corpo pode ser visto como o sinal do seu desaparecimento enquanto suporte simbólico da individualidade”.

mobilidade glocalizada. Aliás, em relação ao processo de *dispor do corpo biológico para o glocal*, vale lembrar o que afirma Sibilia (2008) acerca das “experiências subjetivas puramente alterdirigidas”, que – como resultados do desejo de produção da própria personalidade visível, de criação de uma marca –, acabam por não ter sentido algum, em si mesmas (SIBILIA, 2008, p. 242). A subjetividade, assim envolta no imaginário infotecnológico, submete o corpo a uma *lógica glocal-artificial*, reforçando o aspecto dos *habitus* locais na formação do indivíduo como produtor e ao mesmo tempo produto *do status quo* cibertecnológico.

No câmbio de perspectivas do corpo humano que passa ser visto sob a lógica de um *artifício potencialmente glocal* e de que se dispõe como um dispositivo, pode-se correlacionar essa dinâmica àquela indicada por Heidegger, no que diz respeito ao modo de posicionamento que dis-põe da natureza – no sentido exploratório –, até chegar a tomá-la como um dispositivo:

A usina hidroelétrica posta no Reno dis-põe o rio a fornecer pressão hidráulica, que dis-põe as turbinas a girar, cujo giro impulsiona um conjunto de máquinas, cujos mecanismos produzem corrente elétrica. As centrais de transmissão e sua rede se dis-põem a fornecer corrente. Nesta sucessão integrada de dis-posições de energia elétrica, o próprio rio Reno aparece como um dis-positivo. [...] A situação se inverteu. Agora é o rio que está instalado na usina. (HEIDEGGER, 2008, p. 20).

Da mesma forma, observa-se que a concepção sobre o corpo também está se invertendo, ao ser gradativa e compulsoriamente acoplado às infotecnologias móveis. A tendência tecnocultural é de que o corpo *necessite estar equipado* com o glocal móvel para lhe possibilitar estar conectado em tempo real, em plena disponibilidade. Nesse ínterim, cabe frisar que, no âmbito da reatualização corporal, os *habitus* locais móveis que se perfazem com sutileza, sem uma aparente conformação a regras, a princípios ou leis, reforçam a situação de disponibilidade do corpo à consecução da *oikonomia* glocal. Ao tratar das características de incorporação do *habitus* social, Bourdieu (2007, p. 169-173) ressalta “que os agentes sociais são dotados de *habitus*, inscritos nos corpos pelas experiências passadas.” Também os interagentes, no contato com glocal móvel, passam a incorporar os *habitus* que são correlatos a essa experiência, englobando tanto a incorporação de origem virtual, em razão da constância nas práticas interativas em meio à comunicação-dispositivo, quanto o aspecto de internalização dos *habitus*, na atuação corporal do indivíduo que busca se adaptar à

mobilidade glocalizada.⁸³ Quanto mais adequado ao glocal móvel estiver o corpo, maior será sua aptidão em adquirir as disposições das estruturas próprias da mobilidade com suporte do glocal, já incorporadas. Quanto mais profunda for a adequação e incorporação das experiências em tempo real pelos interagentes – que incluem a exposição e disponibilidade do indivíduo por meio dos seus perfis, preferências e inclusive de sua localização corpórea, recurso que hoje alguns dispositivos locais já permitem –, mais intensos, também, serão o *gerenciamento glocal por parte do próprio interagente*, no ordenamento e gestão de sua agenda e de suas tarefas cotidianas, e o *gerenciamento glocal externo*, com a possibilidade de maior *gestão e controle* das práticas locais móveis por parte da sociedade em geral, dependendo dos níveis de abertura no acesso e de inspeção em rede de cada instância individual, coletiva e/ou social.⁸⁴

Conclui-se que a vinculação decisiva do corpo ao glocal móvel, para marcar presença na cibercultura, faz com que ele se enquadre em uma *condição de disponibilidade* sem precedentes. Assim disposto, o corpo se encontra em situação de não poder prescindir nem do glocal, nem da comunicação-dispositivo e muito menos da *oikonomia* que deriva desses fenômenos. O corpo, em sua materialidade, apresenta-se *como dependente em relação ao glocal* para suprir as necessidades urgentes das demais vinculações – psíquica, intelectual e imaginária –, relativas ao fenômeno da dependência estrutural obliterada, bem como para atendimento das exigências dromocráticas ciberculturais.

⁸³ O que Bourdieu descreve sobre a exposição do sujeito no mundo, na esfera sociológica, serve perfeitamente para reforçar a análise de exposição do corpo ao mundo virtual: “Por meio de um jogo de palavras heideggeriano, poder-se-ia dizer que a disposição é exposição. Justamente porque o corpo está (em graus diversos) exposto [...] ele está apto a adquirir disposições que constituem elas mesmas abertura ao mundo, isto é, as próprias estruturas do mundo social de que constituem a forma incorporada” (BOURDIEU, 2007a, p. 171).

⁸⁴ A expressão *níveis de abertura no acesso e de inspeção em rede* se refere aos diferentes modos de acesso/registro/consulta, demarcados pelas formas de *logins* nas várias redes sociais virtuais, nas subscrições em sites de associações, nos cadastramentos realizados em portais da web para realização de compras, para recebimento de informativos, para *download* de documentos, bem como os registros em sites governamentais nos quais os cidadãos, através de sua documentação civil, já estão cadastrados, e nos registros das ações que fazem parte do cotidiano informatizado dos setores públicos (relacionados à previdência, fiscalização tributária, ações judiciais etc.).

CAPÍTULO II - DISPONIBILIDADE HUMANA AO GLOCAL E “*LIBERDADE*” *GLOCALIZADA*

As palavras podem esconder mundos. A comunicação pode encobrir.
Machado da Silva (2010, p. 15)

[...] Contudo, sem nos darmos conta,
estamos de tal modo apegados aos objetos técnicos
que nos tornamos seus escravos.
Heidegger (1959, p. 23)

Este capítulo está dedicado à explanação das implicações do fenômeno da dependência estrutural em relação ao glocal, que se traduz como disponibilidade do humano à vivência em tempo real. Aprofundando as peculiaridades de como a comunicação-dispositivo interage com o fenômeno da dependência, será salientado como o caráter de dispositivo e o automatismo, concernentes à natureza e ao modo de ação do fluxo comunicacional, são decisivos para a obliteração desse fenômeno. Consequentemente, como esta dinâmica está assentada no modo de levar à execução a *oikonomia* glocal, isto é, a gestão da vida por meio dos dispositivos glociais, os temas serão abordados averiguando-se quais nuances e fatores estão implicados nesse processo, que reforça a vinculação do humano ao contexto glocal.

Nesse contexto, instaura-se a subordinação sociocultural ao glocal como forma de experiência da vida em sociedade amplamente pautada na tendência de virtualização dos processos humanos. Ela se configura na servidão do indivíduo à lógica dromocrática cibercultural e acaba, muitas vezes, por impactar na autonomia do sujeito, a partir do fenômeno glocal e do processo de glocalização em seu estágio mais avançado, que se manifesta na mobilidade suprida de conexão em tempo real.

O panorama geral de imbricação dessas categorias conduzirá à reflexão sobre o modo de atuação dos indivíduos na civilização tecnológica atual, que se vislumbra como sendo de irrefreável condição de subordinação do ser ao regime dromocrático da cibercultura. Envolvidos na lógica comunicacional dispositiva de uma perene *oikonomia* glocal, os indivíduos/instituições estão em uma *condição de liberdade dotada de tempo real*, que leva a questionar se esta é uma forma livre de atuação ou se pode inscrever-se como uma liberdade também dependente do glocal.

1. Comunicação-dispositivo, obliteração da dependência estrutural e disponibilidade do humano ao glocal

No capítulo anterior, sinalizou-se o quanto a situação de *indivíduos glocalizados* na civilização mediática atual é algo intrincado e complexo, que envolve a vida pessoal, o âmbito institucional, as relações sociais e a dromocracia cibercultural como regime pautado na velocidade que envolve todas essas instâncias. A comunicação-dispositivo, através da lógica da *oikonomia* glocal de práxis gerencial, controle e ordenamento das urgências próprias da época, está a serviço desse regime dromocrático. É a esta espécie de tirania proveniente da lógica desse contexto⁸⁵ que indivíduos e instituições se encontram submissos e, em virtude do que se consideram as benesses proporcionadas pelo ambiente em tempo real – como flexibilidade, interatividade, celeridade, praticidade etc. –, obviamente não dão mostras de desejar ao menos minimizar a intensidade dessa condição. Evidencia-se, em grande parte, totalmente o contrário: alguns até preferem estar atrelados aos contextos glociais interativos, porque eles lhes garantirão a permanência como cibercidadãos. Exercer a cibercidadania implica em permanecer em uma *condição de disponibilidade glocal cibercultural*. As especificidades do glocal interativo, acima citadas, consideradas vantajosas nesse modo de vinculação e as interfaces sempre mais amigáveis dos dispositivos glociais, bem como o desejo do *perene estado conectivo* fazem com que o acoplamento humano-máquina seja desejável por boa parte dos interagentes.

A *disponibilidade glocal cibercultural* é a *condição de viver dependente do glocal interativo, sobretudo em sua versão móvel*, desejada ou não pelo interagente, e que se inscreve como a forma de participação dos indivíduos – enquanto seres interagentes incorporadores de *habitus* glociais na exposição aos contextos glociais e envolvidos pela comunicação-dispositivo na lógica dromocrática cibercultural –, no fenômeno da dependência estrutural obliterada. O que leva a essa espécie de *servidão glocal*⁸⁶ não é senão a

⁸⁵ Bem a propósito, Sibilia (2002) faz referências às tiranias dos *upgrades* impostas pelo capital e o que ela denomina de utopia do conforto e a formação de subjetividades autocontroladas, onde a exterioridade se sobrepõe à interioridade como causas do esfacelamento da dimensão pública e política. Ela demonstra que estão implicadas nesse processo as relações de biopoder, que a partir da lógica de mercado influencia a natureza, a vida e a morte. Isso, segundo a autora, manifesta o lado fáustico de todo o investimento massivo – e eminentemente mercadológico – que há em torno das infotecnologias.

⁸⁶ No âmbito desta reflexão, a noção de servidão que se desenvolve na cibercultura obviamente não tem o mesmo teor da definição de servidão voluntária cunhada por La Boétie, por volta dos anos 1560 (a data de publicação de *O Discurso da Servidão Voluntária* é bastante controversa, inclusive o texto foi objeto de variadas interpretações ao longo dos séculos). Mas vale ressaltar, em uma síntese, a ideia do autor acerca da temática, que serviu de inspiração ao tema da *disponibilidade glocal cibercultural*, desenvolvido na presente reflexão. O conceito de servidão voluntária estava relacionado estreitamente ao contexto político de regime monárquico, no qual ainda se fazia sentir fortemente a submissão do povo ao governo de um só. O autor

cristalização dos *habitus glociais* como orientadores da ação de *indivíduos glocalizados*. A *sutilidade da lógica dromocrática da cibercultura oblitera seu lado tirano e a lógica de servidão dela decorrente*, ainda que se trate de um regime que transparece, antes de tudo, um caráter extremamente democrático.

Considerando que os *habitus glociais* são mediadores do processo de dependência estrutural, observa-se que o caráter de ação irrefletida inerente à definição de *habitus* influencia a obliteração desse fenômeno. Tal irreflexão não significa uma espécie de manipulação das consciências dos sujeitos para que atuem desta ou daquela forma por não saberem o que desejam, não possuírem objetivos na vida ou outro motivo qualquer. A ação irrefletida é precisamente a práxis social já incorporada através dos *habitus*, que engendram as ações futuras do indivíduo com base em um repertório de experiências, já inculcado pelas disposições societárias objetivas que engendram esses hábitos. De uma forma ou de outra, os *indivíduos glocalizados* são capazes de fazer suas opções em tempo real, ainda que inseridas nas disposições inerentes aos *habitus glociais*, onde articularão seu cotidiano: refletindo sobre seus modos de pensar e estar no mundo, atuando socialmente – inclusive através de comunidades virtuais que engendram acontecimentos presenciais –, refletindo sobre conteúdos disponíveis através do glocal, consumindo o glocal e pelo glocal etc. Enfim, desejando estar conectados em rede virtual, porque consideram algo relevante ou até imprescindível para suas vidas, ou porque se veem impelidos a dar conta das necessidades de caráter dromocrático da vinculação ao glocal, como é o caso do gerenciamento infotécnico da existência (TRIVINHO, 2001, 2007). Viver na sociedade glocal é viver em um mundo regido pelo tempo da experiência glocal e na *lembrança perene da existência em rede*. Todas estas ações tomam parte na *oikonomia* glocal como gerência incessante da vida em tempo real. Entretanto, a vinculação ao glocal permanece como que encoberta em seu caráter de *disponibilidade compulsória*, permanece obliterada como dependência estrutural.

A obliteração reside, de fato, na incorporação que está na base de todos esses *habitus*, na internalização da lógica da comunicação-dispositivo, que detêm o interagente em disposições comunicativas e, com isso, acaba por “*reinar absoluta*” em tempo real. Com o *status* conferido a ela desde o advento dos princípios da cibernética, que se assenta na herança metafísica pautada no controle e no caráter exploratório próprios da técnica moderna, e sendo

levanta a questão de como o povo, ainda que tiranamente governado, permanece até de bom grado sob a tirania de seu governante. A hipótese do autor é de que uma vez nascidos no interior de um contexto de escravidão, os súditos, já habituados a um governo assim posto, nem sentiriam fervor pela conquista da liberdade, tal é o *costume* à servidão. O autor afirma, então, que o costume é “a primeira razão da servidão voluntária” (LA BOÉTIE, 2008, p. 23). Para maiores detalhes, consultar o texto do autor e de alguns de seus intérpretes em La Boétie (2008).

plenamente correlata ao fenômeno comunicacional como fim em si mesmo, relatado por Trivinho (2001, 2007), Sfez (1994) e Breton (1992)⁸⁷ – como já referenciado ao longo desta reflexão –, ela toma *ares transcendentais*, pois ainda que ciberespacializada nos contextos glociais *stricto sensu*, ela simula o “*estar na nuvem*”,⁸⁸ em tempo real como *instância que mobiliza outras instâncias, atraindo-as para si*. Por isso mesmo, ela se reveste de um caráter transcendente, como uma espécie de *motor Móvel*, embora no pensamento metafísico aristotélico somente o motor Imóvel (como primeiro movente, que move sem se mover) pode atrair as coisas para si.⁸⁹ *A comunicação-dispositivo, contrariamente, movimenta movendo-se e é precisamente com isso que ela aciona a atração para si mesma.*

De fato, a comunicação-dispositivo vige como motor na articulação das ações em tempo real. Ela favorece as subjetivações aleatórias e *dispõe* dos interagentes por meio da *oikonomia* glocal, ao ressignificar incessantemente a *movimentação* da vida em sociedade. A comunicação-dispositivo é pautada na conjuntura relacional própria do glocal, na qual tudo se transforma em relação, e é imbuída da utopia de funcionar como vínculo das relações sociais (BRETON, 1992). A herança cibernética – da qual ela procede – contribui para a obliteração da dependência precisamente pelo seu aspecto relacional⁹⁰, no lastro deixado pela forma de posicionamento da técnica moderna, que encontra na cibercultura sua forma radical, assumindo, até às últimas consequências, a primazia da relação na existência em tempo real, como nos demonstra Assis (2011):

A técnica moderna encontra sua determinação onticamente realizada na cibercultura, onde o espaço virtual, o ciberespaço, possibilitado pelo glocal, é o espaço no qual tudo assume de forma radical a sua consistência relacional. Quer seja pela subordinação de tudo a uma raiz cibernética, a qual é o campo de jogo da relação entre dados que não possuem nenhuma consistência em si, podendo ser diminuídos numa abstração digital completa na relação entre 0 e 1, quer seja pela transformação de tudo que existe em imagem, em existência em tempo real, a qual propõe uma

⁸⁷ Baudrillard (2002 p. 132), acerca do girar em vão da comunicação, assevera também: “Eis o êxtase da comunicação. Não mais outro em face, e nada mais de destino final. O sistema gira, desse modo, sem fim e sem finalidade. Resta-lhe a reprodução e a involução ao infinito”.

⁸⁸ O termo faz referência ao modo de expressar, na atualidade, acerca dos conteúdos disponibilizados em rede para acesso a qualquer momento no acionamento do tempo real por meio dos dispositivos glociais.

⁸⁹ Segundo Aristóteles, exemplos de coisas que movem sem se mover a si próprios seriam: “o objeto do desejo” (que remete ao *belo* e ao *bom*) e “o objeto da inteligência” (significando que o inteligível move a inteligência sem que ele se mova). As demais coisas, segundo o filósofo, movem sendo movidas, mas não atraem para si (REALE, 2002b, p. 111-122).

⁹⁰ Que se assenta na matriz do livre fluxo informacional (BRETON, 1992, LAFONTAINE, 2004). Muitas ações gerenciadas nos contextos glociais são justificadas em virtude desse caráter relacional: ou porque o indivíduo precisa de entretenimento, ou porque necessita se expressar, dar sua opinião (democraticamente) em uma enquete eletrônica para registrar sua participação em um *reality show*, ser mais um a postar seus comentários em blogs e páginas da web, ou, ainda, para se relacionar com os (muitos) amigos nas redes sociais virtuais, e assim por diante.

comunicação entre coisas, entre nadas tecnoestéticos indeterminados, revelando uma total primazia da relação sobre aquilo que se relaciona. (ASSIS, 2011, p. 109).

Através da *relacionalidade que oblitera a vinculação ao glocal*, busca-se justificar o uso frequente (se não incessante) do glocal. Em virtude desse aspecto relacional, a comunicação-dispositivo traz consigo sua propriedade de sutileza e artifício e oblitera a dependência estrutural ao se imbricar ao imaginário tecnológico, dinamizando as já férteis criações de necessidades de cunho cibercultural. O aspecto artificioso da comunicação-dispositivo é, ainda, responsável por dissimular a dependência estrutural como sendo uma vinculação “natural”. Isso reforça a característica de encobrimento, obliteração e esquecimento inerente à comunicação-dispositivo. Por *alimentar-se do esquecimento*, através da pura atividade de *gerência das necessidades glocais*, pode-se dizer que lhe é próprio o caráter de velamento, ao conduzir à obliteração outros fenômenos. Ela permite cair no esquecimento o corpo considerado obsoleto (LE BRETON, 2003), a subjetividade não alterdirigida (SIBILIA, 2002, 2008), o imaginário não tecnológico (RÜDIGER, 2006, 2008) e o espaço e tempo social-históricos (TRIVINHO, 2007; VIRILIO, 1993b, 2000, 2002). A partir desses *esquecimentos em série*, a dependência estrutural se põe como “natural”, uma vez que a esses referentes, em processo de obliteração, passa a ser dada importância relativa quando se trata já da *necessidade urgente de estar disponível em tempo real*.

A *tendência ao velamento* inerente à comunicação-dispositivo oblitera o fato de que a dependência estrutural aos meios comunicacionais glocais não é natural e sim construída sócio-historicamente. De fato, foi a naturalidade da comunicação/interação humana que se tornou objeto de *tecnicização* com o surgimento do glocal. O artifício da comunicação-dispositivo talvez resida precisamente nisto: em um modo de comunicar mediado pelo glocal que açambarcou progressivamente o modo de comunicar natural do humano, e que agora se apresenta como natural e ao qual é dada a primazia na civilização tecnológica atual.

A obliteração da dependência estrutural pode ser analisada também a partir do automatismo de que se revestiu a técnica moderna e do seu ápice de automação com o desenvolvimento e empreendimentos científicos da cibernética até os dias atuais.⁹¹ Obviamente, o ser humano geralmente se utilizou de algum objeto técnico/ferramenta que o ajudasse em seu fazer técnico, porém, somente com a emergência do automatismo nesse desenvolvimento, que passou a se verificar na forma de se revelar da técnica moderna, a vinculação entre humano e máquina foi se intensificando gradativamente, chegando ao seu

⁹¹ Para detalhes sobre a questão do avanço do automatismo em função do modo de desencobrimento da técnica moderna, vejam-se Heidegger (2008), Rüdiger (2006) e Assis (2011).

ápice na cibercultura. O *automatismo reforça sobremaneira a comunicação-dispositivo como potencial de obliteração da dependência estrutural*. Quanto maior a automação no processo comunicacional, maior a obliteração daquilo que está vigendo no substrato dessa dinâmica. Com isso, acentua-se tanto o caráter de artifício como também o aspecto obliterante da comunicação-dispositivo, pois tende a *conduzir ao esquecimento dos processos que levaram ao automatismo*. Cumpre lembrar que o automatismo é um dos principais fatores que impulsionaram a ideologia dos ciberneticistas no que se refere ao desenvolvimento de projetos de vida artificial (BRETON, 1995). Não é sem razão que o imaginário tecnológico se nutra do automatismo e que ele esteja na base da concepção acerca do humano, como propalada pela teoria cibernética.⁹²

A automação presente tanto na comunicação-dispositivo quanto nos dispositivos gloais está consequentemente imanente na *gestão dispositiva glocal interativa*. Esta vincula decisivamente a gestão da vida cotidiana aos dispositivos gloais e intensifica a *disponibilidade do humano* ao contexto de gerenciamento da existência, próprio da dromocracia cibercultural. A lógica do *estar submisso à oikonomia glocal* é da ordem do que Assis (2011) afirma como sendo a disponibilidade inerente ao modo de desencobrimento exploratório do todo, presente na técnica moderna e levada à radicalidade na cibercultura, e que tudo submete à lógica do disponível (ASSIS, 2011, p. 41).⁹³ Nessa dinâmica, os indivíduos estão *serenamente* participando do *status quo* cibercultural por *se disponibilizarem à gestão de seus cotidianos por meio e no ritmo das urgências produzidas, por si mesmos e por outras instâncias, no dispositivo glocal*.

Já se analisou, em tópicos anteriores, como nas disposições dos *habitus* nada é determinado como regra (BOURDIEU, 1983). Os indivíduos, ainda que sem consentimento expresso, aderem tacitamente a essa *disponibilidade glocal cibercultural, que sutilmente vige como regra*. Tal disposição, já incorporada pelo indivíduo nas vinculações dos meios interativos móveis, o predispõe a nem sequer se questionar a respeito das *sutis imposições da*

⁹² Interessante referenciar o que assevera Rüdiger (2006, p. 144), no que diz respeito aos efeitos da “armação” (outra tradução para a *Gestell* de Heidegger) no modo de pensar do humano sobre si próprio: “Interpelada por esse princípio ou destino, a técnica que nos habita tende a se converter na única via de pensamento, engendrando o perigo dessa via se estender sempre mais e desse processo todo ocorrer sem que nós percebamos como ele vai alterando nosso modo de ser em sentido maquinístico”.

⁹³ Considerando que o autor se fundamenta no que Heidegger já pronunciara acerca da disponibilidade do todo no modo de desencobrimento da técnica moderna como com-posição (*Gestell*), sublinha-se o que o filósofo afirma como sendo o “maior perigo” para o modo de ser do humano: “Se, porém, o destino impera segundo o modo da com-posição, ele se torna o maior perigo [...]. Quando o des-coberto já não atinge o homem, como objeto, mas exclusivamente, como disponibilidade, quando, no domínio do não-objeto, o homem se reduz apenas a dis-por da dis-ponibilidade – então é que chegou à última beira do precipício, lá onde ele mesmo só se toma por dis-ponibilidade”. (HEIDEGGER, 2008, p. 29).

lógica cibercultural. Dificilmente, alguém se questionará – e menos ainda no momento de acesso glocal –, se sua vinculação a um dispositivo infotecnológico se configura ou não como relação de dependência. O indivíduo simplesmente acessa em vista de sua indispensável *oikonomia* glocal, que *precisa se dar precisamente naquele momento e não em outro*. A *gerência glocal precisa ser atuada naquele dia e não em outro; ela não pode ser adiada, em virtude da urgência que lhe é inerente*. Afinal, *o controle de sua vida glocal precisa ser atualizado*. Como adiar o acesso glocal para outro dia se ele *precisa* ser realizado naquele instante? É obvio que o questionamento sobre a dependência permanecerá no esquecimento. Não haverá questionamento *porque o glocal já se põe como o “todo” vivencial da civilização atual*.

Na *lógica de servidão glocal*, os indivíduos envidam esforços na direção de uma *mobilização total em favor da oikonomia glocal*, deixando-se vincular pelo gerenciamento incessante, pelo aspecto emergencial na modalidade “*para ontem*” e pela manutenção do controle desordenado pelos “*cibercidadãos*”. Em seu conjunto, uma dinâmica assim posta está inscrita na condição glocal – como parte da dimensão *latu sensu* do glocal e que perpassa a formação das mentalidades em geral (TRIVINHO, 2007) –, no sentido de que os indivíduos, em seus afazeres cada vez mais imbuídos de cunho tecnológico e glocal, acabam por manter o *status quo* conservador do regime dromocrático (TRIVINHO, 2007), o que somente aprofunda a *condição de sujeição* ao glocal cibercultural.

Na disponibilidade à vivência em tempo real como modo de apropriação conservador do *status quo* cibercultural, há o caso mais paradoxal de dependência estrutural obliterada em relação ao glocal, que se trata das formas mais radicais de ação contra o sistema capitalista em geral: o hackerismo, o midialivrisimo, o crackerismo etc. Tais manifestações, apesar de combaterem política ou ideologicamente contra o sistema, não se põem questionamentos em relação ao uso propriamente dito das ferramentas digitais de que se utilizam – inclusive pelo fato de que essas ações se desenvolvem em tempo real. Com isso, verifica-se que independentemente da direção ideológica de apropriação da infotecnologia, *o que vige é a primazia da apropriação em si*.

Frente a esse quadro, onde até tais manifestações críticas radicais não se perfazem fora do glocal com o mesmo impacto de quando levada a termo de forma mediatizada, vale questionar como se configura a liberdade de ação dos indivíduos no contexto de vinculação glocal? Torna-se, então, questão central para o indivíduo nesse panorama de sujeição sem precedentes ao glocal, verificar até que ponto se permite que o gerenciamento da vida cotidiana esteja subordinado ao *mainstream* da comunicação-dispositivo? Obviamente, isso

equivale a questionar a dependência estrutural obliterada. Por isso, na sequência, tensiona-se a correlação entre a categoria de um *agir supostamente livre, que, contudo, depende da vinculação ao glocal*.

2. “*Liberdade*” glocalizada e ausência do glocal

Poderá soar estranho propor discussões acerca do tema da liberdade de ação do sujeito na civilização tecnológica atual, relacionado a um contexto de dependência estrutural ao glocal. Talvez esta reflexão possa ser considerada como dispensável, não relevante, em um sistema dromocrático mediático que se põe como democrático, ao viabilizar aproximação virtual de pessoas a distância ou que possibilita tantas outras flexibilidades inerentes à sociabilidade virtual. Entretanto, a discussão aqui proposta não se preocupa com a “livre” ação das possibilidades práticas do indivíduo no mundo cibercultural, mas sim com o questionamento de sua liberdade frente a um sistema sociotecnológico regido pela velocidade, cuja imperatividade se coloca sutilmente no estilo de vida cibercultural.

Como já assinalado anteriormente, Trivinho (2007, p. 133-180) nos mostra que na dromocracia cibercultural há uma violência simbólica perpassada pela velocidade, que leva os indivíduos à busca de senhas infotécnicas de acesso à cibercultura, que estabelece a lógica de uma incessante reciclagem estrutural para acompanhamento das atualizações infotecnológicas vigentes e, por fim, que promove a “reescritura cibercultural de todos os elementos e tendências da vida” (TRIVINHO, 2001, p. 141) pelo princípio da interatividade. Com efeito, o indivíduo não é de modo algum tão livre quanto possa parecer no panorama da cibercultura. O fenômeno da dependência estrutural obliterada e o consequente estado de *disponibilidade glocal cibercultural* em que permanece o indivíduo nesse contexto estão intrinsecamente relacionados a esta espécie de “livre ação” forjada na dromocracia cibercultural. Trata-se de uma “liberdade” dotada de extrema vinculação entre o humano e o dispositivo glocal. O indivíduo é “livre”, contanto que esteja acoplado aos dispositivos e redes informáticos para atuar mediaticamente, ao ritmo do tempo real. Por isso, cabe questionar esse contexto a partir do próprio acoplamento do humano ao glocal, pois é a empiria que antecede à suposta “liberdade” de ação do sujeito em ambiente virtual.

O glocal interativo possui um conjunto de características que imprimem caráter de ampla liberdade aos que dele fazem uso. Em se tratando de um glocal interativo móvel, o interesse em torno do dispositivo glocal se reescala, em virtude da mobilidade que ele

possibilita. As características próprias do virtual, como interatividade e portabilidade, provavelmente podem ser uns dos aspectos principais desse sentido de liberdade que envolve muitos dos discursos em tom celebrativo sobre a vivência em tempo real (LAFONTAINE, 2004).⁹⁴ Acaba por ser uma ação supostamente “livre” de fronteiras, porém que, para ocorrer, necessita, em primeiro lugar, pressupor o acoplamento com o dispositivo glocal. Configura-se, então, como uma “*liberdade*” *por via maquínica*, ou seja, sempre subordinada ao fator da *bunkerização*, que a antecede. Quando Trivinho (2008a, p. 17-32) assinala as características de “abertura” e “refechamento” inerentes ao *bunker* glocal, relacionadas à sua potencialidade de “circunscrever e determinar o lugar do corpo e, de modo idiossincrático, o do *sujeito em contexto*” (TRIVINHO, 2008a, p. 27, grifos do autor), ele frisa que a ação do sujeito acontece em condições estritamente sociotecnológicas e que, só há a experiência da sensação de ilimitação, precisamente porque, antes disso, foi preciso o atrelamento a um *bunker* glocal.⁹⁵ Apesar de todos os elementos de flexibilidade que o glocal possa apresentar, o fato é que o contexto glocal, como *bunker* que possibilita a existência em tempo real, de um modo ou de outro, captura o indivíduo na socioespacialização *bunkerizada*.

Outro aspecto dessa ação “livre” do sujeito em tempo real é a produção das subjetividades com o apoio das ferramentas globais, como demonstra Sibilia ao explicar sobre a criação do “eu espetacular” (SIBILIA, 2008, p. 267-277). Isso ocorre a partir dos processos de identificação dos internautas com personagens mediáticos ou no que se refere à criação de blogs, fotologs, vídeos e à produção de relatos autobiográficos em rede para observação de todos. Da ampla explanação da autora relativa ao investimento dos interagentes nessa produção visível de si para aceitação aos olhos dos demais via tempo real, depreende-se que o glocal vige como suporte *sine qua non* para o engendramento dessas subjetividades. É como se a expressão do modo de ser dos interagentes já não pudesse mais *se dar* senão com o apoio da ferramenta glocal. Isso demonstra o quanto a “livre” ação do sujeito em tempo real é bastante relativa.

Outra clara demonstração de uma “liberdade” idealizada por via maquínica está relacionada aos discursos do pós-humano, no sentido libertário que eles carregam consigo. Lafontaine (2004), Le Breton (2003) e Rüdiger (2008) mostram relatos e correntes de pensamento que bem demonstram essa estreita correlação entre um modo de ser “livre”,

⁹⁴ A autora realiza interessante síntese das correntes de pensamento de base ciberneticista, as quais correspondem ao cunho celebrativo da vivência no ciberespaço.

⁹⁵ Ao enfatizar que “[...] o sentido da notação não é ‘se o *bunker* glocal fixa, também livra’, mas ‘porque ele fixa, livra’” (TRIVINHO, 2008a, p. 27), o autor engloba também em sua assertiva os dispositivos globais móveis, uma vez que essa *fixação* é em relação ao *bunker* glocal propriamente dito (móvel ou não) e não somente a uma determinada localização física do sujeito em seu *bunker*.

porém estando integrado ao tempo real, no qual a ideia de pós-humano é o modo mais genuíno desse tipo de “*liberdade*” *dependente do glocal*. Os defensores da visão do novo humanismo são idealizadores de uma “liberdade” de forte teor cibernético, que passa pela “coletivização dos espíritos no ciberespaço” ou pela “unificação tecnológica das consciências” (LAFONTAINE, 2004, p. 157-176), isto é, pela *disponibilidade glocal cibercultural total* do humano para com os engajamentos infotecnológicos que dão “suporte” à sua suposta “liberdade”.

Todos esses aspectos de “liberdade” pela via glocal somente reforçam o que Agamben (2009) pronunciou acerca do dispositivo ter em si potencializado a realização do desejo de felicidade do indivíduo. Aquilo que fora separado à esfera inalcançável/sagrada (AGAMBEN, 2009) agora está imanente nos dispositivos glocals e na comunicação-dispositivo, e se põe como razão da felicidade do *ser dependente glocal cibercultural*. É bem a propósito recordar o que diz Baudrillard (2002, p. 133) a respeito da origem da atração inerente ao ambiente virtual, que residiria no fato de ser uma forma de simulação da felicidade, em virtude de eliminar as referências às coisas, provendo e escondendo tudo ao mesmo tempo. Em outro trecho, ainda, ele questiona se o ciberespaço seria realmente um espaço de liberdade:

[A] internet apenas simula um espaço de liberdade e de descoberta. Não oferece, em verdade, mais do que um espaço fragmentado, mas convencional, onde o operador interage com elementos conhecidos, *sites* estabelecidos, códigos instituídos. Nada existe para além desses parâmetros de busca. Toda pergunta encontra-se atrelada a uma resposta preestabelecida. Encarnamos, ao mesmo tempo, a interrogação automática e a resposta automática da máquina. (BAUDRILLARD, 2002, p. 132).

A partir desse panorama de “liberdade” *por via maquínica*, infere-se que, para os indivíduos fazerem frente às urgências de sua *oikonomia glocal ininterrupta*, acabam por submeter-se à *bunkerização glocal*. A comunicação-dispositivo vige nesse contexto como um dos elementos primordiais para o desejo da *liberdade glocalizada*. Como já dito, ela é a instância que *atrai – na mobilidade que lhe é própria –* o interagente para a vivência *bunkerizada*.

Salienta-se, também, o que Virilio (1998, p. 132-133) chamou de “prejuízo real”, frisando categoricamente que o mundo está em uma fase, na qual já há uma “derrota do factual em proveito do virtual”, isto é, o mundo dos fatos é gradativamente “desqualificado, desacreditado”.⁹⁶ Ele acrescenta que não há como medir o que o ser humano está perdendo

⁹⁶ Em relação à extensão territorial, por exemplo, ele afirma que: “[...] Reduzido progressivamente *a nada* pelos diversos meios de transporte e comunicação instantâneos, o meio geofísico sofre uma inquietante desqualificação de sua ‘profundidade de campo’ que degrada as relações entre o homem e seu ambiente. Desta

com a realidade virtual, pois ainda não há parâmetros para isso. Talvez seja um fenômeno aproximado ao que Virilio se refere que esteja se construindo em relação à liberdade do humano. *Não há como medir o que se está perdendo em termos de liberdade* ao se vislumbrar o fenômeno de vinculação em relação ao glocal interativo móvel. Esta *movimentação de desqualificação da liberdade* tradicionalmente conhecida e tão cara ao ser humano⁹⁷ está se perfazendo há algumas décadas com a emergência do glocal. A liberdade é desqualificada em favor da *liberdade glocalizada*, da “*liberdade*” por via *maquínica*.

Enfim, a vivência em tempo real dá provas de que cada vez mais é dada primazia à *liberdade glocalizada*, tal é o empenho dos indivíduos em dar conta dos afazeres inerentes à *oikonomia* glocal. Um sintoma que pode demonstrar que a *liberdade glocalizada* não é realmente uma liberdade tão plena como alguns desejariam, é o fenômeno que vem à tona quando o indivíduo se depara com a *ausência dos dispositivos locais*, que lhe possibilitam a existência em tempo real. Em virtude das práticas locais incorporadas, que contribuem para a obliteração da dependência estrutural, o glocal se enraíza cada vez mais no cotidiano humano e em seu plano simbólico por meio da mentalidade glocal. Obviamente, na medida em que o glocal não se encontra, por algum motivo, à disposição do indivíduo, há a tendência de se instaurar um tipo de rejeição à situação. Pode-se vislumbrar a que ponto chegou a vinculação do humano ao glocal, quando surgem manifestações de descontentamento, ansiedade e até mesmo expresso aborrecimento por parte do indivíduo ou de uma coletividade que se vê privado/a do acesso ao glocal. Isso evidencia a grande imprescindibilidade do glocal para a civilização atual e o consequente acoplamento que ultrapassa o âmbito físico, atingindo a psique e o imaginário humano de não poder mais viver sem o glocal.

Situações como essas se colocam entre o que seriam os casos patológicos, do que se acostumou denominar de adição à internet – quando, por exemplo, o interagente permanece no acesso glocal por horas infindas sem sequer se atentar para o atendimento de suas necessidades mais básicas, como alimentação e horas de sono, inclusive comprometendo aspectos de sua vida familiar, de trabalho e de lazer⁹⁸ – e as situações de utilização

forma, a espessura ótica da paisagem diminui rapidamente, resultando em uma confusão entre o horizonte *aparente* sobre o qual toda cena se destaca, e o horizonte *profundo* de nosso imaginário coletivo, em benefício de um último horizonte de visibilidade, o horizonte *trans-aparente*, fruto da amplificação ótica (eletro-ótica e acústica) do meio natural do homem” (VIRILIO, p. 105-106).

⁹⁷ Neste ponto, vale sublinhar o que afirma La Boétie a respeito das consequências do acostumar-se à servidão: “É a liberdade, todavia um bem tão grande e tão apazível que, uma vez perdido, todos os males seguem de enfiada; e os próprios bens que ficam depois dela perdem inteiramente seu gosto e sabor, corrompidos pela servidão” (LA BOÉTIE, 2008, p. 15).

⁹⁸ Para maiores aprofundamentos sobre as causas e consequências das patologias relacionadas ao uso dos meios interativos, podem ser consultados os links: <<http://www.netaddiction.com/>>,

“normalizada” do glocal para gerenciamento do cotidiano como um todo, como foi explicitado ao longo desta reflexão. Trata-se de um terceiro momento, em que se evidencia a instauração de um drama, que difere dos outros dois momentos citados, porque, em ambos os casos, esteja a pessoa em *estado de adição* ou em *estado habitual de uso do glocal*, em um caso e outro, *o glocal está presente. O que evoca o drama é precisamente sua ausência*.⁹⁹

As manifestações dramáticas de vinculação glocal serão tanto mais profundas quanto mais intensa se fizer presente no cotidiano do indivíduo a *oikonomia* glocal. A ausência de um glocal de massa proporcionará, por suposto, menor dramaticidade ao indivíduo se comparada à falta de um glocal interativo, em virtude de que o acoplamento com este último ocorre de forma mais intensa, em função das *práticas gerenciais urgentes* das quais o indivíduo necessita fazer frente. Soma-se a esta reflexão a referência ao conceito de “homem estocástico”, de autores como Denis Ettighoffer e Gérard Blanc,¹⁰⁰ a que Nicole Aubert (2003, p. 129-154) faz remissão na reflexão sobre o que ela denomina de “patologias da urgência”, para mostrar o quanto as pessoas estão inseridas na lógica do imediatismo e da urgência:

[...] O homem estocástico não possui mais disciplina pessoal, não se sabe se ele voltará para casa esta noite e a que horas... fragmentado, sua trajetória é irregular como sua vida [...]. Um dia, o encontraremos pendurado ao seu telefone e ao seu notebook, num banheiro do TVG¹⁰¹, que parte para um destino que nada tem a ver com aquele de seu bilhete... Conectado às redes eletrônicas, o homem estocástico é vazio de seu sentido, sujeito às puras sensações do imediatismo, que lhe serve doravante de estímulo artificial, cuja ausência lhe fará sofrer muito [...]. (ETTIGHOFFER, BLANC, 1998 apud AUBERT, 2003, p. 129-154, tradução nossa).

Ter o glocal ausente significa na vida de muitos indivíduos não estar atualizado, não estar em dia com o mundo cibercultural, afinal o desejo de estar na moda perpassa também o consumo desenfreado de infotecnologias mais avançadas, como já visto, onde o que importa é

<<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v30n2/a14v30n2.pdf>>, <<http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/efeitos-negativos-meios.html>>, <<http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=104>> e <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-60832012000300007&script=sci_arttext>.

⁹⁹ Há registros de síndromes causadas pela falta da infotecnologia, por exemplo. Entre elas está o que se denominou de *nomofobia*, que significa a conjunção dos termos “no” (ausência), “mo” (do inglês *mobile* – telefone celular) e fobia (em seu sentido etimológico de medo/pânico). Vejam-se mais informações sobre esta síndrome em: <http://www.jornaldamidia.com.br/noticias/2008/04/01/Especial/Sindrome_causada_pelo_celular_e_b.shtml>, <http://historico.elpais.com.uy/suple/ds/13/03/10/sds_701086.asp> e <<http://canal.ugr.es/medios-digitales/item/54622-nomofobia-la-enfermedad-que-quiz%C3%A1s-padece-y-no-lo-sabe>>.

Nesta última referência, de um canal de informação da Universidade de Granada, pesquisadores afirmam que na falta do aparelho celular, manifestam-se sintomas de ansiedade, inquietação, sentimento de culpa, mal-estar geral, tédio, dentre outros. Afirmam, ainda, que a maior incidência desta síndrome ocorre entre os jovens.

¹⁰⁰ Os autores pesquisam sobre os distúrbios que afetam as pessoas em contato excessivo com as tecnologias, e suas consequências no mundo do trabalho. Eles tratam a questão das pressões criadas em relação ao tempo e a forma como está sendo vivido o tempo de que dispomos, no que eles cunham de “Síndrome de Chronos”, fenômeno que envolve as sociedades atuais.

¹⁰¹ A autora se refere ao trem-bala francês.

suprir-se com a sensação de domínio, de poder. Rüdiger, por exemplo, assinala que o fazer técnico do humano está assentado sobre o poder, sendo que “[...] a essência da técnica é antes esse poder que, não podendo atuar sem limites, misteriosamente nos faz calcular e procurar ter controle sobre o movimento da existência” (RÜDIGER, 2006, p. 128).

O controle excessivo das coisas transparece como um dos principais motivos de angústia do ser humano nos momentos em que se encontra sem os suportes locais que lhe “auxiliam” na gerência de sua vida, de seu tempo, de suas urgentes atividades. Nicole Aubert (2003, p. 129-154) reforça ainda, de forma categórica, essa tendência ao hipercontrole que impulsiona o indivíduo premido pelo sentimento de urgência. Ela relaciona essa impulsividade ao problema de onipotência, de se estar sempre no controle da situação, como um desejo não realizável de possuir o tempo. Ela afirma, ainda, que a pessoa com essa espécie de enfermidade perde, inclusive, a capacidade de priorização das coisas, uma vez que deseja realizar tudo ao mesmo tempo, e fazê-lo com perfeição.

[...] o indivíduo encontra-se aprisionado em uma obrigação de reatividade em todas as direções, que o impede de tomar distância do aqui e agora, e o encerra na "tirania da urgência". A urgência revela-se como uma perversão do tempo. Perversão do tempo histórico, transformado no modo de funcionamento do "tempo real", que interrompe o fluxo das atividades diárias em um processo contínuo de abaloamento e, pelo domínio sobre o tempo subjetivo experimentado pelo indivíduo, que o conduz a um sentimento de não ser capaz de realizar [as atividades], o que, a partir daí, leva-o a diversas patologias, incluindo a famosa "depressão", doença característica do nosso tempo [...]. (AUBERT, 2003, p. 130, tradução nossa).

Ainda que a análise da autora esteja mais especificamente focada no âmbito profissional, constata-se que esse cenário se aproxima bastante às necessidades urgentes criadas na vivência global de modo geral – isto é, nas tarefas mais rotineiras realizadas no global –, e ao desejo de supri-las instantaneamente. Nesse sentido, Bauman também adverte que um dos maiores medos existentes em nossas sociedades é o “horror do inadministrável” (BAUMAN, 2008a, p. 96-125). Ele afirma que aquilo que não se consegue controlar é precisamente o que faz temer. Estar protegido pelo *bunker* global material e imaginário concede ao interagente a sensação de estar no controle da situação. Com isso, a ausência dessa proteção imaginária (TRIVINHO, 2007), só poderia acarretar um estado de aturdimento no indivíduo, como se ele estivesse desprotegido no momento, exposto a qualquer ameaça que possa ser proveniente desta ausência do global. Bauman recorda, ainda, que a falta de controle está relacionada ao medo do desconhecido, o que também reflete o risco de se estar indefeso, desprotegido: “o que *não* somos capazes de administrar nos é ‘desconhecido’, o

‘desconhecido’ é assustador. *Medo é outro nome que damos à nossa indefensabilidade*” (BAUMAN, 2008a, p. 125).

Isso só corrobora o quanto a *oikonomia* glocal serve muito bem às necessidades urgentes da civilização tecnológica atual, no controle descentrado do mundo. A *gestão glocal* se apresenta como *ferramenta de proteção* contra o que não se pode administrar. Ela também cerca o indivíduo em um *bunker* imaginário, mas um *bunker gerencial*, remetendo, inclusive, às infindáveis soluções empresariais para administração dos negócios de uma corporação. Porém, esse *bunker gerencial* proporcionado pela *oikonomia* glocal se põe como a *solução das soluções*, supondo ser, antes, a *resolução de todos os problemas de gerenciamento da existência em tempo real*.

Não poderia ser diferente o estado de pânico, descontrole ou de incapacidade total de fazer frente às urgências, dos indivíduos que se encontrem impossibilitados de acesso ao glocal. O estado de estranheza que surge entre o indivíduo e a situação de ausência do glocal por ele vivida não está em conformidade com o *habitus* já internalizado e experimentado como parte de sua vida cotidiana. Com efeito, está evidente que a condição de disponibilidade glocal cibercultural reveste o indivíduo de um *estado dependente em relação ao glocal*, seja estando apenas acompanhado de dispositivo glocal, para acionamento do mesmo a qualquer instante, seja no estímulo constante do desenvolvimento e resolução de necessidades locais, relativas ao seu existir em tempo real. Cumpre, por fim, questionar a autonomia do ser nesse cenário, considerando as tendências de mercado em matéria de produção de infotecnologias que estão por vir e que dão mostras de acoplar ainda mais o corpo ao ambiente glocal.

CONCLUSÃO

Reflexões sobre a temática da dependência estrutural em relação ao glocal móvel são de extrema relevância, porque suscitam questionamentos quanto à passividade de utilização da comunicação eletrônica em toda e qualquer atividade, momento e lugar em que o indivíduo se encontre. Contribuem, assim, para a busca de visões mais críticas sobre o processo de *virtualização de todas as coisas*, relativizando o desejo eminentemente glocal de se fazer parte do mundo em rede para sentir-se cidadão cibercultural – incluindo todas as “prerrogativas” de cidadão do mundo infotecnológico. Por isso, é imprescindível questionar como se configura o lugar do ser, que perde espaço gradativamente para a incessante práxis comunicacional como pura relacionalidade. Este cenário Lafontaine (2004, p. 199-200) mostra como sendo de perda da autonomia subjetiva e da singularidade histórica do sujeito, deterioradas pela racionalidade técnica e pela indústria de biotecnologias, pautadas no paradigma cibernético. Isso recorda, sobremaneira, o que Agamben (2009, p. 47-49) pondera sobre a subjetivação em relação aos dispositivos na atualidade, na qual o sujeito resultante desse processo teria uma forma espectral, não sendo capaz de produzir contradispositivos e de confrontar os valores e costumes instituídos através dos dispositivos. Ao contrário, o que surge são “corpos inertes”, que só reforçam o “triunfo da *oikonomia*”. O quadro traçado por Agamben bem se adéqua à práxis de *oikonomia* glocal, que demonstra estar também em fase “triumfante”.

Na vivência glocal, é difícil se falar em autonomia, pois enquanto no *habitus* de Bourdieu e no dispositivo de Agamben ainda há possibilidade de autonomia pelos desvios nas trajetórias de experiências e por meio de contradispositivos, respectivamente, no que se refere ao fenômeno glocal, a autonomia dá mostras de sofrer uma gradativa “neutralização”, pois, de um modo ou de outro, não se poderá recusar a vivência glocal sob o risco de constrangimentos, de morte simbólica, de perda de cidadania. A autonomia, em termos da utilização de dispositivos locais em tempos ciberculturais, converte-se nas opções: *usar ou usar* as infotecnologias. Nos contextos cotidianos, nos âmbitos familiar, do trabalho, das associações a que se pertence etc., geralmente paira a “exigência” de que as pessoas sejam encontradas via aparelhos comunicacionais.

No vínculo de disponibilidade em relação ao glocal, a *ação em si* granjeia sempre mais a primazia em detrimento do *ato reflexivo*. Por exemplo, no ato de zapear, o sujeito está consciente de que não há coisas interessantes a assistir, mas sua *autonomia* “neutralizada”

não se impõe suficientemente para questionar o próprio ato de estar zapeando. Com isso, resta a ele permanecer em frente ao televisor, provando que a própria consciência perdeu potência de questionamento da dependência estrutural. Pode-se dizer que esse automatismo de ação beira o significado de anestesia (que em grego significa *an-aisthēsis*, ou seja, “ausência de sensação” ou, ainda, “perda de responsividade”), em razão de que, na dinâmica de disponibilidade constante ao tempo real, o sujeito sofre uma *perda de responsividade ao que não é glocal*, bem aproximado àquilo que Virilio (1998, p. 132-133) denominou de desqualificação do factual.

Por outro lado, o contexto chega a ser tão pressionador, que ainda que se trate de um sujeito o mais consciente possível, não há como ele decidir não ser dependente do glocal, sem de alguma forma trazer prejuízo para sua cibercidadania. O sujeito simplesmente não pode se ver livre da *disponibilidade glocal cibercultural*, que o exige como ser interativo, dependente e obediente ao *status quo* da cibercultura. Cumpre verificar, então, a situação do pensamento crítico em tempos de dependência estrutural obliterada. Como pensar criticamente estando dependente do dispositivo glocal? Haveria alguma chance de que as mentalidades, os modos de pensar dos indivíduos, impulsionados, orientados e ressignificados pelo vai e vem da comunicação-dispositivo, busquem ainda sair desse tipo de *apatia cibernética*, onde o que impera é a fruição na rede comunicacional? Nesse contexto, só restaria desejar que ao menos o pensamento humano estivesse livre para expressar seu questionamento à dromocracia cibercultural, em que hoje se vive e que se espraia como regra geral para as sociedades. Entretanto, no mundo que se apresenta em seu estágio tecnológico cibercultural, o próprio pensamento é também, muitas vezes, prisioneiro da “imposição de uma interpretação tecnológica da totalidade da existência” (RÜDIGER, 2006, p. 179).

Heidegger (1959, p. 9-27) demonstra que o pensamento não está totalmente livre para questionamentos que não figurem sob as bases do cálculo e do controle, herdados do mundo da técnica moderna. Para ele, o perigo está em que o “pensamento que calcula” viesse a se tornar “o *único* pensamento admitido e exercido”, situação na qual o humano já teria renegado sua condição de ser que se coloca em reflexão. Por isso, o autor frisa a importância de “manter desperta a reflexão”. Ele assevera que o pensamento é, de fato, o que possibilita o questionamento do mundo técnico (mundo da com-posição) e que pode, ainda, ocupar-se da verdade sobre o ser (HEIDEGGER, 2008, p. 35). Entretanto, com a disponibilidade do humano à urgência inerente à *oikonomia* glocal, a própria necessidade de se voltar ao ser se torna sempre mais obliterada, uma vez que a pura atividade de gerência glocal se basta a si mesma. Contudo, sempre é válido interrogar a atuação e liberdade humanas nesta época de

vivência glocal, ainda que o pensamento se encontre notadamente perpassado de valores comunicacionais utópicos de fundamentação cibernética. Apesar de que a vivência em tempo real seja eminentemente imperativa para a atuação em sociedade nos dias atuais, é possível e coerente não abraçar a lógica do glocal como prisma para medir todas as coisas e, conseqüentemente, não tomar o glocal como matriz para a existência. Rüdiger lembra que o mais salutar é “resistir às exigências de renúncia à reflexão em favor das imagens com que agora se apoia e move nossa época” e se imbuir de uma “vontade de pensar de maneira crítica e independente os problemas que ela coloca aos contemporâneos e à humanidade histórica” (RÜDIGER, 2002, p. 104).

Reconhecendo o quanto as tecnologias disciplinam a vida humana, Vermeir (2005) propõe que não sejamos passivos na utilização cultural padrão desses artefatos. Ele diz ser necessário, antes, uma autodisciplina e uma autoconsciência para se opor à disciplina maquínica. Realmente, refletindo sobre o quanto já se desenvolveu a indústria de biotecnologias e a tendência cada vez mais crescente na produção de tecnologias vestíveis (*wearable technologies*), que aprofundará ainda mais o vínculo entre humano e dispositivos globais, será primordial *exercitar a autonomia subjetiva*, que resista às intrusões das novas tendências dispositivas, que ensaiam ainda mais obliteração, em virtude do “desaparecimento” da tecnologia mesclada ao próprio corpo.

Na contramão das necessidades emergenciais ciberculturais, cumpre-se imbuir de uma visão crítica em relação à lógica da civilização dependente do glocal. Vale-se posicionar por uma inconformidade com a lógica dromocrática do glocal ou se lançar numa proposta contra a velocidade desenfreada a que chegaram os processos humanos, através do incentivo de práticas que não necessitem ser globais para acontecer. Enfim, seria buscar o que Heidegger (1959, p. 24) propõe como “serenidade para com as coisas”, que se resumiria em “utilizar os objectos técnicos e, no entanto, ao utilizá-los normalmente, permanecer ao mesmo tempo *livres* deles, de tal modo que os possamos a qualquer momento largar” (HEIDEGGER, 1959, p. 23, grifo nosso). A assertiva do filósofo esclarece, ainda mais, o que já se discutiu no tópico dedicado à análise da “liberdade” glocalizada. O drama na ocasião de ausência do glocal evoca precisamente o fenômeno de vinculação que já se operou na vida do indivíduo, que não admite *largar* o dispositivo glocal a qualquer momento.

Embora em situações dramáticas de ausência do glocal, a angústia dela decorrente possa somente se intensificar e levar o indivíduo a investir ainda mais intensamente no acoplamento maquínico quando conseguir ter de volta o dispositivo glocal, por outro lado, essa mesma angústia pode ser momento privilegiado para o indivíduo se questionar o porquê

da angústia em torno de um dispositivo que lhe está fazendo falta. A experiência de uma angústia como esta pode fazê-lo atentar para o fato de que algo, estruturalmente falando, está lhe afetando em sua condição de liberdade. Talvez seja a chance de se perguntar o porquê de abraçar sem ponderações as tendências tecnoculturais que proliferam nos dias atuais, em velocidades que inserem as pessoas em uma lógica de pura busca de dromoaptidão. Como a angústia perpassa e impacta mais precisamente a subjetividade, é esta que precisa estar melhor resguardada no sentido de manter uma autonomia subjetiva, para que o indivíduo crie condições de liberdade em suas possibilidades existenciais, sem colocar a primazia na existência em tempo real.

Buscou-se, nesta reflexão, aprofundar a temática da dependência estrutural obliterada, levantando, dissecando, desconstruindo outras categorias que pudessem esclarecer e contribuir para análise e apreensão de tal fenômeno, tais como a comunicação-dispositivo e a *oikonomia* glocal. Crê-se, porém, que há muito mais a ser pesquisado nesse âmbito, a partir de outras categorias que possam continuar a contribuir para a reflexão crítica, sempre necessária, acerca da condição humana no cenário da vinculação gradativamente mais intensa do humano ao glocal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Livros e artigos

AGAMBEN, Giorgio. **O reino e a glória**: uma genealogia teológica da economia e do governo. São Paulo: Boitempo, 2011. (Coleção Estado de Sítio).

_____. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

ARAÚJO, Hermes R. (Org.). **Tecnociência e cultura**: ensaios sobre o tempo presente. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. São Paulo: Loyola, 2002. 3 v.

AUBERT, Nicole. **Le culte de l'urgence**: la société malade du temps. Paris: Flammarion, 2003.

BARROS FILHO, Clóvis de; MARTINO, Luís M. S. **O habitus na comunicação**. São Paulo: Paulus, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008a.

_____. **Vida para consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008b.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

_____. **Tela total**: mito-ironias da era do virtual e da imagem. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. **As estratégias fatais**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

_____. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção: Sergio Miceli. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. **Meditações pascalianas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007a.

_____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007b.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **O poder simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

BRETON, Philippe. **À imagem do homem**: do golem às criaturas virtuais. Lisboa: Instituto Piaget, 1995. (Coleção Epistemologia e Sociedade).

_____. **A utopia da comunicação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992. (Coleção Epistemologia e Sociedade).

_____. **História da informática**. São Paulo: UNESP, 1991.

CABAS, Antonio G. **Curso e discurso na obra de Jacques Lacan**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2005.

CASANOVA, Marco A. **Compreender Heidegger**. Petrópolis: Vozes, 2009. (Série Compreender).

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. (Coleção Rumos da Cultura Moderna, v. 52).

CAZELOTO, Edilson. **Inclusão digital**: uma visão crítica. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

DURAND, Gilbert. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004. (Coleção Enfoques. Filosofia).

FARAH, Rosa M. (Org.). **Psicologia e Informática**: o ser humano diante das novas tecnologias. São Paulo: PUC-SP, Núcleo de Pesquisas em Psicologia e Informática, Oficina do Livro, 2004.

FELINTO, Erick. **A religião das máquinas**: ensaio sobre o imaginário da cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2005.

FREUD, Sigmund. **O ego e o id e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIX.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: COSAC NAIFY, 2007.

_____. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. (Coleção Conexões, v. 14).

FORTE, Bruno. **A Trindade como história**: ensaio sobre o Deus cristão. São Paulo: Paulinas, 1987. (Coleção Teologia Sistemática).

GABBI JR., OSMYR F. (Org.). **Fundamentos da psicanálise**: pensamento, linguagem, realidade e angústia. Campinas: UNICAMP, Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, 1999. (Coleção CLE, v. 28).

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

HEIDEGGER, Martin. **Sobre a questão do pensamento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Ser e tempo**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, 2 v.

_____. **Serenidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 1959.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1997.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna**: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LA BOÉTIE, Étienne de. **Discurso da servidão voluntária**. Comentários: Pierre Clastres, Claude Lefort, Marilena Chauí. São Paulo: Brasiliense, 2008.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 23**: o sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LAFONTAINE, Céline. **O império cibernético**: das máquinas de pensar ao pensamento máquina. Lisboa: Instituto Piaget, 2004. (Coleção Epistemologia e Sociedade).

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
_____. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Campinas: Papirus, 2003.

LE MOS, André. **Comunicação e práticas sociais no espaço urbano**: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM). [S.l.], 2007. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/DHMCM.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2009.

LE MOS, André; JOSGRILBERG, Fabio (Org.). **Comunicação e mobilidade**: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil. Salvador: EDUFBA. 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

MOLTMANN, Jürgen. **Trindade e reino de Deus**: uma contribuição para a teologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ORTIZ, Renato. **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2003.
_____. (Org.). **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: de Nietzsche à Escola de Frankfurt. São Paulo: Paulus, 2006, v. 6. (Coleção História da filosofia).
_____. **Metafísica**. Aristóteles. Sumário e comentários. São Paulo: Loyola, 2002a. v. 3.
_____. **Metafísica**. Aristóteles. Ensaio introdutório. São Paulo: Loyola, 2002b. v. 1.

RÜDIGER, Francisco. **Cibercultura e pós-humanismo**: exercícios de arqueologia e criticismo, Porto Alegre: EdPUCRS, 2008. (Coleção Comunicação, 44).
_____. **Martin Heidegger e a questão da técnica**: prospectos acerca do futuro do homem. Porto Alegre: Sulina, 2006.
_____. **Elementos para a crítica da cibercultura**: sujeito, objeto e interação na era das novas tecnologias de comunicação. São Paulo: Hacker, 2002.

SENNETT, Richard. **O artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
_____. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. São Paulo: Relume-Dumará, 2002.

SFEZ, Lucien. **Crítica da comunicação**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
_____. **A saúde perfeita**: crítica de uma nova utopia. São Paulo: Loyola, 1996.

TRIVINHO, Eugênio. **Glocal**: visibilidade mediática, imaginário *bunker* e existência em tempo real. São Paulo: Annablume, 2012.

_____. *O bunker glocal e seu paradoxo: dialética operacional entre “refechamento” e “abertura” na civilização mediática avançada*. **Galáxia**: revista transdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura. Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, São Paulo: PUC-SP - EDUC, n. 16, p. 17-32, dez. 2008a.

_____. Visibilidade mediática e violência transpolítica na cibercultura: condição atual da repercussão social-histórica do fenômeno glocal na civilização mediática avançada. In: **XVII Encontro Nacional da COMPÓS**, 17., 2008b, São Paulo. Disponível em: www.compos.org.br/data/biblioteca_287.pdf. Acesso em: 25 ago. 2008b.

_____. **A dromocracia cibercultural**: lógica da vida humana na civilização mediática avançada. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **O mal-estar da teoria**: a condição da crítica na sociedade tecnológica atual. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

_____. **Redes**: obliterações no fim do século. São Paulo: Annablume; FAPESP, 1998.

TRIVINHO, Eugênio (Org.). **Flagelos e horizontes do mundo em rede**: política, estética e pensamento à sombra do pós-humano. Porto Alegre: Sulina, 2009.

VERMEIR, Koen. The hidden history of the cyborg: a historio-philosophical essay on the magic of technology. In: ZIELINSKI, Siegfried; WAGNERMAIER, Silvia (Ed.).

Variantology 1: on deep time relations of arts, sciences and technologies. Cologne: W. König, 2005. p. 223-246.

VIRILIO, Paul. **A máquina de visão**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

_____. **A velocidade de libertação**. Lisboa: Relógio D'Água, 2000. (Coleção Mediações).

_____. Os motores da história: entrevista com Paul Virilio. In: ARAÚJO, Hermes (Org.).

Tecnociência e cultura: ensaios sobre o tempo presente. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

_____. **A arte do motor**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996a.

_____. **Velocidade e política**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1996b.

_____. **A inércia polar**. Lisboa: Dom Quixote, 1993a.

_____. **O espaço crítico** e as perspectivas do tempo real. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993b.

WIENER, Norbert. **Cibernética e sociedade**: o uso humano de seres humanos. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1984.

2. Artigos/textos online

ABREU, C. et al. Avaliação da equivalência semântica e consistência interna de uma versão em português do Internet Addiction Test (IAT). **Revista de Psiquiatria Clínica**, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, v. 39, n. 3. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-60832012000300007&script=sci_arttext>.

Acesso em: 17 jan. 2013.

_____. Dependência de internet e de jogos eletrônicos: uma revisão. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 2008, v. 30, n. 2, p. 156-167. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v30n2/a14v30n2.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2012.

ARAÚJO, Paulo A. Nada, angústia e morte em Ser e Tempo, de Martin Heidegger. **Revista Ética e Filosofia Política**, Revista do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de

Juiz de Fora, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, dez. 2007. Disponível em: <http://www.ufjf.br/eticaefilosofia/files/2009/11/10_2_araujo.pdf>. Acesso em: 4 set. 2010.

BALLONE, G. J.; MOURA, E. C. **Compulsão à internet, mito ou realidade**. [S.l.]. 2008. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=104>>. Acesso em: 21 set. 2012.

ALEVATO, Hilda. **Tecnoestresse: entre o fascínio e o sofrimento**. B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof., Rio de Janeiro, v. 35, n.3, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.senac.br/BTS/353/artigo-06.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2012.

BAITELLO, Norval. Mídia como droga. **Ghrebh: revista do Centro Interdisciplinar de Semiótica, Cultura e Mídia**, São Paulo, out. 2003. Disponível em: <<http://revista.cisc.org.br/ghrebh4/index.html>>. Acesso em: 22 mar. 2007.

CANALUGR. **Nomofobia: la enfermedad que quizás padece y no lo sabe**. Granada: Universidad de Granada, 21 fev. 2012. Disponível em: <<http://canal.ugr.es/medios-digitales/item/54622-nomofobia-la-enfermedad-que-quiz%C3%A1s-padece-y-no-lo-sabe>>. Acesso em: 20 out. 2012.

CUNHA, Maria Amália de A. O conceito “capital cultural” em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica. **Revista Perspectiva**. Florianópolis: UFSC, v. 25, n. 2, p. 503-524, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.perspectiva.ufsc.br>>. Acesso em: 31 jan. 2012.

ERNANDORENA, Paulo Renato. A condição humana atravessada pela tecnologia: alguns reflexos na administração da justiça. **Revista Amicus Curiae**, v. 9, n. 9, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.unesc.net/index.php/amicus/article/viewFile/876/830>>. Acesso em: 8 fev. 2013.

KAMPER, Dietmar. **As máquinas são tão mortais como as pessoas**. [S.l.], 2006a. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/html/modules/mydownloads/viewcat.php?op=&cid=1#l1>>. Acesso em 22 nov. 2009.

_____. **Imanência dos media e corporeidade transcendental**. [S.l.], 2006b. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/html/modules/mydownloads/viewcat.php?op=&cid=1#l1>>. Acesso em 22 nov. 2009.

MACHADO DA SILVA, Juremir. De Heidegger a Baudrillard: os paradoxos da técnica. **Revista Famecos**. Porto Alegre, n. 13, dez. 2000, p. 155-162. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3091/2367>>. Acesso em: 18 abr. 2011.

ROSEN, Larry D.; WEIL, Michelle M. **Are computer, video and arcade games affecting children's behavior? An empirical study**. California: California State University, 2001. Disponível em: <<http://www.technostress.com/ADHDVideoGames3.htm>>. Acesso em: 14 nov. 2012.

SETZER, Valdemar W. **Efeitos negativos dos meios eletrônicos em crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Depto. de Ciência da Computação, Instituto de Matemática e Estatística da USP, 2013 (2008). Disponível em: <<http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/efeitos-negativos->

meios.html>. Acesso em: 16 mar. 2013.

_____. **Um antídoto contra o pensamento computacional**. São Paulo: Depto. de Ciência da Computação, Instituto de Matemática e Estatística da USP, 2006 (1996). Disponível em: <<http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/antidoto.html>>. Acesso em: 16 mar. 2013.

YOUNG, Kimberley. **Internet addiction: the emergence of a new clinical disorder**. Toronto, ago. 1996. Disponível em: <<http://www.netaddiction.com/articles/newdisorder.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2007.

_____. Cyber-Disorders: the mental health concern for the new millennium.

CyberPsychology & Behavior, New York, 2000. Disponível em:

<<http://www.netaddiction.com/articles/cyberdisorders.htm>>. Acesso em: 19 mar. 2008.

3. Teses e Dissertações

ASSIS, André S. **Comunicação e existência em tempo real na cibercultura**: a experiência do ciberespaço à luz da questão da técnica em Heidegger. 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica)–Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

BARBOSA, Bárbara C. O. **Ciberespaço e dependência**: uma análise dos vínculos do humano com o glocal interativo como *habitus*. 2008. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica)–Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

MOURA FÉ, Ana Lúcia D. **Tecnologias móveis e vida pessoal**: uma pesquisa sobre o impacto da comunicação sem fio no tempo de trabalho e nas demais esferas da vida social. 2008. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica)–Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

4. Artigos apresentados em eventos

BARBOSA, Bárbara C. O. Dependência do glocal na cultura latino-americana: considerações sobre as vinculações do humano aos meios interativos na confluência com o contexto latino-americano. In: CONGRESSO MUNDIAL DE COMUNICAÇÃO IBERO-AMERICANA – CONFIBERCOM, 1., 2011, São Paulo. **Anais eletrônicos**. São Paulo: CONFIBERCOM/SOCICOM/ECA-USP, 2011. Disponível em: <<http://confibercom.org/anais2011/pdf/286.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2011.

_____. *Habitus* e dispositivo na sociabilidade em tempo real: uma reflexão acerca da confluência entre fixos e fluxos comunicativos nas práticas sociais interativas. SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER, 4., 2010. Em fase de publicação nos Anais eletrônicos do Simpósio. Disponível em: <<http://www.abciber2010.pontaodaeco.org/trabalhos>>.

FERRAZ, Maria C. F. Cérebro, memória e esquecimento na era das teclas save/delete. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – COMPÓS, 17., 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: COMPÓS, jun. 2008. Trabalho apresentado ao GT - Comunicação e Cibercultura. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_291.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2011.

_____. O estatuto da imagem no século XIX: por uma genealogia da cibercultura contemporânea. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E CIBERCULTURA, 1., 2006, São Paulo. **Caderno de Resumos**. São Paulo: CENCIB/PUC/SP, 2006. v. 1. p. 34.

RÜDIGER, Francisco. O pós-humano: biopolítica e cibercultura. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – COMPÓS, 16., 2007, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: COMPÓS, 2007. Trabalho apresentado ao GT - Comunicação e Cibercultura. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_174.pdf>. Acesso em: 28 maio 2011.

TRIVINHO, Eugênio. Visibilidade mediática, melancolia do único e violência invisível na cibercultura: significação social-histórica de um substrato cultural regressivo da sociabilidade em tempo real na civilização mediática avançada. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – COMPÓS, 19., 2010, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: COMPÓS, jun. 2010. Texto apresentado ao GT - Comunicação e Cibercultura. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/>>. Acesso em: 24 jan. 2010.

_____. Visibilidade mediática e violência transpolítica na cibercultura: condição atual da repercussão social-histórica do fenômeno glocal na civilização mediática avançada. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – COMPÓS, 17., 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: COMPÓS, jun. 2008. Trabalho apresentado ao GT - Comunicação e Cibercultura. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_287.pdf>. Acesso em: 2 set. 2009.